



Psicologia e
Universo Quântico
Um olhar sob o paradigma
espiritual



1ª Edição
Do 1º ao 5º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação
Fotos da capa: Grupo Keystone
Direção de arte: Gabriela Diaz
Revisão: Maria Angélica de Mattos
Revisão de conteúdo: Evanise M. Zwirtes
Editor: Djalma Motta Argollo
Diagramação: Joseh Caldas

Copyright © 2009 by
Fundação Lar Harmonia
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020
distribuidora@larharmonia.org.br
www.larharmonia.org.br
(71) 33751570 e 32867796

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-86492-25-9

Todo o produto da venda desta obra é destinado
às obras sociais da Fundação Lar Harmonia

Adenauer Novaes

*Psicologia e
Universo Quântico*

Um olhar sob o paradigma
espiritual



F U N D A Ç Ã O
LAR HARMONIA

FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
CNPJ/MF 00.405.171/0001-09
Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã
41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2009

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Novaes, Adenauer, 1955–
Psicologia e Universo Quântico, um olhar sob o
paradigma espiritual

ISBN: 978-85-86492-25-9

208 p.

CDU –

CDD – 154.6

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|--------------------|--------|
| 1. Psicologia | 154.6 |
| 2. Física Quântica | 530.12 |
| 3. Espiritismo | 139.9 |



Aos físicos e matemáticos, pesquisadores indiretos da psiquê humana, velhos alquimistas e sacerdotes do mundo atual.

A convicção da força divina em todas as coisas sustenta minhas ideias que emergem a respeito do Universo Quântico.

O arquétipo é natureza pura, não deturpada... C. G. Jung.





Prefácio

Não há obstáculo à mente humana que não seja por ela criado quando se trata de imaginar. É essa arte que tem feito o ser humano chegar ao mais alto ponto de sua trajetória evolutiva, desfigurando véus e construindo diferentes alicerces do seu saber. Os horizontes têm se tornado cada vez mais largos na percepção da vida, do Universo e da própria mente humana, e isso se deve ao que nela criou as fantasias, os mitos e tudo que representa o transcendente. Os frutos do esforço humano em superar limites surgem nas grandes obras a serviço do espírito empreendedor e nas realizações beneméritas, nas quais aparecem a solidariedade e o amor. Esse sim, tem sido o grande fator motivacional das realizações humanas. Mesmo que se construam teorias contrárias ao rompimento da ignorância, a mente humana, num esforço autorealizador, extrapolará aqueles limites, apresentando o novo e o singular. Assim sempre foi na história do progresso humano. Quando tudo parece apontar para o ocaso do mundo, eis que surge uma luz, um novo paradigma, uma nova ciência ou um novo herói para mostrar de forma surpreendente que algo maior sempre se apresentará adiante. Paradoxalmente, e ao mesmo tempo compreensível, quanto mais a mente humana desvenda o mistério que envolve as coisas e o Universo como um todo fora dela, mais o ser humano se percebe a

si mesmo. O movimento, mesmo sendo para fora, volta-se para dentro. O que me moveu a escrever sobre esse tema tem a influência do olhar que sempre tive para as estrelas e para mim mesmo.

Adenauer Novaes

Natal de 2008

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 11 |
| Primeira Parte: Uma Outra Realidade | |
| Breve História da Física Quântica | 23 |
| O Que é Universo Quântico? | 41 |
| As Ideias Quânticas | 47 |
| A Busca da Unidade | 57 |
| Segunda Parte: A Realidade Espiritual | |
| O Que é o Espiritismo? | 67 |
| A Religião Espírita | 73 |
| Os Caminhos do Espiritismo | 81 |
| Implicações das Ideias Espíritas | 89 |
| Terceira Parte: Psicologia do Espírito | |
| Psicologia e Espiritismo | 97 |
| Breve Histórico dos Primórdios da Psicologia | 101 |
| A Ciência da Mente | 113 |
| O Lócus do Inconsciente | 121 |
| A Psicologia do Espírito | 125 |
| Física Quântica e Psicologia Analítica | 131 |
| Quarta Parte: O Humano e o Divino | |
| Espiritismo, Psicologia e Universo Quântico | 143 |
| Multidimensões | 151 |
| A Sinfonia Cósmica | 155 |



| | |
|--|-----|
| A Nova Ciência da Mente | 159 |
| Que Campos Criamos e Sintonizamos | 163 |
| O Universo é Elegante? | 169 |
| Ideias Quânticas e Distúrbios Psicoespirituais | 177 |
| Dúvidas e Possibilidades | 185 |
| Exercícios Quânticos | 191 |
| | |
| Glossário | 195 |
| | |
| Bibliografia | 203 |



Introdução

Desde que Max Planck publicou, em 1900, as leis sobre a radiação térmica e Niels Bohr afirmou que era impossível usar, num mesmo fenômeno físico, uma descrição no tempo e no espaço das leis de conservação de quantidade de movimento e de energia, o Universo deixou de ser o mesmo. Abriu-se a mente humana para a percepção de possibilidades múltiplas de compreensão da Realidade, exigindo total reestruturação de conceitos. Não adiantaram as tentativas de Albert Einstein de enquadrar ou limitar o Universo conhecido a um princípio único, pois a mente humana queria expandir-se para além dos limites estabelecidos. A lógica mecanicista estava com seus dias contados. A dissidência havida nos primórdios da Física Quântica era apenas uma das inúmeras divergências existentes na Ciência, que está longe de ser uma unanimidade.

Semelhante mudança de paradigma ocorreu décadas antes, em 1857, com o advento do Espiritismo, enquanto conhecimento que afirma as leis que regem os destinos humanos após a morte do corpo físico. Outro mundo se percebia, englobando a realidade material. Espiritismo e Física Quântica são duas grandes revelações científicas que contribuíram para o avanço do Espírito em sua ascensão infinita. Adiante, veremos esses dois conhecimentos com mais detalhes.

Definitivamente, a mente do observador foi inserida nos processos físicos, desagradando interpretações contrárias. Essa inserção não foi forçada nem ocorreu como alternativa de interpretação, mas por imposição do próprio fenômeno. O ser humano passava a se perceber como participante ativo do Universo e não apenas observador passivo do que lhe ocorre. Isso o obrigou a rever sua visão de mundo, de realidade e a sua concepção a respeito de Deus.

O mais neófito dos físicos quânticos sabia que não encontraria a unidade última da matéria, por se tratar de uma abstração, mas que alcançaria seus rastros, passíveis de identificar a natureza das coisas. Os físicos quânticos não imaginaram, porém, que se deparariam com um outro universo: o fantástico e imprevisível mundo microatômico. Descobriram um universo dentro de outro, funcionando com princípios inalcançáveis e paradigmas distintos.

Os significativos avanços proporcionados pela Física Quântica não se limitaram ao *laser*, aos computadores e ao uso, muitas vezes inadequado e inconsequente, da energia nuclear, mas, principalmente, alcançaram uma nova visão de mundo e a quebra de importantes paradigmas clássicos. Teorias novas a respeito da vida, do Universo e da realidade foram surgindo, proporcionando uma grande abertura à mente humana para compreensão de sua origem, de seu destino, bem como de sua complexa estrutura.

Assuntos de ordem espiritual, antes de domínio exclusivo das religiões, passaram também a ser objeto de interesse da Física, em face dos múltiplos universos dimensionais que as equações da Matemática Quântica evocavam. O mundo físico e o mundo espiritual passaram e se entrelaçaram sem que se pudesse estabelecer onde começa um ou termina o outro.

Novas disciplinas, novos teóricos e um sem número de experimentos promoveram a inserção de algo inimaginável para as conservadoras academias científicas: a especulação filosófica baseada na intuição humana, que balançariam os alicerces do saber humano. A racional ciência se rendia ao escaninho do inconsciente humano. Nada mais justo para um saber que se afastou da submissão dos excessos teológicos da Idade Média, indo para o extremo oposto da afirmação exclusiva da deusa razão. Não esqueçamos, porém, de que essa mesma deusa o conduziu à percepção da natureza espiritual por detrás da matéria bruta.

O mundo quântico, ou Universo Quântico, é a nova ordem sob a qual devem se basear os poetas, místicos, cientistas, filósofos e leigos, como base de suas ideias e especulações. Com as descobertas da Física Quântica, o Materialismo ficou mais órfão do que antes, e a concretude da realidade ficou-se diante do observador, agora senhor do processo, que legitima sua existência. É o observador que qualifica a matéria.

É preciso ter algo muito mais robusto para negar o que se percebe no mundo microscópico e que se opõe e complementa o que ocorre no macroscópico. Por que deveria haver uma unidade? Será que a mente humana está se reestruturando para comportar a possibilidade de compreensão de múltiplas leis para os fenômenos físicos? Ou ainda prevalecerá a velha concepção de que não pode haver contradições às leis conhecidas? Não seria mais sensato pensar que a mente evoluiu com o Espírito, permitindo-lhe manifestar a complexidade de sua natureza?

As ideias que estão surgindo com as pesquisas e estudos, após as descobertas da Física Quântica, proporcionam uma ampliação da consciência para além dos horizontes, até então definidos para o destino humano, e sua compreensão da realidade. Estamos diante de uma

nova era de incertezas e descobertas a respeito da vida, do Universo e do destino humano. Parece que o ser humano está vivendo um grande momento de mudança de paradigma, tal qual ocorreu após as afirmações de Nikolau Kopérnico sobre o sistema heliocêntrico, no Século XVI, e confirmações por Galileu no século seguinte.

A temática quântica tem despertado grande interesse nos meios acadêmicos e na mídia em geral. Porém, ainda não o suficiente para a referida mudança, pois os ecos filosóficos das ideias geradas ainda não alcançaram definitivamente a psiquê humana. É uma questão de tempo e de maturação do saber.

Escrevo este livro como uma contribuição ao desenvolvimento das ideias a respeito e numa tentativa de apresentar certos temas fronteiriços à Física, à Psicologia e ao Espiritismo.

Este não é um livro sobre Física Quântica, mas sobre a filosofia que se pode fazer a partir das elucubrações de suas formulações teóricas. Trata de ideias, especulações e teorias. Não apresentarei complicadas fórmulas matemáticas nem experimentos científicos, mas ideias e princípios para subsidiar reflexões ao leitor. Portanto, meu olhar será filosófico, psicológico e espírita, cujas considerações serão de ordem não-física. O leitor mais exigente com enunciados científicos e com equações matemáticas deve recorrer à bibliografia relacionada ao final. Não quero, creio que talvez não seja possível, fundamentar-me apenas na Física Quântica, pois a ciência já reformulou suas teorias inúmeras vezes. Quero apenas tornar mais claro para mim mesmo que as descobertas recentes no campo científico, particularmente na Física Quântica, sugerem um preparo da psiquê para novas percepções da realidade.

Os limites do pensar humano ainda estão condicionados às interpretações clássicas da realidade, segundo pressupostos exclusivamente materialistas. Porém,

oriundas de um materialismo mecanicista e determinístico, contrário à realidade hoje observada na própria matéria. Até mesmo o mundo macrocósmico é retratado e pensado segundo ideias clássicas, já ultrapassadas.

O Universo é comumente representado por um conjunto de pontos luminosos que, pelo pano de fundo em que são retratados, denotam se encontram a distâncias incomensuráveis. Isso induz a acreditarmos que o desconhecido se encontra distante e, por muito tempo, inalcançável ao ser humano, como se vivêssemos numa grande caixa tridimensional, em que estamos no meio dela, muito distante de seus limites. Na realidade, ainda não se consegue perceber, salvo matematicamente, a possibilidade de multidimensões que se interpenetram, englobando o Universo tal qual hoje é representado. O Universo conhecido, detectável cientificamente, é forjado (concebido) pelo ser humano segundo as projeções do Inconsciente. As multidimensões contêm o ser humano. Observamos o Universo a partir dos órgãos dos sentidos, que plasmam uma realidade de acordo com a frequência que é possível ser percebida. Abstraindo-nos dos órgãos dos sentidos, iremos nos perceber inseridos em um contexto muito maior, no qual a mente não é prisioneira dos sentidos, mas conectada à sua essência, o Espírito imortal.

O ser humano ainda é prisioneiro de seus sentidos e de suas ideias determinísticas. A Matemática, com sua simbologia, consegue fazê-lo enxergar além de seus limites orgânicos, porém não o permite sentir sua dupla natureza, orgânica e espiritual. Por outro lado, a mediunidade, como mãe das faculdades psíquicas, leva-o a uma outra dimensão em que sua mente pode transitar, percebendo fenômenos inalcançáveis pelos estreitos limites sensoriais impostos pelo corpo físico. A Física Quântica, com seus experimentos e descobertas, o fará, com a ajuda da Psicologia e do Espiritismo, perceber além dos limites autoimpostos.

C. G. Jung, mestre da Psicologia, e Allan Kardec, mestre das questões espirituais, são coerentes em afirmar a relação estreita entre mente e matéria. Para Jung,

Da mesma forma que o átomo não é indivisível, assim também, como haveremos de ver, o inconsciente não é puramente inconsciente. E, da mesma forma como a Física nada mais pode fazer, sob o ponto de vista psicológico, do que constatar a existência de um observador, sem ter condições de afirmar o que quer que seja sobre a natureza deste observador, assim também a Psicologia só pode indicar a relação da psique com a matéria, sem ter condições de dizer o mínimo que seja quanto a natureza da mesma.¹

Allan Kardec, por sua vez, tratando do fenômeno mediúnicos, afirma que

Pode-se fazer objeção ao fenômeno porque ele não se produz sempre de uma maneira idêntica, segundo a vontade e as exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições; deve-se negá-los então porque se produzem fora dessas condições? Portanto, não há nada de estranho que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano tenha também suas condições de ser e deixe de se produzir quando o observador, apoiando-se no seu ponto de vista, pretende fazê-lo acontecer ao seu capricho ou sujeita-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que, para fatos novos, pode e deve haver novas leis. Ora, para conhecer essas leis, é preciso estudar as circunstâncias em que os fenômenos se produzem, e esse estudo só

¹ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. par. 417, p. 220. v. VIII.

pode ser fruto de uma observação perseverante, atenta e, muitas vezes, bastante prolongada. ²

Mais adiante analisaremos esses dois aspectos, psicológico e espírita, em relação às afirmações e dúvidas da Física Quântica. Veremos que estamos diante de algo maior, que permeia tudo e que tem como centro a psiquê humana e, acima de tudo, a relação entre o Espírito imortal e o Divino.

Por vezes, ao escrever este livro, me vi na necessidade de decidir entre analisar ideias imbuindo-me do paradigma clássico da causalidade absoluta ou deixando que minha mente seguisse sob o domínio do Universo Quântico, pouco convencional. Sentia-me inclinado à primeira alternativa, mesmo querendo fazer de forma diferente. De um lado, o convencionalismo cartesiano, cuja criatividade tem limites; do outro, o infinito em aberto à espera de exploração pela mente humana. O leitor verá que ora estarei analisando influenciado sob um, ora sob outro paradigma.

O Universo parece ser constituído de algo que não pode ser tocado, sentido, percebido, senão indiretamente. Nenhuma coisa pode ser diretamente percebida por outra coisa. Em relação ao ser humano, nada do que vive o põe em contato com algo, senão de forma indireta. Tudo acontece em sua mente e de acordo com seu modo de perceber a realidade. Até mesmo sua observação do que poderia ser o mais concreto possível só ocorre indiretamente. Parece que o Criador da vida nos colocou num Universo intocável. Tocar algo é apenas perceber indiretamente e sentir seus efeitos.

Um exemplo disso se dá na observação do céu estrelado. Ao apontar seus rudimentares telescópicos para

² KARDEC, Allan, *O livro dos espíritos*. Salvador: Ed. Harmonia, 2007, p. 20. Introdução ao estudo da doutrina espírita, item III.

o céu estrelado, os astrônomos da Antiguidade não sabiam que estavam olhando para o passado. Não imaginavam que a luz das estrelas que alcançavam seus olhos tinha viajado milhões de quilômetros e cuja fonte já poderia estar extinta. Hoje, graças aos avanços científicos e estudos astronômicos, sabemos que a luz viaja no Universo e demora a alcançar nossa percepção. Quando vemos as estrelas, já não é mais o presente para um observador que esteja lá. Quando observamos a realidade de um simples momento à nossa vista, costumamos a entender que algo se passou entre o observador e o objeto observado. A luz que viaja do objeto para o sujeito traz sua história e seu passado. O presente é sempre fugaz, mas é a certeza máxima do Espírito.

Sobre as descobertas da Física Quântica (incerteza, probabilidade, não causalidade, observador/observado etc.), têm-se três atitudes: desdenhar, por não compreender ou não encontrar aplicação prática, fazendo de conta que não lhe afeta ou não existe, à semelhança de uma avestruz que enterra a cabeça no chão; estudar e pesquisar mais, tornando-se um físico ou matemático quântico, contribuindo para o progresso da ciência; filosofar, ampliando sua visão de mundo, impulsionando o desenvolvimento da personalidade na direção da autoconsciência, autodeterminação e contribuição para uma sociedade melhor. Optei por esta última. Pareceu-me de acordo com minha designação pessoal.



Primeira Parte: Uma Outra Realidade

*Breve História da Física Quântica
O Que é Universo Quântico?
As Ideias Quânticas
A Busca da Unidade*



Uma Outra Realidade

Avizinha-se o descortinar de um outro mundo, no qual a consciência humana desempenhará significativo papel para descobri-lo e simultaneamente se autodeterminar. Um mundo onde a vida material será de fato encarada como representação de algo maior que estará sendo consciente e inevitavelmente buscado para a definitiva (ou novamente provisória) compreensão do significado da existência humana. Essa nova realidade será de fato o resultante das consciências humanas já amadurecidas para o entendimento da participação na sua construção.

Independentemente da realidade ser ou não maya, o meu eu está aqui e agora, devendo ampliar cada vez mais meu campo de percepção de mim mesmo.



Breve História da Física Quântica

Tudo começou com as experiências da radiação do corpo negro (receptor, não emissor de luz ou emissor perfeito). O objetivo era avaliar a radiação, leia-se emissão de luz, por um corpo aquecido. Todo corpo a partir de determinada temperatura, de acordo com sua constituição, emite radiação, isto é, incandesce. Pensava-se que a luz era um fenômeno de emissão contínua, porém Max Planck percebeu que havia uma quantização, isto é, a radiação ocorre em pacotes mensuráveis denominados *quantum*.

Isso foi o começo de uma série de experimentos e observações que mudariam para sempre as leis da Física, bem como o papel do observador no Universo por ele conhecido.

Buscando uma melhor percepção da trajetória do conhecimento da Física, farei uma breve retrospectiva. A Física de hoje está longe de ser uma unanimidade, pois as teorias se multiplicam a cada momento nos diferentes laboratórios de pesquisas. Misturam-se física, metafísica, misticismo e teologia. Há físicos experimentalistas, teóricos, filósofos, matemáticos e, para desconforto da maioria, existem os religiosos ou espiritualistas. Isso é pertinente, pois, nos limites do saber de uma ciência, tende-se aos

princípios que foram negados. Afirmava-se a exclusiva existência da matéria, negando-se peremptoriamente algo metafísico ou espiritual. Pois foi exatamente na intimidade da matéria que se descobriu sua inconsistência e a possibilidade de existir a não matéria ou antimatéria.

Antes de Newton, preponderava o conhecimento empírico, oriundo da chamada física aristotélica, na qual os objetos eram animados e tendiam para uma configuração estética da natureza. A natureza tendia para o belo e o harmônico. Da Física dos tempos aristotélicos até Isaac Newton, pouco se evoluiu em termos do estabelecimento de princípios científicos matemáticos. Pode-se dizer que a Física, tal qual é concebida hoje, começa com Isaac Newton. Mas, antes dele, veremos algumas ideias que modificaram o modo de pensar humano.

Antecedentes Históricos

Nikolau Kopérnico (1473 a 1543), astrônomo, matemático, médico, administrador e jurista polonês, trouxe, por volta de 1514, ao mundo, seus estudos a respeito do Sistema Solar, propondo o sol como seu centro. O geocentrismo aristotélico fora abalado e definitivamente considerado anticientífico. Não foi sem reações explícitas que se aceitou o sistema heliocêntrico. As reações, principalmente da Igreja Católica, autoridade sobre o conhecimento humano até o Iluminismo, foram quixotescas. A fé colocava o ser humano como imagem de Deus e centro do Universo, porém a realidade diferia da crença cega.

Galileu Galilei (1564 a 1642), físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano, deu continuidade aos estudos de Kopérnico e foi o principal precursor das ideias de Isaac Newton. Construiu uma série de instrumentos importantes para a ciência, principalmente para a Astronomia. Ele confirmou matematicamente o sistema heliocêntrico e

identificou alguns corpos celestes. É considerado o pai da ciência.

Isaac Newton (1643 a 1727), físico, matemático, alquimista, astrônomo e filósofo inglês, publicou, em 1687, o famoso livro *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* (Princípios Matemáticos da Filosofia Natural), no qual apresentava seus estudos sobre a lei da Gravitação Universal e sobre a dinâmica do movimento dos corpos. Suas teorias uniram os fenômenos celestes aos terrestres. É o criador da Mecânica Clássica, que fez surgir o Determinismo Mecanicista. Com seus estudos, o ser humano pode compreender diretamente a dinâmica da Natureza, excluindo o fator “divino” nos movimentos dos corpos, a partir de enunciados de leis simples e mensuráveis.

As ideias de Kopérnico, Galileu e Newton formam a tríade de paradigmas que vão nortear o nascimento de uma nova ciência, a Física Clássica, e da Física Quântica. Com eles, tornou-se possível experimentar, repetir, mensurar e prever os fenômenos naturais. Paradoxalmente, sem as ideias clássicas, não se chegaria ao que é proposto pela Física Quântica. Os cientistas que trouxeram as novas ideias foram formados dentro dos princípios da antiga Física Clássica.

A Física se ocupa do estudo da Natureza e das leis que regem as relações entre os objetos que a compõem. Não é, a Física, materialista nem são, os físicos, céticos. Simplesmente o que é espiritual não é objeto de estudo dessa ciência. Só o será quando o olhar humano se tornar mais amplo e menos mecanicista.

Principais eventos que marcaram o surgimento da Física Quântica

No dia 14 de dezembro de 1900, em Berlim, o físico alemão Max Planck (1858 a 1947) apresentou sua famosa

Teoria dos “Quanta” de energia, demonstrando como se davam as trocas de energia entre os corpos. Ele foi responsável pelo cálculo da intensidade de radiação do corpo negro, além de quantificar a ação de movimento, propondo a existência de quantidades de energia em pacotes iguais, discretas e finitas: quanta de energia. Seus cálculos levaram a determinação da famosa Constante de Planck: $h = \textit{quantum}$ elementar de ação ou quântica. Ele introduziu, na Física, a ideia dos *quanta* com seus estudos sobre a radiação dos corpos incandescentes, apresentando sua famosa constante. Ele descobriu que os elétrons, quando mudam de camada no interior do átomo, emitem uma certa quantidade de energia ou *quantum*. Com isso, nascia a Física Quântica, mudando os destinos da ciência, principalmente no que diz respeito ao pensamento determinístico reinante.

As descobertas de Max Planck causaram profundo impacto nos meios científicos, sobretudo entre os que se apegavam aos antigos paradigmas. Não imaginavam que a Física estava para se revolver em suas entranhas e partir para um novo paradigma: o observador foi inserido no Universo como seu coconstrutor. Esse paradigma novo adveio da percepção de que as medições, os instrumentos de experimentação e as próprias experiências influenciavam nos resultados obtidos. Os cálculos probabilísticos passaram a fazer parte da Física, pois não se podia determinar com precisão aquilo que se conhecia como a unidade da matéria: o átomo.

A Física, que estuda os corpos submetidos à luz, paradoxalmente inicia uma nova fase a partir do estudo de um corpo sem luz. A dialética dos opostos já fora apontada por C. G. Jung (1875 a 1961) como sendo a forma de se encontrar a unidade. Para ele, só há consciência com a diferenciação dos opostos. A consciência parece ser uma confirmação da evolução humana, mesmo com sua tendência à separatividade. Ele afirma que “Energetica-

mente, a oposição significa um potencial, e onde há um potencial, há a possibilidade de um fluxo e de um acontecimento, pois a tensão dos opostos busca o equilíbrio.”³ E que “É no oposto que se acende a chama da vida.”⁴

Em 1905, o físico alemão, naturalizado suíço e depois norte-americano, Albert Einstein (1879 a 1955), apresentou sua Teoria da Relatividade, considerando que a energia é matéria sob determinada frequência, de acordo com a equação $E=mc^2$. Estudou a luz, estabelecendo sua velocidade como a máxima no Universo. Posteriormente afirmou que as ondas de gravidade viajam à velocidade da luz, demonstrando também que o espaço é curvo. A ideia da gravitação, tal qual descrita por Einstein, sugere a existência de um tecido cósmico no qual os objetos deslizam. Ele propôs o modelo corpuscular para a radiação eletromagnética ou efeito fotoelétrico, pelo qual ganhou, em 1921, o Prêmio Nobel da Física.

Einstein ampliou as descobertas de Planck sobre a radiação para todos os fenômenos da natureza, porém não concordava com a possibilidade do Universo ser probabilístico. É dele a famosa frase, numa carta ao físico e amigo Max Born, “Deus não joga dados”. Ele achava que a teoria quântica ainda não era a certa. Ela parecia contrariar sua ideia de que, por existir um Deus único, havia uma lei geral que regia todos os fenômenos da Natureza.

A obstinação de Einstein em negar a Mecânica Quântica (Isaacson, 2007) pode ter raízes em sua crença judaica. Sua convicção em um Deus único, criador e mantenedor da ordem e do Universo, exerceu forte influência sobre suas opiniões e ideias. Muito embora se mostrasse um homem religioso, condenava os físicos quânticos por considerar que as ideias sobre não localidade das partículas eram “espiritualistas”. Paradoxalmente, sua

³ JUNG, C. G. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1976. v. IX/1, par. 426, p. 230.

⁴ *Ibidem*, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. v. VII, par. 78, p. 45.

obstinação para provar o realismo era tão grande que afirmava haver uma natureza racional na realidade, e que essa natureza era de ordem religiosa. Ele era, no fundo, um místico que condenava o que considerava misticismo nos outros, por adotarem a Mecânica Quântica. Para ele, havia uma certeza da existência real dos objetos, e não, como queriam os físicos quânticos, uma probabilidade de existência. Para ele, as ideias quânticas punham o funcionamento da Natureza como se fosse um jogo de azar.

Foi de fato essa obstinação em criar inúmeros experimentos, frutos de sua fértil imaginação, que levou Einstein a contribuir para a formulação consistente da Mecânica Quântica, malgrado seu desejo de ridicularizá-la. Independentemente de não ter aceito a Física Quântica, Einstein foi o mais brilhante físico e o impulsionador da ciência no mundo, símbolo da inteligência humana.

Em 1911, o físico neozelandês Ernest Rutherford (1871 a 1937), ganhador do Prêmio Nobel de Química em 1908, realiza pesquisas com desintegração atômica e percebe que a carga do átomo está concentrada em seu centro. Por conta de seus estudos, propõe o famoso modelo atômico com um núcleo e os elétrons em órbitas. Esse modelo seria fundamental para o desenvolvimento da energia nuclear. Prenunciava algo interessante que aproximaria o fenômeno físico do fenômeno químico, como se uma alquimia estivesse ocorrendo.

O modelo atômico de Ernest Rutherford era algo presumido, pois nunca fora diretamente observado. De onde ele tirava a ideia dos elétrons em volta do núcleo? Provavelmente do mesmo "locus" de onde o famoso químico alemão Friedrich Kekulé (1829 a 1896), em 1895, propôs o anel hexagonal para sua estrutura. Retirou-o do Inconsciente. A proposta de Kekulé veio de um sonho que teve com uma serpente filando a própria cauda. O modelo de Rutherford não veio de um sonho, mas de uma projeção do *Self*, pois a esfera circundada pelos pontos luminosos

(núcleo atômico e elétrons em órbita) é uma representação mandálica (circular) do *Self*. C. G. Jung afirmava que “Em todo caso, as mandalas expressam ordem, equilíbrio e totalidade.”⁵ e “Apesar de a mandala ser apenas um símbolo do si-mesmo como totalidade psíquica, é ao mesmo tempo uma imagem de Deus, uma *imago dei*, ...”⁶. Os nossos físicos quânticos estavam bem próximos de algo divino. Como os alquimistas, os físicos quânticos, em suas pesquisas e experimentos, trazem conclusões mais próximas do Inconsciente do que da Consciência, em face das limitações perceptivas desta última.

Em 1913, o físico dinamarquês Niels Bohr (1885 a 1962), ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1922, estudando o átomo de Hidrogênio, aperfeiçoou o modelo de Rutherford, propondo a existência de saltos quânticos dos elétrons em órbita do núcleo. Ele aplicou a Teoria dos Quanta ao modelo atômico. Nasceram a Física Quântica e a Física Atômica. Bohr também propôs o Princípio da Complementaridade, isto é, é impossível usar, num mesmo fenômeno físico, uma descrição, no tempo e no espaço, das leis de conservação de quantidade de movimento e de energia. Isso se confirmava na dualidade onda/partícula. Com isso, conclui-se que a Física Clássica é uma particularidade da Quântica.

Einstein se opôs às ideias de Bohr, pois acreditava num Universo determinístico, com uma única lei que o explicasse. Bohr propunha um Universo probabilístico, no qual o observador desempenha importante papel. Einstein insistia na existência de um mecanismo causal para justificar a Natureza. A Escola de Copenhague, leia-se Niels Bohr, afirmava que o universo quântico era incerto.

⁵ JUNG, C. G. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1976. v. IX/1, par. 645, p. 356.

⁶ *Ibidem*, par. 572, p. 319.

Esses dois gigantes da Física debatiam ideias aparentemente opostas, mas que tratavam de uma única realidade: a natureza, seus fenômenos e suas origens. Suas ideias representavam faces de uma mesma moeda.

Em 1923, nos Estados Unidos, o físico americano, ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1927, Arthur Compton (1892 a 1962) descobriu que os elétrons, ao interagir com fótons⁷, ou quanta de energia, aumentam seu comprimento de onda. Com isso, ele confirmava a natureza dual da luz, isto é, a depender do experimento, ela se comporta ora como partícula, ora como onda. Isso aprofundava cada vez mais a ideia de um Universo probabilístico.

Em 1924, o físico francês, ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1929, Louis de Broglie (1892 a 1987) apresenta sua tese de doutorado, experimentada posteriormente, confirmando a dualidade onda-partícula. Ele provava que não só as ondas são partículas como também as partículas são ondas, isto é, cada partícula tem sua onda “associada”. Isso significava dizer que existem ondas de matéria. Nos objetos grandes, a frequência da onda de matéria é imperceptível. No pequeno, um elétron, por exemplo, tem tamanho menor do que o comprimento de onda a ele “associado”. Gradativamente, a Física Clássica perdia terreno para a Quântica, que se afirmava a cada novo estudo e experimento.

Em 1925, o físico austríaco Wolfgang Pauli (1900 a 1958), ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1945, propõe o Princípio da Exclusão, afirmando que não pode existir mais de um elétron numa mesma órbita atômica. É dele os principais estudos sobre a teoria do Spin do elétron. Pauli tinha conhecimentos de Psicologia, pois colaborou com C. G. Jung na formulação dos princípios

⁷ O elétron, quando passa para uma órbita interna, emite um fóton. Quando passa para uma órbita externa, absorve um *quantum*.

do que veio a ser conhecido com o nome de Sincronicidade.

Com isso, o modelo atômico de Rutherford ia se desenhando, alcançando um formato cada vez mais definido e próximo de contornos regulares e simétricos. A mandala representativa do *Self* se desenhava com mais precisão. Sem qualquer intencionalidade consciente, os físicos, cientificamente, iam representando o *Self* à maneira dos alquimistas quando procuravam a pedra filosofal.

Porém, a possibilidade da unidade da matéria de fato ser esférica e materialmente palpável caía gradativamente, pois as teorias ondulatórias se sobrepunham. Os cientistas percebiam que aquilo que chamavam de matéria era algo que emitia uma frequência, sem se definir seu formato ou sua natureza.

O modelo atômico idealizado por Niels Bohr se aproxima mais de uma representação arquetípica do *Self* do que daquilo que se concebe como sendo a partícula atômica, com a infinidade de subpartículas, ou ondas, que a compõem. Tal modelo atômico nos mostra que o ser humano, não conseguindo ter acesso direto à realidade, constrói modelos mentais aproximados, segundo o arquetipo predominante em seu psiquismo.

Nesses 25 anos (de 1900 a 1925) de física experimental, conhecida como Física Atômica ou velha Física Quântica, houve alguns avanços, entre eles:

- quantização mínima dos entes físicos, a exemplo da energia que era considerada contínua; passou-se a utilizar a Constante de Planck nas equações;
- determinação de propriedades ondulatórias para os átomos, moléculas, partículas subatômicas, associando-se uma frequência de onda a cada ente físico;
- determinação de propriedades corpusculares para a luz (emissão de fótons); o Princípio da Complementaridade tornou-se inegável;

- percepção de que as partículas não podiam ser diretamente vistas, pois não eram reais, mas ondas de probabilidade.

Nesses 25 anos, muitas discussões e controvérsias surgiram. Dada a complexidade dos temas e a incipiência dos instrumentos de experimentação, os progressos foram lentos, mas os resultados animadores. A Física avançava por um terreno movediço, cujos temas beiravam a Filosofia, a Psicologia e a Teologia.

A partir de 1925 até 1927, as descobertas e experimentações, bem como as especulações e formulações matemáticas deram ensejo ao que se chamou de Nova Física Quântica, principalmente pelo uso de matrizes e outros modelos matemáticos na análise dos fenômenos quânticos. Foram seus expoentes:

Werner Heisenberg (1901 a 1976), físico alemão, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1932, principal criador da Mecânica Quântica Matricial. Em 1927, enunciou o famoso Princípio da Incerteza, afirmando ser impossível medir simultaneamente e com absoluta precisão a posição e a velocidade (Momentum) de uma partícula. Heisenberg era um dos físicos que achavam que a natureza parecia absurda, ao analisar os resultados obtidos experimentalmente.

Max Born (1882 a 1970), físico alemão, naturalizado britânico, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1954, interpretou adequadamente componentes da equação de Schrödinger, principalmente a densidade da probabilidade para $\Psi^*\Psi$ (psi-estrela e psi são ondas que se movem para trás e para frente, no tempo). Afirmava não ser possível visualizar as ondas porque elas não são entes reais, mas ondas de probabilidade.

Ernst Pascual Jordan (1902 a 1980), físico alemão que fundou, com Max Born e Werner Heisenberg, a Mecânica Quântica e, com Wolfgang Pauli e Eugene Wigner, a Eletrodinâmica Quântica.

Erwin Schrödinger (1887 a 1961), físico austríaco, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1933, contribuiu para a Mecânica Quântica com sua famosa equação que leva seu nome e com o experimento conhecido por Gato de Schrödinger.

Paul Dirac (1902 a 1984), engenheiro e matemático britânico, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1933, com E. Schrödinger, impulsionou a chamada Mecânica Matricial, reunindo conceitos da Mecânica Ondulatória. Ele é o descobridor de uma partícula semelhante ao elétron, porém com carga positiva (Pósitron), conhecida como a antimatéria. Com ele consolida-se a ideia de que as partículas eram algo que vibrava, uma espécie de função de onda.

Richard Feynman (1918 a 1988), físico e matemático norte-americano, ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1965, demonstrou que não há vácuo e provou a existência de partículas onde se pensava existir um vazio. Em paralelo aos trabalhos na área de física teórica, Feynman foi pioneiro da Eletrodinâmica Quântica e da Computação Quântica e introduziu o conceito de Nanotecnologia no encontro anual da Sociedade Americana de Física, em 29 de Dezembro de 1959, na sua palestra sobre o controle e a manipulação da matéria na escala atômica. Feynman defendeu que não existia nenhum obstáculo teórico à construção de pequenos dispositivos compostos por elementos muito pequenos, no limite átomo a átomo, nem mesmo o Princípio da Incerteza.

Consequências da Nova Física Quântica

- Queda do determinismo na Física. Surge a Física não determinística.
- Validação do Princípio da Incerteza.
- Complementaridade. A Física Clássica é um caso particular da Física Quântica. Não há possibilidade de se prever condições iniciais.
- Os conceitos de velocidade, tempo e espaço são aplicáveis provisoriamente e por força da exigência de uma nomenclatura em ciência.
- Com a Física Quântica, a ciência se humaniza.
- Há de fato entes não físicos, não detectáveis.
- Há implicações do observador com o objeto observado.
- Surgimento do *Chip*, do *Laser* e do microcomputador.

Graças aos postulados da Física Quântica, temos a possibilidade de construir o código genético, mapeando os organismos vivos, visando uma compreensão maior a respeito da vida. Se a Física Clássica era precisão e a Física Quântica, probabilidade, a vida deixou de ser algo absolutamente definido, tornando-se de fato subjetividade.

A Teoria da Relatividade Geral, com o compromisso da ideia da existência de Deus como autor de um Universo mecânico, em oposição à Teoria Quântica, de um Universo aleatório, formam um par de opostos da ciência do mundo microscópico. A primeira exclui o poder humano, e a segunda o coloca como observador participante e atuante do Universo. Nenhuma das duas poderá prescindir da consciência de que há uma inteligência suprema que deu início a tudo, sobre a qual nada se pode dizer a respeito.

Einstein buscava uma teoria unificadora das forças e formas do Universo. Ele não aceitava a possibilidade de não haver uma unidade no Universo e dizia que “Deus não joga dados”. Ele não aceitava as ideias de Copenhague

(Niels Bohr), que postulava um Universo cheio de incertezas. Einstein tinha razão quanto à existência de Deus, porém é pouco provável que tivesse informações precisas a respeito do que Deus faz ou deixa de fazer. Agrada-me a ideia de que a incerteza faça parte dos planos de Deus e de que eventualmente Ele jogue dados. Falar sobre ou em nome de Deus será sempre uma incerteza.

A Física Quântica é essencialmente estudo a respeito da luz, do que simbolicamente é, portanto, estabelecido pela Consciência. Na realidade, a ciência, ou melhor, a Física, vem se debruçando sobre a natureza da luz. O que não é percebido como luminosidade não é de seu domínio. Suas afirmações são simbólicas. Da Mecânica Clássica passamos à Mecânica Relativística, à Mecânica Quântica, à Mecânica Matricial e, depois, à Mecânica Ondulatória. Aguardaremos o próximo passo da Física na direção da percepção da natureza espiritual por detrás dos fenômenos físicos.

Atualmente já foram detectadas mais de 100 diferentes partículas. Hoje, são consideradas como partículas elementares: fótons, léptons, mésons e bárions. Elas respondem pelas forças nucleares fortes e fracas. Algumas delas se subdividem em outras menores ainda e de vida curta. Vale ressaltar que existem partículas que desafiam as interpretações dos próprios físicos, mas que, matematicamente, são confirmáveis. Entre elas, o Tequion – partícula não física, que viaja a velocidade superior à da luz, e a partícula Y, de massa igual a zero, conhecida como Gráviton. Por enquanto, o ser humano, submetido aos seus sentidos físicos e ao que os instrumentos podem captar, projeta aspectos de seu Inconsciente na percepção do que entende ser o real.

Desde a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais, a Física Quântica tem avançado em experimentos de apoio à alta tecnologia e ao desenvolvimento de novos instrumentos úteis à vida humana, favorecendo a erradicação de doenças, a otimização de processos físico-

químicos, ao desenvolvimento da informática, entre outros. As buscas da Física Quântica não terminaram, tampouco estão em baixa. A Era da Incerteza foi inaugurada e isso traz grande contribuição ao desenvolvimento das ciências e da *psiquê* humana.

Algumas ideias de cientistas, de filósofos e de místicos ampliaram os conceitos surgidos com o advento da Física Quântica. A especulação filosófica tem dominado o cenário noticioso a respeito do mundo quântico. Uma das teorias mais aceitas no mundo científico é a das *cordas*. As *cordas* são filetes multidimensionais (invisíveis) que vibram produzindo a matéria. São considerados elementos formadores da matéria e de todos os fenômenos por ela protagonizados. O Próton, elemento considerado básico do núcleo atômico, composto por uma subpartícula de nome *quark*, seria produzido pelas cordas que vibram. Muito embora matematicamente coerente, a teoria das *cordas* é uma abstração da mente humana, ainda incapaz de alcançar de fato a intimidade da matéria. Para os físicos quânticos, diferentes vibrações das *cordas* provocam o surgimento de diferentes partículas.

Elas vibram em sintonia com leis cósmicas ainda não acessíveis ao conhecimento humano. Servem como estruturas provisórias para entendimento da dualidade existente no Universo material. Contribuem para explicação de fenômenos espirituais e de tudo que ultrapassa a mente lógica. A teoria das *cordas* não é experimental. Para ser compreendida, ela precisa de dimensões extras.

A teoria das *cordas* deu origem a outra, que sugere a existência de *Supercordas*. Em 1968, o italiano Gabriele Veneziano e o americano Leonard Susskind desenvolveram a equação das *cordas*. Em 1985, havia cinco equações da mesma teoria das *cordas*. Em 1995, Ed Witten unificou as cinco teorias, dando surgimento à Teoria M. (Mother, Matéria, Mistério, Matrix, Monstruosa?). A teoria evoluiu para o estabelecimento de *Membranas* ou *Branas*,

formadas pelas *Supercordas*. O *Big Bang* parece ter sido resultante de duas *Branas* que se tocaram. Acredita-se, com essa teoria, que existam dimensões ou universos paralelos, isto é, mundos invisíveis. Os estudos a respeito dessas teorias são recentes e não existem experimentos capazes de comprová-las.

A vibração das *cordas*, que colapsa (coagula) a matéria, fornece a ideia de um Universo disponível a quem aprenda a tocar ou reger uma melodia. Parece que tudo vibra sob a batuta de algum maestro ou sob um influxo de natureza desconhecida. Será que algum dia penetraremos de fato nesse grande mistério?

Cronologia

1803

Experimento da dupla-fenda pelo físico e médico britânico Thomas Young (1773 a 1829), mostrando o aspecto ondulatório da luz.

1897

Descoberta do elétron pelo inglês John Joseph Thomson (1856 a 1940).

1900

Hipótese Quântica pelo físico alemão Max Planck (1858 a 1947).

1905

Apresentação da Teoria dos Fótons e da Teoria Especial da Relatividade pelo físico alemão Albert Einstein (1879 a 1955).

1908

O matemático alemão Hermann Minkowski (1864 a 1909) propõe matematicamente a variedade quadrimensional para representar o espaço-tempo.

1911

O físico neozelandês Ernest Rutherford (1871 a 1937) descobre a existência do núcleo atômico.

1913

O físico dinamarquês Niels Bohr (1885 a 1962) propõe o modelo atômico de órbitas específicas.

1915

O físico Albert Einstein (1879 a 1955) propõe a Teoria Geral da Relatividade.

1924

O físico francês Louis de Broglie (1892 a 1987) propõe as ondas de matéria.

1924

O físico dinamarquês Niels Bohr (1885 a 1962), juntamente com o físico holandês H. A. Kramers (1894 a 1952) e o físico norte-americano John C. Slater (1900 a 1976) formularam o primeiro conceito das ondas de probabilidade.

1925

O físico austríaco Wolfgang Pauli (1900 a 1958) propôs o Princípio da Exclusão.

1925

O físico alemão Werner Heisenberg (1901 a 1976) propõe a Mecânica Matricial.

1926

O físico austríaco Erwin Schrödinger (1887 a 1961) estabelece a Equação de Onda de Schrödinger.

1926

O físico alemão Max Born (1882 a 1970) promove a Interpretação da Probabilidade da Função de Onda.

1927

O físico dinamarquês Niels Bohr (1885 a 1962), propõe o Princípio da Complementaridade.

1927

O físico alemão Werner Heisenberg (1901 a 1976) propõe o Princípio da Incerteza.

1928

O engenheiro e matemático britânico Paul Dirac (1902 a 1984) descobre a Antimatéria.

1932

Descoberta do Nêutron pelo físico britânico James Chadwick (1891 a 1974).

1932

Postulado em 1928 por Paul Dirac, foi descoberto o Positron pelo físico norte-americano Carl D. Anderson (1905 a 1991).

1932

O matemático húngaro, naturalizado americano, John von Neumann (1903 a 1957) desenvolve a Lógica Quântica.

1935

O físico alemão Albert Einstein (1879 a 1955), juntamente com o físico russo Boris Podolsky (1896 a 1966) e o físico israelita Nathan Rosen (1909 a 1991) propuseram o Experimento de EPR, desafiando a Mecânica Quântica.

1949

O físico e matemático norte-americano Richard Feynman (1918 a 1988) propõe a Eletrodinâmica Quântica, introduzindo conceitos de Nanotecnologia.



O Que é Universo Quântico?

Aquilo que chamo de Universo Quântico quer dizer diversidade de fenômenos e de possibilidades de compreensão da realidade. Trata-se de uma expressão aqui entendida como campo de possibilidades não convencionais de compreensão do que se chama de realidade. Engloba a totalidade dos fenômenos materiais e espirituais, todos vistos numa perspectiva não causalista nem mecanicista.

O Universo Quântico se configura em torno do que se pode chamar de Paradigma Quântico, ou um novo olhar a respeito da realidade e do destino humano, ampliado pela perspectiva multidimensional, incluindo a dimensão espiritual, que o encerra. Esse novo paradigma não nasce exclusivamente nas academias e laboratórios de pesquisa, mas no psiquismo coletivo que se amplia gradativamente ao longo da evolução da humanidade.

As ideias geradas a partir da Física Quântica foram antecedidas pelas ideias espíritas e pelas ideias a respeito do Inconsciente. A temática da imponderabilidade já estava circulando no ar, independentemente do que discutiram os físicos no final do Século XIX e início do Século XX. O paradigma novo já se apresentava na consciência popular. A Física Quântica é apenas uma face do Universo Quântico, do qual somos elementos atuantes.

No campo de entendimento do que é Universo Quântico, colaboram ideias oriundas da Física Quântica,

da Psicologia do Inconsciente, da Mediunidade, do Espiritismo, da Sincronicidade, da Cibernética, da Filosofia, da Matemática Avançada e da Alma Coletiva.

A Física Quântica é essencialmente estudo a respeito da luz, do que simbolicamente é, portanto, estabelecido pela Consciência. O que não é percebido como luminosidade não é de seu domínio. Suas afirmações são simbólicas. Suas descobertas põem em exibição os limites dos sentidos humanos e, em paralelo, a riqueza das possibilidades de compreensão da realidade. Graças ao estudo do mundo minúsculo, pode-se perceber que o Universo tem seus caprichos, inimagináveis à mente humana. Por muito tempo ainda ecoarão as incógnitas deixadas pelas teorias quânticas, principalmente a respeito do que é de fato a matéria.

A Psicologia do Inconsciente promove a percepção de um outro, além do eu da consciência, agente eliciador do comportamento humano e de sua compreensão ou visão de mundo. Amplia suas possibilidades de entendimento do que ele próprio é e de sua realização no mundo. Possibilita uma melhor compreensão da estrutura psíquica, auxiliando na diferenciação do que ele, o ego, é e do que usa para enxergar o mundo. A formulação da existência do Inconsciente proporciona ao ser humano sentir-se parte da vida das gerações que o antecederam, inserindo-o na história da Humanidade.

A mediunidade possibilita a ampliação da consciência para além dos limites do campo orgânico, contribuindo para que o ser humano penetre na dimensão espiritual. Graças a essa faculdade, torna-se possível o entendimento da multidimensionalidade na Natureza, isto é, a realidade não se limita ao visível pelo espectro luminoso. A mediunidade sendo considerada como uma faculdade orgânica, portanto detectável fisicamente, torna-a destituída do ranço religioso e da credulidade vulgar.

O Espiritismo, em face de seus princípios básicos (reencarnação, vida espiritual, mediunidade, imortalida-

de, evolução infinita do Espírito etc.), amplia os objetivos da existência humana, trazendo considerações metafísicas e transcendentais para o viver cotidiano. Seus princípios levam a autotransformação e a autodeterminação do Espírito. Ao apresentar o Mundo Espiritual, trazendo informações precisas e concretas pela via mediúmica, insere uma dimensão quântica no pensar e existir humanos.

A Sincronicidade, ou o princípio de conexões acausais, nos remete a uma ordem de fenômenos que não se enquadram no domínio mecanicista e causalista a que estamos acostumados a nos inserir. Sugere a necessidade de buscarmos uma compreensão do Universo a partir de paradigmas não convencionais. A Sincronicidade traz à discussão, por enquanto sem apresentar respostas, fenômenos que parecem se enquadrar numa categoria que desconsidera a dimensão espaço-temporal em que se situam os processos humanos conscientes.

A Cibernética, com seus estudos sobre informação e autocontroles, possibilitou o surgimento dos modernos e eficientes computadores a serviço do desenvolvimento da mente humana, mais livre de tarefas operativas. Graças à Cibernética, a ciência da computação tem aproximado o ser humano de seus processos psíquicos e da compreensão do funcionamento de sua própria mente. Cada vez mais se vê a interação cérebro e máquina nos processos cotidianos, principalmente na biotecnologia para auxiliar pessoas com deficiência motora.

A Filosofia, hoje dita Contemporânea, com seus estudos a respeito das ideias que englobam o ser humano, o mundo e a totalidade, vem cada vez mais afirmando que a realidade é multifacetada e de acordo com a forma ontológica de abordagem. As múltiplas e divergentes interpretações dentro da Filosofia vêm demonstrando a diversidade de concepções de realidade. A Filosofia não impõe limites ao pensar nem tampouco se mantém

cristalizada numa ideia. Filosofia não é Teologia ou qualquer saber restrito a um grupo ou escola. O paradigma quântico recebe a contribuição da Filosofia tanto quanto revolve seus pilares básicos a respeito da natureza do ser e do mundo.

A Matemática Avançada, como ciência dos padrões e regularidades, tem demonstrado que, não importando a observação direta, há algo subjetivo para o qual ela aponta e descreve. Com suas Teoria do Caos, Geometria dos Fractais e da Matemática Quântica, cada vez mais penetra no imponderável e no incognoscível. As equações matemáticas, longe de apresentar os padrões da Natureza, têm se aproximado do mundo psíquico, referindo-se aos processos mentais. As regularidades e os paradoxos da Matemática são instâncias psíquicas representadas nos números, que nada mais são do que entes metafísicos. Os matemáticos, como os físicos quânticos, também são os novos alquimistas em busca da perfeição da Natureza.

A Alma Coletiva é a sabedoria popular, ou consciência coletiva, que se amplia a cada momento da evolução humana. Podemos observar, nas diferentes culturas, a ampliação da consciência a respeito da realidade, proporcionando uma visão de mundo cada vez mais complexa e, simultaneamente, mais divina. Isso está de acordo com a teoria de Rupert Sheldrake a respeito da Ressonância Mórfica, com seus campos morfogenéticos, que propõe a transmissão de informações no espaço-tempo para outros sistemas materiais.

Que relação pode ser encontrada entre essas áreas do conhecimento que possa nos levar à existência de um novo paradigma? Segundo Thomas Kuhn, "... a existência de um paradigma nem mesmo precisa implicar a existência de qualquer conjunto de regras."⁸ Isso significa

⁸ KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 69.

dizer que não precisamos olhar diretamente para a ciência e procurar, em seus manuais e padrões, aquilo que podemos enxergar graças à intuição. Essas áreas, em conjunto ou isoladamente, apontam para ideias que sustentam um novo paradigma no saber humano.

O paradigma quântico tem modelado as pesquisas científicas, bem como teorias e estudos a respeito da vida, do ser humano e do Universo em que ele vive. Além disso, tem sido presente na consciência coletiva, balizando uma nova e surpreendente visão de mundo. Já fazem parte do vocabulário popular conceitos sobre relatividade, dualidade, interdimensionalidade, desmaterialização, realidade virtual etc.. Livros, filmes, documentários, teses de doutoramento, bem como a tecnologia da informática, atestam a penetração irreversível do paradigma quântico na sociedade.

O Universo, como agora está sendo percebido, não é indiferente ao ser humano. Seria indiferente se fôssemos meros expectadores da realidade, sendo afetados por ela, sem a mínima possibilidade de modificá-lo, restando-nos apenas fazer escolhas entre as polaridades psíquicas do bem e do mal. Nesse sentido, o livre-arbítrio não é uma simples escolha entre duas ou mais opções. O ser humano, sendo artífice da realidade, implica-se nela, tomando-a para si, como aquele que tem a responsabilidade de formatá-la a serviço da evolução pessoal e coletiva. Um Universo indiferente ao humano, determinístico, decorre da visão da Mecânica Clássica. Com o advento das ideias quânticas, cria-se um Universo cuja configuração depende do humano. Essa mudança no Universo não se deve à mera troca de concepção da mente humana, mas, de fato, a uma simultânea atualização evolutiva do próprio Universo, do ser humano e do que rege suas existências. A consciência de que se pode modificar o curso dos acontecimentos e dos fenômenos da Vida, amplia as possibilidades de

realização humana e de percepção do sentido e significado da vida.

Há uma lógica (ou um sentido) no Universo, independentemente do “caos” observado no microscópico mundo quântico do átomo. Certamente que não é a lógica requerida para a compreensão do mundo, onde impera a ideia da causalidade. Mas, então, qual é essa nova lógica? O que será que permeia todas as coisas e as tornam um fenômeno único chamado realidade? Existirá mais de uma lógica, acima da que concebemos? Essa lógica estará fora do observador e deve por ele ser percebida em si mesmo, como parte integrante de seu ser?

O aparente “caos” observado no mundo subatômico obedece a algum princípio, por enquanto, desconhecido para a mente humana. Aquele “caos” parece ser o estado originário de algo que tende à organização. Os físicos não aceitam o acaso, pois sabem que, em qualquer distribuição aleatória de eventos, números, por exemplo, é possível encontrar uma ordem ou uma lógica que justifique a sequência encontrada (Pagels, 1982). A palavra acaso, quando usada em argumentos de premissas pelos físicos, tem o sentido de aleatório. A própria mente humana não aceita um Universo regido pelo caos, mas também já não aceita que prevaleça a antiga lógica determinística. O que quer que seja está inevitavelmente conectado à mente humana.

As Ideias Quânticas

Crise do mecanicismo, falência de determinismo e nascimento de uma nova visão de mundo são as consequências diretas dos novos paradigmas quânticos. Isso representa o início de uma modificação substancial e gradativa no funcionamento da mente humana. Uma mente mais criativa, mais livre e conscientemente disponível para o Universo está por acontecer.

As ideias quânticas nos permitem sonhar uma realidade diferente que, mesmo emergida da lógica cartesiana, passa a ser permeada por uma liberdade construída pela própria mente humana. A questão é: com que valores se deve construir uma realidade pessoal que suporte a vida coletiva sem conflitos de interesses? Talvez, por mais pueril que possa parecer, o valor máximo do ser humano ainda é o amor desinteressado e espontâneo para com o outro, também ser humano, e, o amor *Fati*, como veremos adiante.

As ideias quânticas devem nos levar a construir e a desconstruir antiquados modos de pensar a Vida. Isso implicará na ampliação da consciência para além dos limites, sem medos, sem bloqueios ou convenções, ao menos nas reflexões. Ideias cristalizadas, que servem como pontos de apoio para a própria existência, podem ser agora cotejadas à luz de novos paradigmas.

Crenças antigas, sustentadas ou não pela lógica, podem e devem ser revistas sem que se resvale pelo anarquismo, mas que se tenha a coragem de questionar tudo. Não se

trata de destruir tudo, mas de construir o que se pensa, tendo como base o fato de se compreender a relevância do observador na configuração do Universo. Isso nos leva a entender que tudo que o ser humano viveu, pensou, sentiu e fez ao longo de sua história obedeceu aos ditames do corpo e de sua incipiente consciência. Tudo isso de forma inconsciente, isto é, sem a necessária autodeterminação.

As ideias quânticas são conhecimentos oriundos da percepção não linear e não causal da realidade. Permitem um olhar diferente sobre o mundo, ampliando os limites estabelecidos pelos sentidos físicos e pelos condicionamentos enraizados na mente humana. São ideias que aproximam o *ego* da percepção do Espírito sobre a realidade que lhe é pertinente. Fazem parte de um conjunto de paradigmas que superam os limites condicionantes da lógica cartesiana empirista.

A ausência de uma causalidade para os fenômenos do mundo microscópico, como sugere a Física Quântica, contrapondo-se a uma realidade governada por leis determinísticas aguça a inteligência humana que, por enquanto, felizmente ou não, teima em não aceitar totalmente nenhuma das duas hipóteses. Elas são complementares e de acordo com a dualidade existente entre o Inconsciente e a Consciência. As duas ideias têm gerado imensos benefícios à vida humana.

Os físicos quânticos tateiam a matéria na busca da “pedra filosofal”, atendendo, na sua curiosidade última, ao *Self*. Esperam, nos limites de seus instrumentos e, principalmente, nos da consciência humana, encontrar a unidade primordial da matéria. Muito provavelmente constataram, em meio à utilização dos princípios estabelecidos a partir de suas descobertas a serviço do bem-estar humano, que a matéria é um epifenômeno resultante de algo incognoscível.

Promovendo-a, há **algo** que provoca o colapso que a torna “real” para o humano. É esse **algo** indiretamente

detectável como uma frequência de onda, como um quantum de energia ou como matéria. É de fato algo incognoscível ou irrepresentável em si.

À semelhança, poderemos entender o mundo psíquico, no qual pensamentos, ideias, vontades, entes subjetivos são capazes de acionar células, moléculas, músculos etc.. A relação entre vontade e movimento corporal para a realização do simples ato de acenar com a mão para alguém obedece um complexo mecânico, psíquico e orgânico. A saudade, por exemplo, que me leva a pensar em alguém querido e que me move a acionar o telefone, se comporta como a onda e a partícula. Ela, a saudade, é imponderável e entra em “colapso” quando a trago à consciência na forma de pensamento (onda), que me leva a atuar (partícula) buscando um telefone.

Novas ideias a construir

Liberdade em relação à ideia clássica de Deus

Começemos analisando a ideia de Deus. Isso quer dizer que teceremos considerações tão somente sobre a ideia, pois não poderemos penetrar na existência ou na essência de Deus, que, da forma como o postulamos, torna-se inacessível ao humano. A crença em Deus sempre foi uma poderosa âncora psíquica, garantindo a base da segurança desejada por todo ser humano. Nos primórdios do desenvolvimento humano, imperava o inconsciente, promovendo medos e a criação de “monstros” e deuses para superá-los. Para justificar a existência de tantos deuses, um deus maior nasce na psiquê humana. Torna-se, estruturalmente, a garantia da ordem interna, projetada num mundo assegurado pela força e predomínio daquele deus maior.

Tornando-se, o indivíduo, consciente, construindo um ego maduro e preparado para enfrentar seus desafios

e toda a carga de conteúdos inconscientes, o deus maior começará a ser substituído. Tomará lugar a consciência de que lhe pertence o domínio do obscuro mundo inconsciente. A consciência de que o funcionamento do Universo tem sua participação e de que os “monstros” eram criações do ego imaturo, fomentará o surgimento de novas âncoras psíquicas garantidoras da ordem interna. Isso possibilitará o surgimento de uma nova forma de se lidar com a ideia que se tem de Deus. Talvez a evolução, tal qual a enxergamos, seja uma característica da dimensão em que se situa nossa mente. Da mesma forma, concebemos um Deus de acordo com nosso nível de compreensão. Ao invés de se apelar para Deus ou de se criar uma relação psíquica de dependência, ter-se-á a consciência de que Deus, não mais a ideia de Deus, opera através do ser humano, maduro e autodeterminado.

Liberdade em relação à causalidade absoluta

A causalidade absoluta, embutida sob nome de lei de causa e efeito, vem merecendo novas interpretações por conta dos princípios apontados pela Física Quântica. Sob um olhar menos apurado, diz-se que um efeito advém de uma causa, porém não se pode afirmar com precisão que esta é igual àquele ou mesmo qual sua natureza.

A lógica humana não consegue conviver com a ideia de uma não causalidade para os fatos. Não se aceita a possibilidade de algo surgir do “nada”. Realmente seria difícil sustentar-se essa ideia. Porém, o mundo subatômico suscitou uma nova ordem a esse respeito. Os saltos quânticos dos elétrons, sem que se saiba de onde e como surgem e desaparecem, exigem explicações à consciência. Evocar-se-ia uma outra dimensão, onde eles vão e voltam? Há um certo grau de “liberdade” inerente a tudo no Universo, que impossibilita a precisão de qualquer ordem?

O espaço geométrico, bem como o tempo, são entes psíquicos ou abstrações necessárias ao funcionamento da

mente, que necessita de suas concretudes para que o Espírito se insira como vivente. Da mesma forma, a causalidade é uma necessidade do atual nível de evolução do Espírito. Não devemos considerar, porém, que será sempre assim por toda a evolução do Espírito.

A causalidade obedece a uma lógica que nos obriga a aceitar a existência de um ente organizador dos eventos da Natureza, seja uma força, uma energia ou outra coisa qualquer. Tudo parece obedecer uma relação de consequência e de objetividade. Isso seria consequência da mente lógica, ou seria de fato algo inerente aos objetos e seus fenômenos? Se há um papel do observador nos fenômenos, então poderemos aventar a possibilidade de ser ele o fornecedor da causalidade aos eventos. Se há uma causalidade absoluta, então não há liberdade de escolha nem o surgimento de algo novo. Portanto, as coisas se sucedem umas às outras, sendo tudo um arremedo de uma única causa inicial. O raciocínio é perfeito, lógico e simples, porém desaprovado por uma ordem de fenômenos que teimam em se apresentar de forma diferente. Se não há causalidade, então o que governa a Natureza?

A questão não é o que governa, pois a pergunta implica numa causalidade. Talvez devamos perguntar o que queremos com a Natureza e como ela poderá se apresentar a nós. Há algo que permeia a Natureza e todos os processos, porém não dá mais para acreditar que seja algo mecânico e absolutamente racional. Esse algo parece convidar o humano à realização conjunta de propósitos não preestabelecidos.

Liberdade em frente da impossibilidade de alteração das leis consideradas imutáveis

Aprendemos que o Universo é regido por leis imutáveis, segundo uma lógica cartesiana da repetibilidade dos processos, o que garante a veracidade de enunciados. Significa dizer que os eventos se sucedem logicamente aos

outros de acordo com um princípio preestabelecido. Isso parece ser garantidor da ordem do Universo. Sem leis, haveria um caos. Na medida em que essa ordem tem a participação ativa do observador, ele poderá então intervir nela. Um observador mais consciente poderá, então, proporcionar fenômenos que parecerão não seguir tais leis, visto que seu grau de consciência sobre si mesmo e sobre o funcionamento daquelas leis ampliou-se. Ele não só protagonizará fenômenos que não obedecem aquelas construções, antes tidas como leis, como também poderá formular novas leis, mesmo que provisórias, desconhecidas até então.

Por outro lado, ao se afirmar que é uma lei, têm-se a certeza de que se trata de algo universal, absoluto e válido, sempre. Mas não se vê a própria ciência modificar suas leis quando novos princípios são descobertos? Há quem afirme que tal ou qual lei não é do domínio humano, pois se trata de uma proposição divina. Mas quem tem, de Deus, um mandato, para lhe representar, que lhe traga a “palavra”? Deus se revela no humano, em todo ato humano, e é pelo humano que surgem suas leis. Quando observamos o funcionamento das coisas, acreditamos que assim ocorre por uma lei externa à psiquê humana. Não percebemos que as leis que acreditamos existir fora de nós se encontram embrionariamente na mente coletiva, constituída ao longo da evolução anímica. Novas compreensões e desdobramentos dessas leis, ditas divinas, fazem parte do amadurecimento humano.

Liberdade em relação ao encontro do Si-Mesmo

Aprende-se, principalmente no Ocidente, que o ser humano deve buscar a Deus. Para tal, ele conta com um arsenal de possibilidades que englobam livros sagrados, sacerdotes que se mostram como intermediários divinos, rituais cabalísticos, substâncias miraculosas, fórmulas mágicas, vestes especiais, palavras místicas, alimentações

rejuvenescedoras, cultos a divindades, entre outros. Com a consciência de si mesmo e a percepção do divino como algo autoportante, deve-se entender a necessidade de dispensar-se tais instâncias, que, na sua maioria, atendem a projeções inconscientes.

Liberdade em relação ao domínio do próprio destino

O destino sempre foi algo imaginado pelo ser humano como pertencente ao divino. Somos conduzidos a ele sem alternativa de mudança ou de escolha. Ou já estava traçado por Deus, ou pelo carma passado. Agora, podemos antever que o Espírito, dono de seu destino, sabendo-se influenciador da matéria e de todos os fenômenos do Universo, poderá alterar seu destino segundo alguns limites decorrentes de seu próprio nível de evolução. A consciência do mito pessoal levará cada indivíduo a alterá-lo, ou não, de acordo com sua percepção do que lhe é mais vantajoso do ponto de vista evolutivo.

Ideias a desconstruir

Concomitantemente à construção dessas ideias, outras, no entanto, necessitam ser desconstruídas, plasmando-se um novo edifício psíquico adequado aos paradigmas quânticos pessoais e coletivos. O processo de desconstrução é lento do ponto de vista prático, mas intenso e fundamental do ponto de vista psíquico. Muda-se o modo de pensar e perceber a realidade e, depois, o de agir.

É preciso buscar não mais raciocinar de acordo com a causalidade absoluta, mas num universo de probabilidades de respostas e de eventos não alinhados com causas conhecidas. Deve-se permitir pensar que aquilo que acontecerá consigo não estará de acordo com suas expectativas negativas ou positivas, principalmente em relação ao primeiro aspecto.

Deve-se adotar uma religião pessoal não necessariamente alinhada com os preceitos formais das religiões tradicionais, mas oriunda da experiência pessoal com seu próprio sentimento de Deus. Buscar o entendimento de que o Deus pregado, discutido e procurado pelas religiões serve para o consumo coletivo, devendo-se adequar o conceito apreendido com a vivência pessoal. Dentro da dimensão religiosa, refletir sobre os meios oferecidos para se alcançar a Deus ou a sua máxima essência, compreendendo que se tratam de representações arquetípicas; portanto, servem de molde ao encontro da própria forma direta de proporcionar a percepção do Si-Mesmo.

Deve-se passar a considerar que o funcionamento do Universo obedece princípios desconhecidos, até então compreendidos pela causalidade e pela presença de um Princípio Ordenador Divino, mas que agora devem ser construídos pelo próprio indivíduo. Tal construção se dará na base da tentativa, pelos erros e acertos, cotejando-se com o compartilhamento dos outros. As leis do Universo serão, agora, percebidas sob um outro olhar, que admite a probabilidade de serem diferentes e surgirem novas a cada momento. Consequentemente, a chamada realidade se tornará um mosaico maravilhosamente construído pelo mundo interior das pessoas.

A conhecida expressão “O homem é Cociador da Natureza” ganha novo colorido, pois alcança conscientemente a dimensão prática. Torna-se possível a realização de projetos, sonhos e todo um mundo interior maravilhoso, pertencente de fato à alma humana.

| CONSTRUIR | DESCONSTRUIR |
|---|--|
| Liberdade em relação à causalidade absoluta | Causalidade absoluta |
| Deus Pessoal | Deus coletivo |
| Liberdade em relação à ideia clássica de Deus | Antiga ideia de Deus |
| Liberdade em frente da impossibilidade de alteração das leis consideradas imutáveis | Leis de Deus e concepção humana do funcionamento do Universo |
| Realidade multidimensional | Realidade definida pelos sentidos humanos |
| Liberdade em relação ao encontro do <i>Si-Mesmo</i> | Religiões como únicas vias de acesso a Deus |
| Liberdade em relação ao domínio do próprio destino | Destino inflexível e pré-definido. |



A Busca da Unidade

A tentativa de se encontrar um princípio único que justifique os diversos e complexos processos da Natureza, como também englobe a compreensão humana a respeito da vida e do humano em si mesmo, é antiga. Na Filosofia, os pré-socráticos afirmavam que os quatro elementos – terra, fogo, água e ar – formavam a unidade das coisas. Posteriormente surgiu o termo átomo (indivisível) representando a unidade da matéria. Na Idade Média, em busca de uma conciliação entre o espiritual e o material, afirmava-se que fé e razão eram unidades do saber humano, cujo encontro era possível desde que se aceitasse a supremacia do primeiro em relação ao segundo. Portanto, há muito tempo, a mente humana tenta encontrar a unidade, provavelmente por força do arquétipo do *Self*, cuja tendência é a organização de processos. No Século XX, Albert Einstein tentou encontrar um princípio único que unificasse as principais forças da Natureza, porém sem sucesso. Ele se baseou nos trabalhos do escocês James Clerk Maxwell (1831 a 1879), que uniu a eletricidade, o magnetismo e a ótica em suas famosas equações, dando origem ao Eletromagnetismo. Einstein queria unir as quatro forças: o eletromagnetismo, a gravitação, força nuclear forte e força nuclear fraca. Mais tarde, a Teoria das *Supercordas* tentaria também unificar as teorias do grande com as teorias do pequeno. A

obstinação de Einstein foi tratada com desdém pelos seus pares, pois ele discordava dos novos conhecimentos oriundos da Física Quântica. Sua obstinação representava uma projeção da grande busca humana pela percepção da unidade de Deus. Einstein foi o último físico clássico e, indiretamente, um dos primeiros cientistas a abrir os caminhos para a Física Quântica.

O ser humano nasce inconsciente e transita pela consciência para o encontro com sua própria unidade, isto é, sua individualidade ou *designação divina*. Antes de se perceber unidade, entende-se como grupo. Nesse processo, faz-se necessária a projeção de sua unidade (individualidade) no mundo. Isso pode ser visto, por exemplo, na aceitação e tentativa de compreensão de um Deus único. Independentemente da unidade ou não de Deus, a ideia dessa unidade é representação fundamental para a construção da individualidade consciente. Mesmo que não se acredite em Deus ou que se tenha devoção a vários deuses, há uma intencional referência a um objeto transcendente. Para aquela construção, é necessária uma lógica racional, constituída pelos seus principais fundamentos: temporalidade, causalidade e *consequencialidade*. Não parece ser possível a construção de uma individualidade consciente sem a projeção da ideia de existir uma unidade, seja ela simbólica ou considerada concreta. O Um, o *Si-Mesmo*, a unidade interna da *psiquê* humana, torna-se projetada na procura de uma unidade externa. Esse mecanismo (da projeção) é conciliador em face de uma persistente tensão entre o Inconsciente (atemporal, coletivo, parcialmente individual e natural) e um Consciente (inserido no espaço-tempo, pessoal, parcialmente coletivo e originado do Inconsciente) irremediavelmente conectado aos objetos externos.

Não é sem sentido que os recentes estudos e reflexões sobre as descobertas da Física Quântica nos levem a uma desconstrução de uma unidade externa. Talvez isso seja

representativo de uma nova possibilidade de compreensão da Natureza em face do amadurecimento do ser humano, que se liberta da necessidade de se individualizar considerando-se separado do outro. Parece que foi necessário passar pela ideia da unidade externa a fim de chegar à unidade interna, para depois se perceber conectado às coisas. Isso não significa que o processo se finda. Onde se chegará é improvável afirmar-se, mas é possível, agora, entender que o restante do percurso, ou melhor, a continuidade da caminhada, dependerá menos da crença num Deus externo, e muito mais da consciência de que Deus se realiza no próprio ser humano.

Na Mitologia Grega, há um mito que pode retratar, pelo menos parcialmente, esse novo estágio, no qual a orfandade parece bater à porta da consciência humana. Faetonte, filho de Hélios e Clímene, foi educado sem saber quem era o seu pai. Veio a saber pela mãe, na adolescência, quando decidiu certificar-se da verdade, pois não suportava o escárnio dos outros que não acreditavam ser ele filho de Hélios. Após árdua busca, chega Faetonte ao palácio reluzente de seu pai, Hélios, que disposto a agradar o filho, prometeu-lhe qualquer pedido. Faetonte lhe pede para conduzir, por um dia, o Carro do Sol, que atravessava o céu conduzido por quatro vigorosos cavalos. Sem poder negar sua palavra, após sérias recomendações para que o carro fosse conduzido a meia altura, sem ir muito alto nem tocasse a terra, Hélios viu suas ponderações de nada valerem. Quando, na aurora, Faetonte tentava subir o céu, conduzindo os quatro cavalos, estes sentiram que não eram mãos firmes nem seguras que os conduziam, passando a variar de direção e de altura. Faetonte perde o controle e a carruagem dispara, tocando as estrelas e os montes, incendiando céu e terra. Cidades, rios, montes e nuvens incendiaram-se, envolvendo o próprio Faetonte. Zeus, deus supremo do Olimpo, vendo a tragédia instalada, lança um de seus poderosos raios contra a carruagem e

seu condutor, que despenca, morto, no rio Erídano. O raio, certamente desferido, estanca o incêndio, deixando a Terra, por um dia, mergulhada em trevas.

Esse mito pode representar não só a audácia humana, como também a condição inicial de sua incompetência diante da complexidade do Universo. Tais condições são estimuladoras à busca de uma, cada vez melhor e mais completa, se é que é possível, formatação para a Realidade. Somos Faetonte na medida em que nos arrojam a buscar algo além de nossos limites de compreensão, exatamente para ampliá-los. A diferença é que Faetonte, diversamente do *Self*, sucumbe, qual *ego* frágil diante de um grande desafio, maior do que suas forças. O que quer hoje conduzir o “carro do sol” não é um *ego* frágil, mas o Espírito imortal, que já compreende ser o verdadeiro herdeiro do que era creditado a um Deus superpoderoso que se reservava o exclusivo encargo de comandar os destinos humanos.

A busca da unidade pressupõe que se venha encontrar uma harmonia em torno de um centro organizador, o que não ocorre no mundo subatômico. Não se consegue medir o grau de ordem ou de desordem no mundo micro. O mundo subatômico talvez não esteja sujeito à Entropia, segunda lei da Termodinâmica. A Entropia pode ser traduzida como uma medida estatística do grau de desordem de um sistema fechado. No mundo microscópico, o grau de desordem pode aumentar ou diminuir, a depender do próprio sistema. Não se pode garantir que os postulados da Mecânica Clássica sejam válidos na análise dos fenômenos quânticos. Modernamente, a partir das equações de John von Neumann, conseguiu-se generalizar a Entropia, incluindo as partículas quânticas, porém não se chegou a conclusões precisas. Isso quer dizer que o Universo está aberto a novas interpretações e formulações físicas e, principalmente, metafísicas. A velha ordem cósmica cede lugar a uma outra

ordem, desta feita com a participação consciente e ativa do sujeito observador, o Espírito.


Não há **um** cosmo, ou **um** Universo, ou mesmo uma única totalidade. A pluralidade é também “regra” na Natureza. Deus é plural e, por isso, singular. Isso pode ser depreendido a partir da dificuldade de se encontrar uma única formulação que englobe o mundo micro e o macro. Pensar que a teoria das *cordas* resolve a questão é o mesmo que se dizer que o enunciado da existência do átomo solucionava tudo. Mesmo que matematicamente se prove que as *cordas* formam a substância da natureza, resta-nos saber de que elas são feitas. A unidade procurada não está na natureza, mas na individualidade humana.

A busca da unidade da matéria põe à mostra uma contradição existente no saber humano: determinismo x liberdade do observador. A Física Quântica põe fim ao determinismo e à objetividade clássica. A Física Relativística vem complementar a Quântica e vice-versa. Porém, nem o determinismo nem o “caos” quântico podem explicar definitivamente a Natureza, pois há algo sempre novo que possa explicá-la e que gradativamente se descortina à mente humana. A liberdade do observador, improvável de ser aceita antes da Física Quântica, passa a ter definitivo papel na natureza. O Espírito ganha supremacia em relação à matéria.

As interpretações dos físicos quânticos são, de fato, provisórias. Não apenas pela fragilidade em se encontrar uma teoria que explique os poucos resultados obtidos nas pouquíssimas experiências levadas à efeito e na baixa aplicabilidade do que se obtém, mas, principalmente, pela falta de interdisciplinaridade em se refletir sobre os temas e pressupostos. Tal não ocorre só com a Física, mas com todas as ciências. Novas ciências e novas áreas do saber humano estão surgindo com a interdisciplinaridade. Foi assim que surgiu a Cibernética pela união da Física Quântica, da Matemática, da Engenharia e da Computação.

Da mesma forma, no campo prático, surgiu a Biotecnologia, a Biomedicina, a Bioenergia etc..

A unidade não é regra. A mente humana exige sua existência. Buscar uma teoria unificadora da Natureza é, talvez, menosprezar a Inteligência Divina. A Teoria das *Supercordas* pretendeu fazer o que Einstein não conseguiu: uma teoria unificadora dos parâmetros do Universo. Uma teoria do tudo. Os velhos alquimistas, vestidos de físicos modernos, buscam a *pedra filosofal*. Ela é um dos mais antigos mistérios para a mente humana desvendar.



Segunda Parte: A Realidade Espiritual

*O Que é o Espiritismo?
A Religião Espírita
Os Caminhos do Espiritismo
Implicações das Ideias Espíritas*





A Realidade Espiritual

Por enquanto, o tema é do domínio das religiões em particular, porém mais evidenciado no Espiritismo. Creio que se deve ao arquétipo religioso, que busca representações nas experiências relacionadas com a morte, com o destino e com as escolhas humanas. Como a fronteira entre o religioso e o profano cada vez mais se estreita, o assunto passará para o domínio comum, sendo objeto das ciências e da normalidade do cotidiano humano. Os limites psíquicos decorrentes da evolução humana estão sendo reduzidos pelas ideias quânticas, e isso levará a uma maior compreensão da realidade espiritual como sendo a origem do Universo.



O Que é o Espiritismo?

Como bem o definiu Allan Kardec (1804 a 1869), “... a doutrina *espírita* ou o *espiritismo* tem por princípios as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível.”⁹. Portanto, trata da dimensão espiritual, inserida no Universo Quântico, do qual, em princípio, tudo faz parte. A dimensão do Espírito como algo que se manifesta no mundo material, sob certas circunstâncias nele detectável, é passível de ser qualificável matematicamente do ponto de vista da Física Quântica.

Independentemente da questão moral, sempre evocada no Espiritismo, a dimensão espiritual é, como a material, um campo de manifestação do Espírito, possuindo características próprias, bem como dinâmicas interativas pertinentes. Seria equívoco querer aplicar a lógica causal, típica da dimensão material, a uma outra com especificidades pouco conhecidas. A dimensão espiritual obedece a leis próprias, pelas quais o Espírito está habituado a se orientar. Quando penetra, ou “toca”, na dimensão material, há que se adequar a um outro referencial, cuja vibração lhe permite plasmar a inteligência, bem como outros atributos pertinentes.

⁹ KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Salvador: Ed. Harmonia, 2007, p. 15. Introdução ao estudo da doutrina espírita, item I.

O Espiritismo abre possibilidades amplas de percepção, ainda dentro de estreitos limites, utilizando-se da lógica e do bom senso pertinentes à vida material, a outras dimensões da realidade do Universo. Isso amplia a compreensão da mente humana para outras dimensões a serem *experienciadas* naquilo que entendemos ser a evolução do Espírito.

O Espiritismo, visto e praticado como uma religião, responde ao anseio psíquico de atingir-se a transcendência da superação da dimensão material. Tal formato parece capacitar a mente a incursões em níveis dimensionais não atingidos pelo exclusivo uso da razão, pertencente ao intelecto humano. É a prática da mediunidade que possibilita a ampliação da consciência, capacitando a mente para ir além dos limites do sistema cerebral. Esse exercício, da mediunidade, deve ser cautelosa e persistentemente experimentado mediante metódico processo de aprendizagem, em face de suas implicações com o Inconsciente, matriz das motivações humanas. Como a consciência do eu ainda não consegue lidar adequadamente com o Inconsciente, a possibilidade da mediunidade originada da dimensão inconsciente torna a questão mais complexa.

A crescente aceitação e procura pelo Espiritismo, pelos mais diversos motivos, demonstra que já está havendo, ao menos embrionariamente, o desenvolvimento de habilidades psíquicas adequadas à imersão do *ego* na dimensão espiritual. Isso coloca o Espiritismo, como meio, ao alcance do ser humano, para que acesse dimensões existenciais distintas da dimensão material em que vive e atua. O conhecimento do Espiritismo permite uma maior compreensão do Universo Quântico, pois amplia a consciência para a percepção multidimensional. O Espiritismo é uma espécie de portal de acesso a dimensões que agora a Física Quântica descobre e comprova, ao menos matematicamente, a existência.

Há um só Espiritismo, fundado por Allan Kardec. Porém, a realidade do Espírito após a morte é muito mais ampla do que tem sido possível ser captado pela mediunidade. O Espiritismo de hoje, ao menos na cultura brasileira, apresenta, pela via mediúnica, uma formatação da realidade espiritual muito semelhante ao que ocorre na dimensão material. Isso é relativo ao estágio de desenvolvimento da *psiquê* humana, sendo, portanto, uma percepção provisória.

A doutrina do Espiritismo se fundamenta na existência, individualidade e comunicabilidade dos espíritos, sendo estes a matriz da pessoa humana e a continuação da sua vida após a morte do corpo físico. Os desdobramentos desses princípios, explicitados na prática do Espiritismo, forjam o que se conhece com o nome de Movimento Espírita. O espectro de práticas entre os adeptos e os modelos de instituição são muito extensos, estando longe de existir uma homogeneidade. A diversidade existente nas práticas espíritas não se deve, em geral, a divergências de interpretação da doutrina do Espiritismo, mas às diferentes características psíquicas de seus dirigentes e seguidores.

A meta do Espírito é sua evolução, para que alcance níveis superiores de compreensão do Universo e das leis que o organizam. O Espiritismo propõe um modelo de evolução calcado no ser humano, numa perspectiva espiritual, portanto, independentemente da vida material, sem, entretanto, relevar sua importância. O fator central é o Espírito e não a pessoa encarnada, enviesando parcialmente, por esse motivo, o olhar para o Além, em detrimento da vida no corpo físico.

Postulando-se como revelador das leis do mundo espiritual, coloca-se como doutrina assessória não só às religiões como também a todo conhecimento humano existente e por vir. Com ele, pode-se reinterpretar a história, bem como as origens da vida humana. Nesse sentido, o Espiritismo deve ser encarado como um saber,

à semelhança do que vem ocorrendo com a Física Quântica, que, mesmo contestada por muitos, revela algo imponderável, controvertido e transcendente.

Uma doutrina, enquanto explicação de fatos, é sempre provisória. A essência de que ela trata pode ser de fato real, porém merecerá, a cada novo paradigma que surja, uma releitura. Não é diferente com o Espiritismo, cujos princípios revelam aspectos estruturais da realidade disponível ao humano, mas que deve ser explicitado de acordo com a época e com o nível de evolução do Espírito.

Clareando a noção de ser humano, inserindo-o na dimensão espiritual, que engloba a material, o Espiritismo propõe uma releitura do conceito de vida humana. A vida humana se inicia na concepção e se finda na morte do corpo físico, porém a vida do Espírito não tem início definido. Iniciou-se e não tem fim. Quando se discute o conceito de vida e seu início, está-se referindo, portanto, exclusivamente, ao momento em que o Espírito inicia ou cessa sua conexão com o corpo físico.

O Espiritismo esclarece a existência do Espírito como individualidade imortal, dotado de um corpo espiritual que se acopla ao corpo físico a cada nova encarnação. A individualidade é o Espírito. A pessoa encarnada, ou desencarnada, é o espírito. Aquele é a essência criada distinta da matéria, e este é o que é dotado de razão, já tendo alcançado a condição humana. O espírito é aquele que tem uma mente ou *psiquê*, que lhe permite conectar-se à realidade. O Espírito é o princípio inteligente ou Princípio Espiritual, real fator de evolução.

Uma pergunta salta à consciência: ante os postulados probabilísticos da Física Quântica, o que é o Espírito? É ele o observador que modifica o Universo? De fato, o Espírito é o senhor dos Universos, isto é, da realidade na qual se insere. Foi-lhe outorgada pelo Criador a condição de construir o que pensa, sente e *experincia*. O Espiritismo, ao trazer as leis do mundo espiritual, oferece ao ser

humano a condição de apropriar-se de ferramentas imprescindíveis àquela construção.

Por outro lado, a matéria é algo que vibra e, sob certas condições, coagula-se, formando o que conhecemos com o nome de Universo. Pode-se pensar que esse algo é espiritual, mas esse termo é muito amplo. Talvez esse algo seja o que o Espiritismo chama de Princípio Material, que está disponível ao Princípio Espiritual para que a Vida se realize. O Princípio Espiritual colapsa a matéria sob determinadas contingências. O Princípio Material é suscetível à inteligência que circula livremente no Universo. Todo ato humano, ativa **algo** que entra em colapso no Universo, tornando-o consciente. Aquele que deseja, sonha, constrói, experiencia e evolui é o Princípio Espiritual. Enquanto o Princípio Material vibra, o Princípio Espiritual realiza o criador.

O Espiritismo considera que existe uma forma de energia sutil, como um fluido, que serve ao Espírito, também para a formação de seu corpo espiritual, conhecido como perispírito. Esse fluido, que é a base da formação da matéria, é inacessível ao olho humano, prestando-se à produção de inúmeros fenômenos chamados de mediúnicos. As atuais considerações da Física Quântica propõem que a matéria seja constituída de *cordas* que vibram. Isso se aproxima da ideia espírita de que o Universo material é um conjunto de diferentes vibrações ao influxo de algo que as governa. Os constituintes do Universo são coagulados segundo uma supraordem, ainda incompreensível ao humano.

O Espiritismo apresenta um conhecimento transcendente que tem sido constatado por algumas ideias quânticas. Indiretamente, os físicos estão tateando o que é da ordem do mundo espiritual. As ideias quânticas são compreensíveis quando se alcança a percepção da dimensão espiritual, compatível com um Universo plural, que abriga o causal e o não causal.

O espírito André Luiz, analisando os conceitos da Física Quântica, afirma que:

O homem passou a compreender, enfim, que a matéria é simples vestimenta das forças que o servem nas múltiplas faixas da Natureza e que todos os domínios da substância palpável podem ser plenamente analisados e explicados em linguagem matemática, embora o plano das causas continue para ele indevassado, tanto quanto para nós, as criaturas terrestres temporariamente apartadas da vida física.¹⁰

Portanto, muito há ainda que se descobrir neste e no outro lado da Vida.

¹⁰ ANDRÉ LUIZ, *Mecanismos da mediunidade*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB, 1973, p.39.

A Religião Espírita

As sociedades se organizam em torno dos meios de subsistência. Não são aglomerados aleatórios ou núcleos de indivíduos que se reúnem ao acaso. Por força do instinto básico e primordial de se manterem vivos, múltiplos processos são vividos pelos indivíduos, proporcionando a integração de competências e habilidades psíquicas. Em paralelo àquele instinto, um outro, de natureza não orgânica, que Jung deu o nome de arquétipo religioso, estimula o ser humano na busca de um sentido transcendente para sua própria existência. Esse instinto é responsável pelo surgimento dos ritos e das religiões. A religião espírita também atende a aquele arquétipo.

O Espiritismo se instalou no Brasil ainda durante os estudos de Allan Kardec. Data de 1865 o primeiro Centro Espírita do Brasil, o Grupo Familiar de Espiritismo, fundado na Bahia por Luís Olímpio Teles de Menezes (1825 a 1893), que, em 1869, editou o primeiro jornal espírita, *O Eco do Além Túmulo*, que chegou a circular fora do país. Já em 1866, Luís Olímpio defendia o Espiritismo dos ataques que lhe fazia o arcebispado da Bahia. Mesmo que o Espiritismo não se intitulasse uma religião, a Igreja Católica, ao atacá-lo, colocava-o no rol das religiões.

A via religiosa foi a mais adequada para a disseminação do saber espírita. Ao trazer explicações às parábolas do Cristo, apresentando a caridade como meio de

crescimento pessoal e concitando as pessoas à transformação moral, não restou aos católicos insatisfeitos com sua doutrina e desejosos de resolver suas questões mediúnicas senão migrar para o Espiritismo. Uma religião nascia e se impunha entre outras, tradicionais e conservadoras. A religião espírita se iniciou pelo estudo e pela prática da mediunidade e da caridade.

De certa maneira, ter se tornado uma religião enviou o Espiritismo, até mesmo atraindo uma certa resistência dos meios científicos em aceitar temas relacionados ao espiritual/mediúnico como objetos de pesquisas. Isso durou por algum tempo, porém, por força da natureza e para tentar negar o que não concordavam, alguns temas espíritas se encontram em estudos nas academias de vários países.

Mas o viés não foi despropositado. Creio que, sem ele, o Espiritismo não conseguiria chegar aonde chegou na consciência coletiva. Pela via religiosa, e não apenas pela razão, que exige a crença como conexão com o sagrado e a vivência de certas experiências numinosas, às quais estão associadas certas qualidades transcendentais, é que se tornou possível o alicerce de princípios fundamentais na mente humana.

Devo assinalar que o Espiritismo não é apenas uma religião nem deve deixar de sê-lo. Deve ser praticado como uma religião de autotransformação, sem dissimulações com propostas salvacionistas e alienantes. Fundamental que não se perca o foco da ampliação da consciência de que o humano é um espírito encarnado, cuja meta é a evolução.

O Espiritismo apresenta uma face nitidamente religiosa, como já analisado anteriormente, porém, independentemente desse formato coletivo, ele aponta para algo maior, para uma realidade mais ampla e além dos limites da consciência. Como religião, copia o modelo cristão de outras escolas evangélicas, mas adianta-se a elas propondo

o autoconhecimento, o autodescobrimento, a autotransformação e a autoiluminação. Seus princípios promovem a consciência da responsabilidade espiritual pessoal, sem transferi-la à divindade. Não propõe salvação, no conceito clássico de redenção e bem-aventurança mágica, mas esforço de transformação por várias encarnações, para evoluir.

Semelhante à proposta espírita, Swami Vivekananda (1863 a 1902), em uma de suas célebres conferências nos Estados Unidos, entre 1893 e 1897, afirmava o quanto é importante se ter noção da divindade da alma. Ele se aproxima da ideia de que há um significado não mecanicista nem causalista para a existência do ser humano, atribuindo-lhe uma condição essencialmente divina. As afirmações de Vivekananda se casam com o Espiritismo, na medida em que ele propõe uma religião pessoal e não a adoção sectária de uma religião coletiva.

Carece, o seio do Movimento Espírita, de discussão sobre os princípios básicos do Espiritismo, no intuito de se encontrar novas formas de apreensão do saber que eles representam. Sem essa discussão, eles acabam, com o tempo, virando dogmas, e seus adeptos se tornando, inevitavelmente, fundamentalistas. Os pilares básicos são as ideias expressas por palavras, que tomam o formato da época em que foram construídas. Por exemplo: a reencarnação é um fato que alicerça a ideia da evolução. Para justificar a reencarnação, ideias de causalidade determinística são afirmadas e veiculadas, desviando o sentido oculto da evolução. Apoiar-se na chamada lei de causa e efeito para argumentação em favor da reencarnação pode torná-la frágil. Exceções podem merecer esse princípio, mas não a totalidade dos casos. A liberdade de escolha, conhecida como livre-arbítrio, reduz a força do argumento, pois pode-se modificar o destino a partir de transformações interiores. A evolução é que deve ser a regra. Evoluir é conquistar gradativamente a autodeterminação,

adquirir o saber sobre a Vida, apreender o conhecimento das leis de Deus, alcançar o estado de felicidade etc.. Isso requer uma mente cada vez mais apta e complexa para lidar com o que evolui constantemente. A linguagem a ser utilizada deve merecer permanente atualização e as ideias que alicerçam devem conter os novos paradigmas conhecidos. Sobre evolução, não cabe mais utilizar-se de ideias determinísticas num Universo cuja compreensão é probabilística.

A religião espírita é postulada como aquela que, de fato, levará seu adepto aos propósitos que almeja, porém se deparando com as consequências de seus atos na vida material. É considerada como sendo o Cristianismo redivivo, isto é, renovado, que retornou mais adequado aos novos tempos. Isso de fato não corresponde à realidade. As teses espíritas estão, em sua maioria, fora do Cristianismo, salvo se o interpretarmos hoje à luz do Espiritismo. Portanto, não é algo que retorna. A afirmação de que Espiritismo é Cristianismo reduz aquele, que de fato explica este último, como quis Allan Kardec ao escrever *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. A afirmação causa indignação às lideranças das religiões que têm o Cristianismo como base de seus ensinamentos, pois parece excluí-las. A religião espírita é cristã, mas o Espiritismo é mais do que religião, portanto, é diferente e independente do Cristianismo. Sem o Cristianismo não teríamos o Espiritismo tal qual se pratica, porém isso não significa que seja a mesma coisa.

O Cristianismo, desde Paulo de Tarso, seu fundador, tem seus rituais, preceitos e normas. O Espiritismo, desde Allan Kardec, seu fundador, claramente põe, em seus fundamentos, a reencarnação, a comunicação livre com os espíritos desencarnados, a percepção espiritual a respeito da Vida e do Universo, sem rituais ou fórmulas cabalísticas.

Confundir Cristianismo com Espiritismo é, propositalmente, reduzir este em favor daquele, enviesando o

amplo saber que se descortina ao Espírito. O Cristianismo compreendido pelo Espiritismo difere daquele que é interpretado pelas religiões cristãs, pois há uma clara inserção das teses espíritas, principalmente a reencarnação e a mediunidade.

Não creio que haja possibilidade de exclusão do Cristianismo no Espiritismo, pois aquele constitui a via de expressão deste, além de ser sua maior bandeira moral.

Um outro tema a respeito do Espiritismo, tal qual é compreendido pela maioria da população que o pratica, é causalidade e destino. Tem corpo, nos meios espíritas, o argumento do axioma da causa inteligente para um efeito inteligente, pertencente ao período no qual vigoravam as ideias e paradigmas da Física Clássica para justificar a existência de Deus. O raciocínio é correto, lógico e coerente com a época, porém, agora, com as ideias quânticas, perde sua força. Em princípio, a existência de Deus não necessita de provas, pois a consciência humana (e o Inconsciente) O sentem. As ideias quânticas exigem uma supranatureza para justificá-las, pois a humana não se habilita. Uma prova será sempre provisória e inerente ao meio e à época em que ocorre. A ideia da previsibilidade dos fenômenos, consequência direta da Física Clássica, conduz ao absurdo de se acreditar no mecanicismo. Com a ideia de uma lei de causa e efeito, muitas vezes considerada como absoluta, principalmente para justificar a reencarnação, o Espiritismo contribui para uma visão também mecanicista. Nesse aspecto, o Espiritismo tanto quanto a Física têm dificuldade em abandonar o paradigma da causalidade mecanicista. A chamada lei de causa e efeito parece inferir a existência de uma espécie de determinismo espiritual.

Considerar que exista uma lei de causa e efeito baseando-se em *O Livro dos Espíritos* é não tê-lo lido adequadamente e de forma contextualizada. O axioma que afirma que não há efeito sem causa não torna a ideia uma

lei. Apenas nos leva à busca de causas, contrariando a possibilidade de existirem interações instantâneas. É mais prudente se afirmar que é possível existirem fenômenos cujas causas possam estar em outras dimensões. Ainda assim, poder-se-á questionar a causa que gerou a causa. Quando aquela causa for a vontade humana com sua capacidade criativa, talvez se possa entender que pode haver um início sem uma causa material anterior.

A consciência do observador que se desenvolveu naqueles princípios, que se estruturou considerando que suas ações promovem alterações na realidade, aceitará o raciocínio linear da causalidade absoluta. À medida que o observador se torna autônomo, maduro, autoconsciente da propriedade de si mesmo, perceberá imensas possibilidades de alteração de consequências lineares das causas perpetradas. O curso da “lei” é o curso da consciência.

A ideia da existência de tal lei pode nos fazer apenas, e tão somente, modificar as consequências, tentando adequá-las a modelos petrificados pela cultura de uma época. Corre-se o risco de não se pensar em gerar novas causas, que necessariamente não precisam gerar efeitos, e novas possibilidades de ser e de existir no mundo.

Isso nos leva a questionar a necessidade de se querer mudar o passado ou mesmo esquecê-lo, o que decorre da tendência de se acreditar que o presente está por conta do passado, excluindo o novo, o criativo e o tempo. Deve-se aprender com o passado, mas não se fixar nele nem desejar apagá-lo. Ele pertence ao contexto em que foi gerado e não deve ser analisado com a consciência do presente para recriar-se, mas para recondicioná-la à criatividade, sem que se aguarde consequências desastrosas. O mal do passado apenas atesta a ignorância do Espírito no tempo em que ele ocorreu e, quando eliminada, proporcionará outras possibilidades de ações não mais tidas como negativas.

Por outro lado, os fenômenos mediúnicos, estudados exhaustivamente no Espiritismo, são situados no tempo e no espaço para serem compreendidos. Não se deve esquecer que esses dois princípios são arquetípicos, portanto, não são entes concretos, mas vetores psíquicos para integração das experiências do Espírito, no corpo físico ou fora dele.

Espiritismo, como religião, terá o desafio de mudar os paradigmas que reinam na consciência de seus adeptos, sobretudo no que diz respeito à ideia de salvação e de causalidade absoluta.



Os Caminhos do Espiritismo

O Espiritismo se fixa, cada vez mais, como um movimento religioso. Malgrado o desejo de alguns, essa trilha tem sido percebida pelos temas abordados em palestras, livros e eventos (semanas espíritas, encontros confraternativos, congressos etc.). Além disso, a centração na figura de Jesus Cristo como modelo a ser seguido e a recorrência ao Evangelho cristão como norma moral do Movimento Espírita demonstram a tendência do Espiritismo como movimento religioso.

Os grandes Centros Espíritas e os principais líderes do Movimento Espírita exaltam o aspecto religioso, centrando a sua ação no serviço desinteressado aos que sofrem ou aos que são desprovidos de condições adequadas de subsistência, oferecendo-lhes a consolação e a certeza da imortalidade. Muito provavelmente isso decorre do teor das manifestações mediúnicas, que maciçamente doutrinam para tal.

Essa designação tem propósitos bem definidos e é coerente com as necessidades sociais e psicológicas do povo brasileiro. Há uma notória carência consoladora e religiosa entre aqueles que concordam com os princípios espíritas. A religiosidade humana é uma dimensão que ainda necessita ser atualizada com projeções típicas dos movimentos que tratam de temas transcendentais.

A via religiosa “escolhida” pelo Espiritismo foi a propícia e talvez única para que se alcançassem os

propósitos de ampliação da consciência humana. Isso também pode ter ocorrido por conta das personalidades desencarnadas que implantaram o Espiritismo, pois, na sua maioria, foram, em existências passadas, os pais da Igreja Católica.

A evolução do Espírito é um processo que deve ser tornado consciente, o que de fato vem ocorrendo, como se pode observar, pelo desenvolvimento intelectual e moral da Humanidade. Cada época trouxe seus paradigmas, promovendo novos hábitos, novos costumes, eliciados por novas ideias e conceitos. Assim, não poderia ser diferente no Espiritismo, pois vamos encontrar no corpo da sua doutrina a seguinte afirmação de Allan Kardec:

Espiritismo, pois, não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. Entendendo com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria. Deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará.¹¹

Pode-se observar que o fundador do Espiritismo admitia a possibilidade de atualização do saber espírita com a incorporação de novas verdades e com a alteração de algum princípio pré-estabelecido, já ultrapassado por

¹¹ KARDEC, Allan. *A gênese*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB. 1982, p. 44. Caráter da revelação Espírita, item 55.

novos paradigmas. Ele reafirma essa dinâmica num outro escrito, sobre a constituição do Espiritismo, dizendo:

O terceiro ponto, enfim, é inerente ao caráter essencialmente progressivo da Doutrina. Pelo fato de ela não se embalar com sonhos irrealizáveis, não se segue que se imobilize no presente. Apoiada tão-só nas leis da Natureza, não pode variar mais do que estas leis; mas, se uma nova lei for descoberta, tem ela que se pôr de acordo com essa lei. Não lhe cabe fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar. Assimilando todas as ideias reconhecidamente justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, ela jamais será ultrapassada, constituindo isso uma das principais garantias da sua perpetuidade.¹²

Não estava ele se referindo exclusivamente ao paradigma quântico, mas a todos aqueles que fossem cientificamente comprovados e testados pela alma coletiva humana. Isso implica numa investida dos estudiosos e líderes espíritas na reflexão e incorporação desses novos princípios ou na constituição de outros que surgirem, ampliando o alcance do conhecimento espiritual.

Há, no entanto, como em todo movimento religioso, uma certa inércia ou lentidão para modificações, muitas vezes consideradas precipitadas e desestabilizadoras do *status quo* reinante. Pensa-se que haverá redução de adeptos, ou que não se atenderão às necessidades religiosas das pessoas, ou mesmo que alterações atentam contra a ordem cósmica. Há ainda aqueles que não as aceitam por não terem elas surgido nas hostes espíritas, através de alguma comunicação mediúnica de fonte segura.

Aqui e ali, sob essa desconfiança, surgem alguns adeptos corajosos, estudiosos de mente aberta, que

¹² KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 16. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977, p. 348. Constituição do Espiritismo.

escrevem ou expõem novas ideias, novos princípios, que ecoarão, muitos anos depois, em gerações futuras. No entanto, a maioria usa expressões como: “com outras palavras, o Espiritismo afirmava o mesmo”, porém retornando ao discurso anterior, sem incorporar as novas verdades.

Graças ao movimento religioso, o Espiritismo se mantém e é cada vez mais procurado, primeiramente pela maioria cristã-católica, que lhe acrescenta sutilmente velhos hábitos e práticas retroalimentadoras da inércia ou lentidão para mudanças.

Isso não significa que será sempre assim. Novos espíritos espíritas reencarnam trazendo paradigmas que se instalaram no mundo espiritual e que vigorarão na sociedade dos encarnados. Essa é uma expectativa dos que desejam o progresso humano de forma não enviesada. Será uma nova geração que reencarnará na era da Cibernética, da Nanotecnologia, da Ética Global, da Ecologia, das ideias quânticas e da participação consciente do observador (Espírito Imortal) no Universo que o cerca.

Talvez, apressadamente, concluamos que, no futuro, os espíritos desencarnados se comunicarão facilmente e a qualquer momento, facultados por sofisticados aparelhos eletrônicos. Seria o mesmo pensamento da criança que quer encontrar brinquedos em todo lugar e por toda a vida, sem imaginar que há uma vida adulta na qual há múltiplos interesses. Não podemos esquecer de que os espíritos desencarnados têm suas ocupações inerentes à dimensão espiritual. A grande maioria dos espíritos desencarnados não se ocupa da vida na matéria, pois o que é vivido e percebido no Mundo Espiritual apresenta fantásticas motivações inimagináveis à consciência encarnada.

Futuramente, princípios como a reencarnação, a mediunidade, a amorosidade, entre outros, incutidos na família, na educação infantil, certamente possibilitarão

mudanças necessárias e muito importantes à sociedade. Uma mudança social que promova a prosperidade material, reduzindo o sofrimento, a miséria e a descrença, conduzirá a uma nova forma de divulgação daqueles princípios com um novo entendimento de significados.

Deve-se perguntar os motivos pelos quais o Espiritismo, nos países que não falam a língua portuguesa, com a mesma proporção populacional, não desperta o mesmo interesse que se verifica nos brasileiros. Pensa-se que é por causa do materialismo supostamente dominante nas outras culturas e, por outro lado, no continente asiático e Oriente Médio, por não terem maioria cristã. Talvez não, pois se pode observar demonstrações de efetiva religiosidade em todas as culturas. Isso nos leva a conjecturar que a sociedade espiritual é tão eclética quanto a material. Não há, nem do lado de cá, nem do outro lado, uma unidade de compreensão sobre a imortalidade.

O exclusivo apelo religioso, que enviesa o saber a respeito das questões que envolvem a imortalidade do ser humano, é uma das justificativas; a prosperidade alcançada, que eliminou os problemas e conflitos de busca da sobrevivência, é outra; mas a principal talvez seja a insistente e intensa veiculação, pelos espíritas, das imagens arquetípicas, sem se descer especificamente aos aspectos particulares da psiquê individual. Isso quer dizer que o Espiritismo, como vem sendo divulgado e vivido pelos seus adeptos e pelas instituições que o representam, tem um caráter genérico, não descendo ao indivíduo em particular. A atualização do arquétipo religioso atende ao ser coletivo sem de fato atingir o ser humano, que necessita se transformar em sua singularidade. Ocupa-se em fazer, ao menos veladamente, adeptos às ideias espíritas, mesmo com um discurso explicitamente contrário.

Por outro lado, a sociedade não é constituída por seres humanos isolados, cuja transformação pessoal

levaria automaticamente ao seu desenvolvimento, mas sim por seres humanos que vivem processos e relações de transformação. O apelo do Espiritismo deveria ser duplo, ao coletivo e ao individual. As instituições deveriam, e creio que terão de fazê-lo em breve, incluir atividades que, de fato, levem as pessoas ao aprendizado das questões espirituais e, principalmente, da implicação dessas questões em sua vida. Tais atividades deverão levar em consideração as características da pessoa e não apenas o coletivo.

O trabalho, o dinheiro, as máquinas, a riqueza, bem como tudo aquilo que é processo da sociedade material merecem a devida atenção do Espiritismo, para que não haja uma dissociação entre o que o indivíduo vive e o que aspira para seu futuro após a morte.

As instituições espíritas devem ensinar Espiritismo contextualizando-o e levando em consideração que se está numa sociedade material, cujo desenvolvimento e progresso merece a devida atenção. O espírito encarnado deveria encontrar, na instituição espírita, cursos de Espiritismo que contribuíssem efetivamente para ampliar a sua percepção do Universo, visando a sua autotransformação e a conscientização de que ele é o principal operador das transformações não só sociais como também do cosmos.

O caminho mais eficaz para que o Espiritismo alcance os propósitos de ampliação da consciência das pessoas deve ser a implantação de escolas de Espiritismo, cujo currículo deverá levar em consideração os aspectos particulares de cada Espírito que procure suas luzes esclarecedoras. Enveredar pelos caminhos da Educação, utilizando-se de uma pedagogia baseada na imortalidade da alma, sem desprezar a vida material, é o caminho que promoverá uma atualização do arquétipo religioso, sem enviesar o saber a respeito das questões espirituais.



Psicologia e Universo Quântico – Um olhar sob o paradigma espiritual

Nada poderá obstaculizar o progresso do ser humano, pois é irreversível sua ascensão, para qual a Espiritismo é um dos instrumentos disponíveis. Caso não seja bem utilizado pelos que se consideram responsáveis pela sua divulgação, outros instrumentos surgirão.





Implicações das Ideias Espíritas

O Espiritismo apresenta, à sociedade, as leis da dimensão espiritual para que ocorra a evolução do Espírito e o progresso da Humanidade. Apoiando-se na mensagem cristã, esclarece seus princípios, atualizando conceitos para a iluminação das consciências. Por força do formato como se apresenta o Espiritismo, a Humanidade, no entanto, tem sido restringida ao povo brasileiro, cujas características delinearão o alcance de sua doutrina. Os meios e métodos utilizados dificilmente levarão aos fins pretendidos. A esperança, porém, permanece entre os espíritas, retroalimentando a empolgação de alguns.

Independentemente dessa situação, as ideias e conceitos espíritas, disseminados no seio da sociedade, promoverão o aprimoramento da Humanidade, pois não se restringem à divulgação promovida pelo Espiritismo. A maioria de seus princípios está gradativamente se instalando na consciência coletiva, alterando o modo de entender o Universo e de viver a vida.

Essas ideias são reveladas nas várias áreas do saber humano e se disseminam sutilmente, malgrado os sistemas, religiosos ou não, que cristalizam o conhecimento humano. Em alguns pontos, essa cristalização pode ser observada nas religiões conservadoras, quando teimam em impedir o avanço de ideias que parecem comprometer seus dogmas ou princípios.

De tempos em tempos, a Humanidade, recriando-se, apresenta novas revelações, atualizando a *psiquê* humana para outras etapas evolutivas. Tais revelações, mesmo apresentando novos paradigmas, contêm uma espécie de síntese aprimorada que engloba o conhecimento até então adquirido na sociedade. Três dessas revelações me chamam a atenção pelas transformações que podem ser observadas na Humanidade, quer no Ocidente, quer no Oriente. Uma das revelações se deu no campo religioso, outra, no campo espiritual e a última, no campo da ciência. A primeira foi o Cristianismo, revelando um novo formato de entendimento do divino, bem como sugerindo uma práxis religiosa fundamentada no amor e no perdão. A segunda, foi o Espiritismo, revelando as leis da dimensão espiritual, promovendo estudos e orientações a respeito da comunicação mediúnica. A terceira e última, a Física Quântica, revelando a não causalidade e a multidimensionalidade no que chamávamos de Realidade. Essas três revelações modificaram o modo de sentir, pensar e agir do ser humano, até mesmo para aqueles que não são cristãos, para os que não concordam com os princípios espíritas e para os que não aceitam os postulados da Física Quântica. Querendo ou não, conscientes ou não do que ocorre no mundo, sabedores ou não dessas revelações, todos indistintamente sofrem-lhes as influências.

Os que não são cristãos sentem os efeitos indiretos das políticas dos países cristãos, superpotências econômicas, sendo envolvidos pela economia global, cujos padrões ditam seus valores. Países como a China, a Índia, o Japão, bem como os mundos árabe, judeu e mulçumano acabam por serem influenciados pelos valores dos países cristãos. A mídia, o comércio, os organismos multilaterais e a tecnologia originados nos países cristãos contaminaram positivamente o mundo.

Os que não são espíritas, a minoria brasileira, receberam e recebem influência das ideias geradas com o

advento do Espiritismo. Graças ao surgimento do Espiritismo, a Psicologia se desenvolveu como ciência mostrando as leis que regem o funcionamento da mente, sobretudo revelando o que é o Inconsciente. Em seguida, surgiram os estudos a respeito da Percepção Extra Sensorial, das Experiências de Quase Morte, da Reencarnação, da Sincronicidade, da Psicografia (ou Canalizações), entre outros. Esses estudos se encontram hoje em milhares de Universidades em todo o mundo, bem como fazendo parte do cotidiano das pessoas. A espiritualidade tem se imposto como tema de filmes, de movimentos de libertação, de grupos de autoajuda e de vanguarda da maioria das religiões.

A terceira revelação, mais recente, a Física Quântica, vem proporcionando uma nova, e talvez única, forma possível de viver na Terra. O computador, instrumento de manutenção dos principais serviços indispensáveis à vida cotidiana, surgiu, com as capacidades atuais, graças ao advento das ideias quânticas. Os sistemas de energia elétrica, de abastecimento de água, de geração de energia para as indústrias e residências, de fabricação de alimentos e de outras necessidades humanas não aconteceriam sem a informática. Hoje, dependemos daquele importante instrumento de trabalho, até mesmo para nos comunicarmos uns com os outros.

Restringindo-me às ideias e aos conceitos espíritas, considero que as implicações decorrentes de sua integração na mente humana ultrapassam os benefícios carreados pelas demais ideias, visto que proporcionam a ampliação da consciência para além dos limites físicos, psicológicos e religiosos. Inserem o ser humano na sua dimensão primordial, colocando-o em contato com sua mais íntima essência. Essa ampliação não se dá apenas na integração do saber, mas também na estrutura da mente, que se reorganiza para novas possibilidades de captação da realidade.

A integração das ideias espíritas e do conhecimento que se desprende delas capacita o ser humano a desenvol-

ver faculdades psíquicas que lhe permitem alcançar a compreensão de paradigmas antes inacessíveis. Essas novas faculdades, quando conscientemente percebidas, tornam o ser humano apto a assumir sua designação pessoal e a propriedade de seu destino.

As ideias espíritas promovem uma ampliação da visão espiritual das pessoas, atraindo maior probabilidade de manifestação dos entes que se encontram na dimensão espiritual da vida. Provocam uma maior abertura na comunicabilidade dos espíritos mais próximos à vida humana, aparentemente degradando mais a sociedade. Trata-se de uma fase transitória, na qual vem ocorrendo uma certa miscigenação de sociedades, espiritual e material, em favor do progresso do planeta.

É um processo lento de integração de princípios que antes se encontravam sob o manto do sobrenatural, do ocultismo e de seitas místicas, mas que agora podem ser acessados por todos. A dimensão espiritual não é patrimônio do Espiritismo, tampouco de qualquer das religiões, por mais legítimas que possam parecer.

A Humanidade se estrutura em torno da sobrevivência humana. Quando houver a consciência de que isso é simples de ser alcançado, a Humanidade se desenvolverá em torno da espiritualidade.

Para chegarmos a esse ponto, nobres espíritos, por meios diversos, atendendo ao chamado do arquétipo religioso, pronunciaram-se em todos os cantos da Terra, afirmando a imortalidade da alma e a existência de Deus. Conduzidos pela Consciência Crística, consolidam o início de uma nova era na Humanidade, a era do Espírito, na qual sua essência prevalece e o amor se concretiza.



Terceira Parte: *Psicologia do Espírito*

Psicologia e Espiritismo
Breve História dos Primórdios da Psicologia
A Ciência da Mente
O Locus do Inconsciente
A Psicologia do Espírito
Física Quântica e Psicologia Analítica



Psicologia do Espírito

A natureza do Espírito transcende a compreensão humana, mesmo sendo ela produto de sua evolução. Uma psicologia, ou estudo e compreensão da natureza do Espírito, necessariamente terá de ir além do que é percebido, verificável quantitativamente. Estabelecer que o sujeito que percebe o Universo é algo estritamente material é subestimar a própria inteligência. Nada é mais incoerente do que o sectarismo em ciência, pois elimina seu valor universal. A Psicologia do Espírito tem, como um de seus fundamentos, a continuidade do Eu. A Psicologia é a Psicologia do Espírito. Fora disso, discutem-se apenas efeitos.



Psicologia e Espiritismo

Tanto o Espiritismo quanto a Psicologia tratam de fenômenos cuja origem é o Inconsciente, que deve ser visto como uma estrutura de conexão com o Universo Quântico. O Inconsciente é uma estrutura psíquica que se localiza no corpo espiritual, perispírito numa linguagem espírita, de natureza sutil, que vibra forjando o corpo físico. A consciência humana não se explica sem a ideia do Inconsciente, muito menos se desenvolve sem o armazenamento de processos vividos, acessíveis pela memória. A ligação entre o Espiritismo e a Psicologia vai além da existência do Inconsciente, pois os objetos de estudo de ambos, por vezes, se confundem, sem se conseguir distinguir o que é psicológico e o que é espiritual.

É claro que a Psicologia, como ciência, tende a rejeitar o Espiritismo, principalmente pela sua via religiosa, haja vista a tendência acadêmica em separar o saber religioso do científico. Essa tendência se revela na mudança do objeto de interesse da Psicologia. Ela nasceu como ciência da alma, transformando-se, com o Positivismo, em ciência do comportamento.

Gostaria de não levar o leitor a fazer comparações hierarquizadas entre o Espiritismo e a Psicologia. Não se deve pensar em subordinação de conhecimentos, pois seria desconhecer os princípios que norteiam esses dois campos que tratam do ser humano enquanto ser existente. O

Espiritismo trata da origem e natureza dos espíritos e de suas relações com o mundo material; a Psicologia lida com o comportamento do ser humano, emocional, orgânico, psíquico e social.

Os limites da Psicologia se mostram claros quando vemos as interrogações a respeito da mente humana, cujas respostas parciais promovem o surgimento de diferentes escolas psicológicas, que, isoladas ou em conjunto, não conseguem explicar a totalidade do comportamento humano. A mente humana é ainda uma grande incógnita, tal qual a unidade elementar da matéria, inacessível ao olhar direto do ser humano.

Os estudos da Psicologia têm diversas aplicações. O ramo mais característico é a psicoterapia, pois foi em função da busca da compreensão e cura dos problemas mentais humanos que a Psicologia se desenvolveu. É justamente por isso que vamos encontrar várias teorias explicativas da natureza humana e dos fatores que interferem em seu comportamento. Há vários campos de atuação da Psicologia: Educacional, Organizacional e do Trabalho, do Trânsito, Jurídica, do Esporte, da Propaganda, Hospitalar e Clínica. Psicopedagogia, Psicomotricidade e Psiconeurociência são novos campos de estudos derivados da Psicologia em interação com outras ciências.

Uma teoria psicológica não pode se distanciar da percepção da diversidade dos seres humanos. Em que pese os aspectos coletivos e comuns que existem na pessoa humana, cada indivíduo, em particular, exige uma psicologia própria em face da riqueza e singularidade de seu psiquismo. Cada ser humano tem sua própria complexidade. A Psicologia também se desenvolve de acordo com a sociedade em que surge. Há diferentes psicologias também de acordo com a época, com o momento histórico e com o meio em que foram gestadas.

Nenhuma das contribuições das escolas da Psicologia pode ser desprezada. Os estudos psicológicos que

antecederam os atuais conhecimentos sobre a *psiquê* humana são básicos para uma compreensão maior e mais ampla de seus processos. Creio que a diversidade de teorias psicológicas a respeito do funcionamento da mente é pertinente quando se trata de um objeto de estudo mutável, transcendente e que se desenvolve a cada novo paradigma.

O momento histórico de uma sociedade pode influenciar o desenvolvimento de determinada área na Psicologia. O analfabetismo, bem como as exigências de uma aprendizagem mais refinada, pode fazer desenvolver ainda mais a Psicologia da Educação. A industrialização de um país pode favorecer o campo da Psicologia Organizacional. A modernidade e as exigências tecnológicas e cibernéticas certamente farão surgir um novo campo psicológico. No passado, as guerras e as crises econômicas influenciaram o desenvolvimento da psicologia americana, assim como a crise européia favoreceu a forte influência psicanalítica no velho mundo. Os aspectos culturais de uma sociedade poderão determinar o viés característico que terá determinado campo do saber.

A Psicologia estuda temas relacionados ao desenvolvimento da personalidade, à motivação, à memória, à aprendizagem, à inteligência, à natureza do psiquismo humano, às relações entre pessoas e grupos, bem como a tudo que diz respeito ao comportamento humano. Atuais estudos têm avançado para o campo da neuropsicologia, na qual se inserem os fenômenos que afetam o cérebro, oriundos do comportamento humano. Ainda se tateia o cérebro visando encontrar-se a alma da pessoa humana. As escolas psicológicas ainda não concebem a mente separada do corpo físico. Tratam a mente como produto do cérebro.

As afirmações behavioristas, as ideias da Psicanálise, as descobertas da Gestalt, os princípios da Psicologia Analítica, bem como as diversas e ricas contribuições de outras teorias psicológicas, apontam para a existência de

aspectos ainda obscuros da *psiquê*. Sabe-se muito pouco a respeito do aparelho psíquico, e isso é um estímulo para o surgimento de novas teorias.

Os psicólogos empiristas, com seu método introspectivo, tatearam os automatismos do corpo físico para encontrar as razões das motivações humanas. Sem muito sucesso, porém, trouxeram valiosas contribuições à compreensão de certos processos corporais. Os funcionalistas, com seu espírito objetivo, tornaram a Psicologia um conhecimento útil à sociedade, dando-lhe finalidades práticas. Os comportamentalistas influenciaram positivamente na aprendizagem e na Psicologia da Educação.

De fato, o Espiritismo se ocupa das manifestações dos espíritos e de tudo aquilo que se refere à imortalidade. A Psicologia se ocupa dos processos psíquicos e do comportamento humano. Em certo sentido ambos os conhecimentos estão imbricados. O ser que se comporta é um espírito imortal. O espírito imortal tem seus processos psíquicos.

As manifestações espíritas não se tornaram objeto de investigação científica nas academias e universidades da Europa por causa de sua vinculação com o imaginário popular. Sua relação com rituais místicos e com buscas arquetípicas do sagrado afastou o Espiritismo das academias científicas. Os estudos acadêmicos a respeito dos fenômenos espíritas devem se tornar realidade após os avanços da Física Quântica, que desmistifica a visão mecanicista da realidade.

Breve Histórico dos Primórdios da Psicologia

É difícil estabelecer quando uma ciência começa. São precisos muitos paradigmas novos para que ela se distancie de outros conhecimentos que fazem parte de suas bases. Seus marcos são muitos e não são bem definidos, pois geralmente têm diferentes pontos de contato com outros tipos de conhecimento. Não basta um pesquisador inaugurar um laboratório para dizer que nasceu uma ciência. A Psicologia tem raízes, como toda ciência, no conhecimento empírico do próprio ser humano, nos primórdios da civilização. Ela surge da Filosofia, da Medicina, da Antropologia e da Teologia, pois o comportamento humano sempre foi o motivo da busca pelo conhecimento, a fim de entendê-lo. A Psicologia surgiu dos estudos sociológicos, etológicos, ocultistas, psiquiátricos e filosóficos. Ela não só se assenta em conteúdos desses conhecimentos como também apresenta o que resulta deles, anunciando novos paradigmas. O surgimento da Psicologia representa um olhar minucioso do ser humano sobre si mesmo, na tentativa de compreender-se e de explicar o que está à sua volta. Dizer que a Psicologia é materialista é não entender sua contribuição à compreensão da natureza humana e de seu desenvolvimento em direção ao espiritual.

Começamos pelo Evolucionismo de Charles Darwin (1809 a 1882), consignado em seu famoso *A Origem das Espécies* (1859), apontando para a adaptação como pano de fundo dos processos orgânicos, que influenciou sobremaneira a Psicologia. As teorias darwinistas foram precursoras do Estruturalismo de Edward Bradford Titchener (1867 a 1927). Para Darwin, a origem do ser humano não poderia ter sido num dado momento específico, portanto, num ato (sopro) de Deus. Incontáveis processos biológicos geraram mutações para a sua adaptação e conseqüente sobrevivência no meio ambiente.

Enquanto estudos acadêmicos, a Psicologia nasceu com Wilhelm Wundt (1832 a 1920), em 1879, em Leipzig, na Alemanha, quando ele inaugurou o primeiro laboratório de estudos experimentais na Universidade daquela cidade. Escreveu livros e artigos versando sobre os princípios do que ele chamava de Psicologia Fisiológica, cuja preocupação básica era estudar a percepção e a sensação. A Psicologia, dita científica, nasceu dentro do modelo mecanicista e sem a preocupação com o inconsciente psíquico. Wundt, que também se dedicara ao estudo da Psicologia cultural, que se ocupava do desenvolvimento mental, da linguagem, das artes, dos mitos e dos costumes sociais, interessava-se pelo estudo da consciência ou mente e seus processos. Wundt, seguindo tendência da época, ressaltava que a Psicologia era a ciência da experiência consciente e da experimentação. Ele afirmava que a Psicologia não deveria se dedicar ao estudo da alma imortal.

Wundt tinha que lidar não só com opositores às suas ideias como também com novos conhecimentos que surgiam, tendo, por isso, que rever constantemente seus princípios. Floresciam, na Alemanha, ideias que formariam a base da Gestalt; na Áustria, surgia a Psicanálise; nos Estados Unidos, o Funcionalismo e o Comportamentalismo (Behaviorismo). A Psicologia surgia como várias

preocupações e visando distintas dimensões do psiquismo humano. A riqueza do psiquismo humano exigia diferentes campos de estudos. Enquanto Wundt se ocupava da sensação e percepção da consciência, Hermann Ebbinghaus (1850 a 1909) se dedicava ao estudo da memória e da aprendizagem. Com este último, a Psicologia se distanciava da Fisiologia, penetrando na subjetividade do psiquismo humano e em seu aspecto não sensorial. Em oposição à tentativa de Wundt em reduzir o psiquismo à atitude consciente, surge, na Alemanha, a ideia de que existe um conjunto de tendências determinantes, inconscientes, que interfere nas atitudes humanas. Essa última ideia foi fundamental para o surgimento da psicologia do inconsciente. Os primeiros estudos sobre o inconsciente e sua definição como parte da estrutura psíquica humana se devem a Eduard von Hartmann (1842 a 1906) e a Carl Gustav Carus (1789 a 1869).

Coube a Wundt dar início à Psicologia como conhecimento específico, isto é, como ciência. Textualmente, ele considerava o objeto de estudo da Psicologia distinto do ocultismo (Espiritismo). Para ele, a Psicologia, definitivamente, não trataria da alma imortal nem de questões assemelhadas. A distinção era necessária, pois o objetivo era estudar fenômenos psíquicos não alcançados pelo Espiritismo. A Psicologia não nascia com o intuito de negar os fenômenos espíritas, mas de estudar aquilo que ultrapassasse sua esfera de conhecimento.

Com Wundt, a Psicologia se ocupava da percepção, processo psíquico básico. Não havia a preocupação com o aparelho psíquico. Importava como as coisas eram percebidas e não aquilo que as percebia.

Pouco antes de Wundt inaugurar seu laboratório, Franz Brentano (1838 a 1917), professor de Sigmund Freud (1856 a 1939), publicou, em 1874, o livro *A Psicologia de um ponto de vista empírico*, no qual abordava questões relativas ao inconsciente e ao funcionamento da

mente. Ele foi um dos precursores da Gestalt ao se ocupar do ato mental e não apenas do conteúdo e da estrutura da mente.

A psicologia de Wundt foi o referencial para E. B. Titchener e seu Estruturalismo, que excluía qualquer possibilidade de análise do que não fosse conteúdo da experiência consciente imediata. Para essa Escola, importava o estudo das estruturas da consciência, conduzido pela observação e pela experimentação.

Titchener valorizava a experiência consciente, mas, diferentemente de Wundt, vai se concentrar nos elementos que compõem a estrutura da consciência, sem se ocupar especificamente de seus conteúdos. Distinguiu Mente de Consciência, rejeitando a existência do Inconsciente. Importava-se em saber como funcionava a mente humana sem se ater a uma utilidade prática. Dizia que os estados elementares da consciência são compostos de sensações, imagens e estados afetivos. Queria estabelecer leis gerais para os processos conscientes e suas respectivas correlações fisiológicas, utilizando-se da introspecção. Em síntese, suas preocupações se situavam na descrição das sensações humanas. Sua preocupação não excluía a concepção mecanicista da mente humana. Via seus sujeitos como máquinas reagentes a estímulos. Sua visão mecanicista está presente no Behaviorismo do Século XX e até nos dias de hoje.

Oswald Kulpe (1862 a 1915) publicou um livro em 1907, no qual apresenta suas teorias sobre a mente. É dele a ideia, em pleno florescimento do empirismo organicista na Psicologia, de que existem pensamentos sem conteúdos sensoriais, isto é, sem que tenham sinais da percepção sensorial.

Enquanto os alemães se dedicavam à Psicologia teórica, buscando as raízes do funcionamento da mente consciente e de sua estrutura, os americanos visavam algo mais funcional e utilitário. Uma psicologia prática e

aplicada que tivesse resultados imediatos para a sociedade, tão ao gosto do estilo americano de viver. Essa foi a proposta do Funcionalismo, cuja ocupação era o estudo da utilidade dos processos mentais para o organismo vivo, em suas necessidades de adaptação. Psicólogos americanos formados na Alemanha, ao migrarem para sua pátria, modificaram as propostas de Wundt, dando novo impulso à Psicologia. O Funcionalismo dá ênfase aos processos mentais, mais do que à estrutura da mente ou de seus conteúdos.

Esse movimento começa por volta da década de setenta do Século XIX com os estudos de Francis Galton (1822 a 1911). Os primeiros testes ditos psicológicos são criados, florescendo uma série de variações muito úteis ao desenvolvimento psicológico do ser humano e dos processos de aprendizagem. A partir de 1869, surgem os testes mentais, entre eles os testes de associação de palavras, muito utilizados mais tarde por C. G. Jung. Galton também desenvolveu, nessa mesma época, estudos sobre hereditariedade na aquisição do conhecimento e sobre o desenvolvimento infantil.

Além de Galton, vamos encontrar, no último quarto do Século XIX, também como precursor do Funcionalismo, George J. Romanes (1848 a 1894), cujos estudos sobre inteligência animal possibilitaram o surgimento de uma psicologia animal, com reflexos importantes para a Psicologia Humana.

Em paralelo aos estudos psicológicos acadêmicos, fora dos rigores das exigências mecanicistas do pensamento cartesiano dominante, a Psicologia avançava em outras direções, seguindo o pensamento de vários filósofos na direção da ideia da existência do inconsciente como uma estrutura da mente humana. Todos esses filósofos, entre os quais podemos citar Leibnitz, Herbart, Fechner e Hartmann, forneceram as ideias básicas a respeito do Inconsciente para a Psicanálise.

G. W. Leibnitz (1646 a 1716) escrevera, no final do Século XVII, sobre as mônodas como entidades psíquicas elementares, possibilitando a compreensão da apercepção como mecanismo de consciência das impressões sensoriais inconscientes.

J. F. Herbart (1776 a 1841), no início do Século XIX, escrevera sobre as ideias conscientes e as ideias inibidas; as conscientes faziam parte do limiar da consciência e as inibidas eram reprimidas pela consciência. As ideias inibidas eram, portanto, uma tênue ideia do Inconsciente.

Gustav Fechner (1801 a 1887), da mesma forma que Herbart, teorizava sobre a existência do Inconsciente, afirmando que a mente era como um *iceberg*, no qual boa parte do conteúdo estava oculta.

Em 1869, Edward von Hartmann publica seu livro *Filosofia do Inconsciente*, contendo suas ideias e as de Carl Gustav Carus. Apresenta as principais bases para uma melhor compreensão da mente e, em especial, do Inconsciente. Suas ideias contribuíram para a formulação dos princípios da Psicanálise de Sigmund Freud, permitindo uma melhor percepção do Inconsciente.

O grande marco do Funcionalismo foi William James (1842 a 1910) que, entre outros temas, afirmava a importância dos processos inconscientes. Os teóricos do Funcionalismo se interessavam em saber como a mente funcionava. William James era um teórico não acadêmico. Tinha seu próprio laboratório de psicologia, que chamava de ciência mental. Para ele, a mente era um todo irreduzível a partes e em constante mudança. Dizia que a mente é contínua, seletiva, sempre mutável e tem o propósito de capacitar-se para a adaptação. Escreveu (1890) sobre o pragmatismo e sobre a importância da Psicologia na educação, além de ter se dedicado ao Espiritismo.

No começo do Século XX, a Psicologia ainda se voltava para os estudos que envolviam a estrutura psíquica e seu funcionamento. Porém, sua aplicabilidade na

educação e na identificação de aptidões começava a se impor na sociedade. A Psicologia estava em transição, tornando-se uma ciência voltada para o comportamento humano. Deixava de ser a “ciência da alma”, transformando-se numa “comportamentologia”.

A Psicologia nasceu, como ciência, com o objetivo de explicar o comportamento do corpo humano, entendendo-o como se fosse o próprio ser humano, pretendendo englobar o significado das ações humanas. Perdeu-se na complexidade da mente humana, tendo de se dividir em muitas escolas e teorias distintas.

A Psicologia se desenvolveu na direção dos estudos a respeito do que a mente faz e não do que ela é. Exigia-se que ela, a Psicologia, fosse prática. Sua popularização se impunha na sociedade, sobretudo americana. Mesmo assim, enquanto se buscava uma aplicação prática das teorias estudadas, também se caminhava na direção da concepção da estrutura do aparelho psíquico. Nos Estados Unidos, predominava o Funcionalismo; na Europa, cada vez mais, avançava-se na direção do Inconsciente, fortalecendo a atividade clínica na Psicologia. Enquanto os americanos se especializavam nos campos da educação, das indústrias e jurídico, ampliando o número de testes psicológicos, os europeus se dedicavam à clínica da saúde mental.

Entre essas duas correntes, destaca-se Granville Stanley Hall (1844 a 1924), que, embora tivesse interesse particular pela Psicologia da Criança, teve o mérito de trazer a Psicanálise para os estados Unidos. Foi dele o convite para Freud e Jung visitarem os Estados Unidos.

Em fins do Século XIX, inicia-se o grande divisor de águas em Psicologia: a Psicanálise de Sigmund Freud. As ideias por ele defendidas em seu famoso *A Interpretação dos Sonhos* (1900), no seu conjunto, não se comparam ao que se ocupavam as outras escolas da Psicologia. Freud não era acadêmico e nem se opunha a qualquer das escolas

da Psicologia. Não se ocupou das sensações corporais, nem da percepção, nem da aprendizagem. Sua Psicologia dirigia-se ao estudo da Consciência e, principalmente, do Inconsciente. Seu interesse era a doença mental e as possibilidades de explicar suas causas. Fundamentando-se no aprendizado adquirido com Jean-Martin Charcot (1825 a 1893), em Paris, Freud abandonou a hipnose por ele utilizada, calcando a cura de seus pacientes na catarse.

A Psicanálise, apresentando a relação entre a Consciência e o Inconsciente, foi mais longe do que as teorias funcionalistas e estruturalistas, pois postulou sobre o aparelho psíquico e não apenas sobre o corpo e como a realidade era por ele percebida. A Psicanálise se firmava no princípio do prazer e nos meios pelos quais o *ego* se estruturava para satisfazê-lo.

No começo do Século XX, os estudos sobre o comportamento animal se intensificam e a Psicologia Humana passa a receber a influência dos resultados obtidos. A ideia de que o ser humano é seu corpo, e esse uma máquina que se comporta à semelhança do animal, prevalece. Surge o Comportamentalismo afirmando-se como psicologia objetiva, baseada no comportamento observável. Essa escola se caracteriza pela tentativa de excluir a mente consciente do comportamento humano. Seus estudos se concentravam na aprendizagem, na motivação e nas emoções.

Edward Lee Thorndike (1874 a 1949) foi seu principal precursor com os estudos a respeito da mente como campo das associações. Desenvolveu teorias sobre o connexionismo mental. Suas teorias sobre aprendizagem, baseadas no binômio estímulo-resposta, antecederam as ideias de Ivan Petrovitch Pavlov (1849 a 1936), precursor do Comportamentalismo com os estudos (1902) sobre os reflexos condicionados e não condicionados. Ele percebeu que os condicionamentos ocorriam sem a presença do objeto eliciador, portanto, não havia a consciência do ato.

Mas foi John B. Watson (1878 a 1958) quem, de fato, revolucionou a aplicabilidade da Psicologia Objetiva. Seus estudos e teorias deram surgimento da Psicologia na propaganda e na publicidade. É dele a ideia de que a Psicologia é a ciência do comportamento com o objetivo de prevê-lo e controlá-lo. Sua tentativa era de eliminar a influência da consciência no comportamento humano, sendo esse mero resultado de estímulos devidamente identificados e controlados. Seus estudos se dirigiam ao comportamento como produto exclusivo do organismo como um todo, em determinado ambiente. Para ele, instintos são respostas socialmente condicionadas, resultando que tudo pode ser aprendido e ensinado. Na esteira de Watson, surge Burrhus Frederick Skinner (1904 a 1990) ampliando os conceitos anteriormente assinalados. Skinner desenvolve estudos (1938) sobre o condicionamento operante. Mais tarde, Alberto Bandura, um dos teóricos do Comportamentalismo, irá admitir (1960) a existência de processos cognitivos entre o estímulo e a respectiva resposta. Seus estudos foram importantes para os conceitos de modelagem, interações sociais e autoeficácia. Ele é um dos precursores da conhecida terapia cognitivo-comportamental.

Em paralelo à Psicanálise e ao Comportamentalismo, surge, no Século XX, na Alemanha, a Psicologia da Gestalt (forma, configuração). Aparece em oposição ao Elementarismo de Wundt. A Gestalt afirma que a percepção não é a simples associação de elementos sensoriais, pois há uma organização significativa *a priori*. A mente configura previamente, sendo a percepção uma totalidade, uma gestalt. A mente impõe de uma maneira inata, à experiência, algumas formas: espaço, tempo e causalidade. Na Psicologia da Gestalt o ser humano é visto como um todo, além da soma das partes. As ideias de Immanuel Kant (1724 a 1804) sobre as categorias mentais *a priori* foram precursoras da Psicologia da Gestalt. A

descoberta da existência de campos magnéticos que direcionavam objetos metálicos no entorno de dois ímãs também contribuiu para reforçar as teorias gestaltistas.

Em 1912, Max Wertheimer (1880 a 1943) lança as bases da Gestalt, escrevendo sobre as leis da percepção do movimento. Em 1917, Wolfgang Köhler (1887 a 1967) escreveu sobre a aprendizagem, principalmente a respeito da mentalidade dos macacos. Em 1921, Kurt Kofka (1886 a 1941) trouxe contribuições significativas sobre a percepção e o desenvolvimento da mente. Em 1929, Kurt Lewin (1890 a 1947) abordou a temática do espaço vital sobre diferentes enquadres ou campos e sobre motivação e necessidade. Em 1940, Frederick “Fritz” Pearls (1893 a 1970) discorreu sobre o restabelecimento da referência imediata, com ênfase no aqui-agora. Todas essas ideias e conceitos deram início à Terapia da Gestalt ou Gestalt-Terapia.

Também no Século XX, a Psicanálise tem suas fronteiras elásticas com o surgimento da Psicologia Analítica ou Profunda, baseada nas ideias de C. G. Jung. Diferentemente de seus antecessores, C. G. Jung inicia seus estudos em Psicologia, no início do Século XX, preocupando-se em encontrar as bases históricas e antropológicas para o comportamento humano. Como se fosse um arqueólogo do psiquismo, Jung, além de analisar as motivações humanas, postula a estrutura da mente. Propõe a existência dos *arquétipos* como determinantes estruturais da *psiquê* humana. Isso significa que ele, além de desenvolver ideias sobre os conteúdos psíquicos, apresenta teorias a respeito da estrutura, da composição ou da contextura que a constitui. As ideias junguianas se tornariam posteriormente a base da escola conhecida como Psicologia Transpessoal.

Ainda no Século XX, surge, nos Estados Unidos, a Psicologia Humanista, criada por Carl Rogers (1902 a 1987). A Psicologia Humanista se baseia na concepção de

que todo ser humano tem em si os potenciais de auto-desenvolvimento. A psicoterapia deveria proporcionar a libertação desses potenciais de crescimento, sendo o terapeuta o facilitador do processo, que também nele se implicaria, tornando-se sujeito e paciente simultaneamente, utilizando-se da empatia. Rogers se opunha ao determinismo psicológico do Behaviorismo. Via o ser humano como um processo em construção. Ele recebeu contribuição das ideias de Jung e de Abraham Maslow (1908 a 1970).

Além desses conceitos, que nortearam o alcance da Psicologia como ciência, duas outras ideias têm polarizado o interesse dos estudiosos. Uma delas é a Psicologia Cognitivo-Comportamental. Não é uma escola da Psicologia, mas apenas uma proposta de tratamento clínico, reduzido a certos sintomas. É uma espécie de terapia breve, especializada em casos de problemas psicossomáticos. Lida com traumas, fobias, ansiedades, bem como trata dos sintomas ligados ao estresse. O objetivo é a eliminação do sintoma, sem buscar suas causas, considerando que a cognição modifica o comportamento. A outra é a Psicologia Transpessoal, que constitui o mais recente conjunto de teorias que poderão formar uma nova escola psicológica. Nem todos os estudiosos, porém, a consideram Psicologia em face dos limites impostos por essa ciência. A ideia básica da Transpessoal está calcada na necessidade do ser humano em transcender sua *psiquê* além dos limites do *ego* e das contingências da Consciência. Em seus princípios, o ser humano é considerado em seu aspecto espiritual, englobando os fenômenos mediúnicos que lhe afetam. Ainda não há estudos teóricos suficientes dessa escola, porém ela se mostra mais ampla e abrangente em relação à complexidade de que se reveste a natureza humana.

A Psicologia, pode-se dizer, ainda é uma ciência nova, rica em possibilidades e aberta a novos conhecimentos,



adenáuer novaes

que certamente irão ampliar a visão que o ser humano tem de si mesmo. Aliada a outros conhecimentos, principalmente às ideias quânticas, alcançará mais rapidamente a essência humana.



A Ciência da Mente

Quando analisamos a realidade separada de quem a observa ou a existência de coisas independentes de quem as percebe, temos de conhecer quem é o sujeito observador e quais são seus instrumentos de percepção. É necessário entender seus limites, pois tais instrumentos detectam frequências dentro de padrões pré-estabelecidos. Os organismos vivos reconhecem padrões que são continuamente avaliados e comparados, portanto, é da natureza do humano a possibilidade de percepção das coisas. Elas são o que nos parecem ser, sem que saibamos de fato o que sejam. Os órgãos dos sentidos captam e o Espírito interpreta. Há um mundo do corpo (dimensão física) e um mundo do Espírito (multidimensão espiritual). O nível de evolução em que se encontra o Espírito já lhe permite enxergar a realidade segundo modos de percepção independentes dos órgãos dos sentidos.

Cérebro, mente e espírito

O cérebro, a mente e o Espírito são os diferentes elementos que compõem o que se conhece como ser humano. O primeiro comanda a mecânica fisiológica do corpo físico, possuindo uma camada fina chamada córtex que, entre outras propriedades, suporta parte da

consciência humana. O cérebro, pela sua constituição físico-química, veicula as sutis energias do pensamento sob o direcionamento da mente, além de comandar o corpo. A mente é o órgão funcional do Espírito, que processa estímulos emocionais, imagens e pensamentos, produzindo informações para o Espírito. A mente ou aparelho psíquico, além de ser o receptáculo do que vem da parte cerebral consciente, também filtra a vontade que vem do Espírito para que ele apreenda as leis de Deus em contato com o que é chamado de realidade. Espírito é uma singularidade divina, elemento que atua e transforma a realidade, aprendendo nela. Nada se pode dizer de concreto e definitivo a respeito da essência do Espírito, pois é a parte não material da alma humana, sendo sua própria individualidade.

Sobre o cérebro, cabe à ciência médica se ocupar de seu funcionamento e das suas consequências em face dos processos psíquicos nele ressonantes. Quanto ao Espírito, analisarei mais adiante, em outro capítulo. A mente torna a informação compreensível em favor da evolução da individualidade. É sobre ela que recai, neste instante, o interesse.

Um dos fenômenos mais fantásticos, produzidos pela mente inconsciente, é o sonho. Eles parecem uma ocorrência de totalidade ou uma experiência que ocorre fora dos limites lineares da causalidade e do mecanicismo da consciência, o que os torna extremamente importantes para os estudiosos da personalidade e das motivações humanas. Por isso, Sigmund Freud os considerou a via régia de acesso ao Inconsciente. Eles não são previsíveis, não são elaborados na consciência, tampouco manipuláveis pelo *ego*. Aqueles que se dedicam ao estudo dos sonhos, mesmo que possam distorcer os significados, estão sempre atribuindo algum propósito para seus conteúdos. Como a participação do *ego* é extremamente reduzida, os sonhos devem ser construídos segundo um ordenamento

inteligente, pois todo propósito vem de alguma intencionalidade lógica. Isso requer um sujeito que atue a favor desse propósito, salvo se entendermos que haja um mecanismo automático de produção dos sonhos de acordo com um propósito pré-definido. Essa segunda hipótese pode ser parcialmente encontrada na teoria junguiana, pois ela afirma a natureza compensatória dos sonhos. Sobre o conteúdo dos sonhos, Jung escreveu:

Os sonhos contêm imagens e associações de pensamentos que não criamos através da intenção consciente. Eles aparecem de modo espontâneo, sem nossa intervenção e revelam uma atividade psíquica alheia à nossa vontade arbitrária. O sonho é portanto um produto natural e altamente objetivo da psique do qual podemos esperar indicações ou pelo menos pistas de certas tendências básicas do processo psíquico. Este último, como qualquer outro processo vital, não consiste numa simples sequência causal, sendo também um processo de orientação teleológica. Assim pois, podemos esperar que os sonhos nos forneçam certos indícios sobre a causalidade objetiva e sobre as tendências objetivas, pois são verdadeiros auto-retratos do processo psíquico em curso.¹³

Se eles são produtos do automatismo psíquico, então há uma certa programação prévia, segundo um objetivo futuro. O traçado desse objetivo deve fazer parte de uma supraconsciência ou de uma tendência padronizada que a forja. A essa tendência, Jung deu o nome de Arquétipo, considerando-o como se fosse uma espécie de órgão da *psiquê* humana que lhe direciona as atitudes, o que põe a mente em contato com o Espírito, sujeito do Inconsciente e da Consciência. Como o Inconsciente não se situa no corpo, certamente se encontra numa dimensão a ele

¹³ JUNG, C. G.. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. v. VII, par. 210, p. 121.

acessível pela parte da Consciência que se conecta ao cérebro.

O sonho é um acontecimento inusitado, não voluntário ao *ego* e cujas imagens não lhe obedecem a vontade. No entanto, são detectáveis e passíveis de interpretação. Os sonhos não acontecem no estado de vigília, salvo em momentos de alteração da frequência cerebral, o que parece sugerir uma certa relação entre o córtex e a lembrança do conteúdo onírico. Tal relação pode ser observada pela detecção do momento do sonho pelos registros do eletroencefalograma. Em que dimensão e em que instância, ocorrem? São fenômenos da vida psíquica, por que não dizer, da dimensão espiritual, que persistentemente ocorrem para surpresa do sonhador.

O campo da Consciência torna-se o veículo de entrada e saída de percepções, ideias e emoções, cuja localização transcende ao cérebro humano, mesmo que parcialmente ali se apresente. No campo da Consciência, encontram-se as ideias, objetos de atenção do sujeito observador, que contêm maior parcela de energia que o influencia, promovendo comportamentos reativos característicos. A diversidade de escolhas deve ter um correspondente campo que possa absorvê-las. Esse campo de escolhas possíveis, podemos chamar de campo quântico ou das probabilidades de escolhas que modelam os comportamentos humanos.

Diante das incontáveis possibilidades de expressão da realidade, em que os objetos não podem ter, com precisão, sua delimitação espacial, é de suscitar a questão do estado de consciência e da posição do observador. Isso implica que todo evento assimilado pelo ser humano é fortemente carregado de subjetividade. A multiplicidade de dimensões que indicam infinitas escolhas ao observador permite que se infira semelhante número de estados da consciência. A existência simultânea de várias e diferentes possibilidades da realidade enriquece a vida, tornando-a

incrivelmente complexa e admiravelmente encantadora. Nenhuma experiência pode estar fora daquelas possibilidades, valendo vivê-las da melhor e mais rica forma, disponível ao que a vida pretende mostrar.

A Consciência se encontra numa dimensão não material. Os estímulos aferentes alcançam a Consciência após filtrados e transformados pelo córtex cerebral, para se alojarem noutra dimensão, na qual ela se encontra. Deve haver algum mecanismo no cérebro que possui a capacidade de vibrar numa frequência que alcança a dimensão do perispírito, isto é, que interliga as distintas dimensões. A reação do sujeito da Consciência (*ego*), ante aqueles estímulos, também se desloca de uma dimensão à outra, atravessando filtros diversos. Portanto, o *ego* transita facilmente da dimensão física à psíquica de forma automática.

A formação do *ego*, representação da individualidade eterna na Consciência, obedece princípios lógicos de causalidade, de temporalidade e de identidade. Isso forja uma percepção de linearidade das coisas e dos eventos a elas associados, o que não significa que os eventos sejam lineares. É preciso admitir a não linearidade dos eventos, pois a consciência os ordena formando um contínuo, uma história, como se houvesse uma única realidade. É lógico que, se a realidade possui múltiplas possibilidades de ocorrência, a Consciência constitui um mosaico imenso de facetas pouco exploradas pelo *ego*.

Como a mente é um órgão flexível, isto é, que se modifica de acordo com a autotransformação da pessoa, a evolução da Consciência contém a possibilidade, cada vez mais frequente, do *ego* acessar diferentes facetas do campo em que ela se situa. Educar, ensinar ou promover o ser humano necessariamente provocará uma modificação na estrutura da mente, a favor da evolução da pessoa.

O campo da Consciência tem um eu? Ou o que se chama eu é uma função pertencente a um órgão? O eu

responde à individualidade (Espírito), pois é o meio de acesso à dimensão em que atua. Essas perguntas nos põem em cheque. Como saber? A lógica nos leva a deixar de lado a complexidade, e a intuição nos manda para um terreno nebuloso sem qualquer possibilidade de precisão. Resta-nos continuar no terreno da probabilidade quântica. O eu da Consciência não representa a totalidade do indivíduo; o *ego*, como função que promove o trânsito de conteúdos do Inconsciente para a Consciência e vice-versa, não tem autonomia nem está totalmente sob o domínio do eu da Consciência. Em nenhum momento, sob qualquer denominação ou representação, a totalidade de uma pessoa, bem como sua individualidade, poderá ser determinada. Essa é uma afirmação que se aproxima do princípio da incerteza quântica.

Da mesma forma que os sonhos, as fantasias que elaboramos, de forma consciente ou não, não se localizam num local específico, tampouco no cérebro. Parecem permanecer numa dimensão latente a influenciar o sujeito da Consciência. Elas são sutis construções, às vezes, voluntárias, que influenciam a vida humana sem que sequer se saiba onde, como e quando são geradas. Pertencem ao mesmo universo dos sonhos, porém exercem maior influência que eles.

Sonhos, fantasias, delírios, vozes e mensagens do Além ocorrem num universo paralelo, captados pela consciência humana a serviço do desenvolvimento da personalidade.

A verdadeira ciência da mente deveria se ocupar em estudar, experimentar e exaustivamente inquirir a respeito desses processos psíquicos, sem o sectarismo de negá-los *a priori* ou achar que pertencem ao domínio do absurdo. Sendo ou não absurdo, eles ocorrem e merecem a atenção da mente inquiridora humana. Ignorá-los é continuar ignorante.



Psicologia e Universo Quântico – Um olhar sob o paradigma espiritual

Nenhum conhecimento, principalmente a respeito da mente, está esgotado. Tudo sempre estará por se mostrar com o colorido do observador.





O Lócus do Inconsciente

Consciência de si mesmo é o que conhecemos como eu. É a identidade de uma pessoa. Quando afirmamos *eu sou fulano*, estamos nos referindo àquilo que, de fato, temos consciência que somos. Mesmo assim, sabemos que existem interferências no nosso modo de pensar, sentir e agir, de que não temos consciência, mas que emergem do nosso próprio ser. Afirmamos que se tratam de vetores inconscientes, mas não sabemos se realmente eles se encontram naquilo que chamamos de Inconsciente. Para elucidar melhor a questão, temos de considerar que existe uma outra instância, que é a individualidade humana. O eu ou *ego* é uma representação construída, ao longo da vida, pelos fatos e impressões que a marcaram e que nos parece ser a nossa identidade essencial. Aquela outra instância, inacessível à consciência, propalada pelas religiões como sendo a alma ou Espírito, é a máxima individualidade essencial do ser humano. Essa individualidade é a natureza da Natureza, momento obscuro da criação divina, que se tornou epicentro do processo de ascensão infinita, coagulador dos fenômenos que compõem a vida. Sua singularidade constitui o grande mistério que reúne a unidade e a totalidade num mesmo princípio.

A possibilidade da existência desses dois “senhores” não deve ser motivo de dúvida. *Ego* e Espírito são

indissociáveis até determinado nível de evolução, mas possuem diferentes domínios e conseqüentes áreas de atuação. É possível ao *ego* perceber aspectos inerentes ao Espírito? Ou melhor, é possível, conscientemente, o Espírito se revelar além dos limites do *ego*, tornando-se a ele perceptível? O caminho para tal, passa primeiro pela percepção, pelo *ego*, de que é independente do corpo e existe sem ele. O segundo passo será a percepção de que a mente é um órgão a serviço do Espírito e que não o abriga nem o limita totalmente.

A inacessibilidade direta e a subjetividade que envolve as hipóteses para os assuntos que dizem respeito à mente são muito grandes, dificultando as certezas e a precisão de conceitos. Isso nos leva a considerar que o “terreno” da mente está longe de ser o corpo físico. A resposta está na dimensão quântica, em que se “situam” as probabilidades e possibilidades inalcançáveis diretamente pela consciência humana.

Engano pensar que, uma vez libertos do corpo pela ocorrência natural da morte, alcançaremos diretamente aquela dimensão. Na dimensão espiritual, também existem as limitações psíquicas e de compreensão da realidade pertinente. Em cada dimensão vibratória encontrar-se-á limites típicos.

Atuar, visando educar e promover o autoconhecimento de uma pessoa, requer que se tenha em mente que a ação deve alcançar o ser na dimensão quântica, que é o lócus alquímico das verdadeiras transformações. A fala, o olhar, o gesto, a tonalidade afetiva, o exercício modelar, bem como a intencionalidade do instrutor ou educador, devem conter a consciência de que existe aquela dimensão e é nela que se processam as modificações profundas na alma. Isso interferirá na forma como se processam as falas, palestras, doutrinações, diálogos, relacionamentos, bem como toda comunicação entre as pessoas. Se o objetivo não é simplesmente uma compreensão da realidade restrita

aos limites físicos nem uma simples mudança de hábitos externos, então a comunicação entre os indivíduos deve levar em conta a dimensão quântica em que estão situados.

A Consciência, produto último da evolução humana, é uma coagulação de conteúdos e experiências inconscientes, isto é, o Inconsciente é matriz da Consciência. Imersos no corpo físico, passamos a acreditar que a Consciência a ele se restringe, sem considerar sua origem inconsciente e seu lócus original.

Há quem acredite que a vida após a morte descortina a ignorância do Espírito. É mais adequado pensar que ela acentua, pois retira as fantasias oriundas da ideia de um mundo macro que convida o ser humano a conhecê-lo, mas que, em face das inúmeras e constantes projeções, mitifica-o. Olhar para fora leva-o a construir aqueles mitos e fantasias. Olhar para dentro o faz acordar para um mundo diferente, convidativo e profundo. Sem os limites do corpo, levado a perceber a grande ilusão que viveu, tendo de encarar sua ignorância, terá certamente dificuldade em conceber o Universo a sua volta. Continuará mitificando, provavelmente divinizando a realidade. Quando se consegue desvestir a consciência dos mitos e projeções simbólicas milenares, pode-se perceber melhor o Universo.

As ideias quânticas tornam-se importantes para o esclarecimento do ser humano, pois reduzem as ilusões e fantasias, levando-o à consciência do véu interposto não só pelos sentidos físicos como também pelos paradigmas da ciência clássica, mecanicista e causalista. Esses paradigmas configuram uma *psiquê* enrijecida até então. É hora de se buscar modificar esse estado.

A vida verdadeira, propalada pelo Espiritismo como sendo a espiritual, é parte da questão a ser resolvida pelo Espírito. Vir e voltar para o mundo espiritual, cuja existência é questionada pela ciência, é apenas uma das muitas fases da evolução.

O Inconsciente não se estrutura de forma padronizada, cronológica ou convencional. Imagens, vibrações e configurações complexas compõem seu conteúdo. Palavras, sons e raciocínios lógicos dele não fazem parte. Tudo que dele sai recebe a conformidade da Consciência, portanto, de acordo com protocolos convencionais.

Quando analisamos sob o paradigma espírita, temos de considerar a complexidade da relação entre o Inconsciente e o Espírito. À primeira vista, pode-se pensar que o Inconsciente é o próprio Espírito. A distinção clara está na individualidade deste último. O Inconsciente surge da relação entre o Espírito e o meio. O Espírito precede ao Inconsciente que, por sua vez, gera a Consciência, campo de atuação do primeiro através do *ego*, estrutura que lhe representa.

A frequência vibratória do Inconsciente o situa fora dos limites do corpo e isso permite que seja acessado fora dos limites da consciência, isto é, por meios não convencionais. Nisso se baseiam as técnicas psicológicas projetivas, as relações mediúnicas, as comunicações telepáticas, bem como qualquer outro modo de apreensão da realidade sem a utilização dos cinco sentidos.

O corpo não tem condições de abrigar o Inconsciente em face das características físico-químicas do cérebro. A frequência vibratória do Inconsciente necessita de outro tipo de estrutura, razão pela qual a frequência vibratória do Perispírito abriga o Inconsciente.

O termo perispírito surge com o Espiritismo. É o corpo espiritual que serve de abrigo à mente e de veículo de manifestação do Espírito. Em breve a ciência perceberá sua existência, provavelmente dando-lhe outra denominação e origem.

A *psiquê* não é dissociada do todo e das coisas. O Inconsciente se conecta ao mundo real independentemente da Consciência e do *ego*.

A Psicologia do Espírito

A Psicologia do Espírito é o estudo do Espírito como individualidade, destituído de qualquer implemento material, nas suas relações com o meio ou a realidade. O Espírito é a individualidade que evolui nas relações que estabelece com o Universo e nas experiências que nele vivencia, em busca de sua identidade.

É a psicologia que se interessa pelo ser em si, conhecido como humano, princípio que denota inteligência, sentimento e capacidade de transformar o Universo, que independe da matéria ou de qualquer forma de energia. A Psicologia do Espírito é a parte da Psicologia que se dedica à investigação daquilo que pensa e concebe a si mesmo.

É uma psicologia da alma enquanto espírito que comanda um corpo, submetido às contingências de seu ainda incipiente nível de evolução, limitado pela ignorância que lhe caracteriza o estado atual. Um de seus fundamentos é a condição do Espírito como um ser autônomo em busca de sua autodeterminação.

Devemos reconhecer a existência de certas dimensões entre o Espírito e a matéria. Espírito é o princípio inteligente e ordenador do Universo. É ele que promove o Universo de acordo com sua habilidade e vivência coletiva. O Espírito tem, à sua disposição, o perispírito, em que se localiza a mente ou *psiquê*, que, por sua vez, utiliza o corpo físico, dotado de fluido vital. Portanto, temos:

1. Espírito, individualidade imortal, que representa o Criador de tudo.
2. Perispírito, que abriga a mente e atua sobre o fluido vital, construído/elaborado ao longo da evolução do Espírito, fruto de suas experiências com a realidade e com as relações com o outro.
3. Corpo físico, que, integrado ao fluido vital, possibilita a vida na matéria, permitindo uma percepção peculiar ao Espírito.

O Espírito é a individualidade pré-existente ao *ego*, com grau de complexidade cognitiva crescente, cujo desenvolvimento se observa em sua capacidade de domínio sobre o ambiente que o cerca. Para seu desenvolvimento, são necessárias aquisições significativas, que vão gradativamente integrando sua essência. Essas aquisições decorrem das experiências nas dimensões existenciais, com ou sem o corpo físico.

São princípios ou leis a serem integrados pelo Espírito:

- Capacidade de amar
- Mobilidade
- Manipulação e uso da energia/matéria
- Comunicação e uso da linguagem
- Multiplicação e ampliação do Universo
- Harmonia
- Sabedoria

Para alcançar a integração dessas leis ou princípios, é necessária a vivência de experiências significativas, nas quais o Espírito deve apreender paradigmas, tais como:

- Amorosidade, conectividade, generosidade, caridade, sexualidade afetiva, amizade autêntica etc.;
- Penetração social, mobilidade entre culturas, trânsito fácil entre distintas sociedades, competência para viver em diferentes cenários sociais etc.;

- Manipulação de fluidos, cura, educação da energia vital, equilíbrio orgânico etc.;
- Compreender e ser compreendido, ensinar e aprender, musicalidade, percepção artística etc.;
- Prosperidade, uso adequado do dinheiro, criatividade, habilidades operacionais, capacidade de ampliar processos em favor da sociedade etc.;
- Paz interior, promoção da tranquilidade, ordem interna, ordem externa, equilíbrio emocional e espiritual etc.;
- Percepção de totalidade e da amplitude das coisas, capacidade lógica, intuição desenvolvida, capacidade de dar explicações consistentes e múltiplas das coisas e eventos, compreensão flexível etc..

A ausência da aquisição desses paradigmas pode ser observada nos seguintes déficits:

- Ódio, mágoa, indiferença, desejo de poder, orgulho, egoísmo, instabilidade emocional, poucas e pobres relações afetivas etc.;
- Ausência de limites legais, ausência de limites físicos, restrições impostas à mobilidade, vícios, contenções impostas externamente, poucos recursos disponíveis etc.;
- Ignorância quanto às propriedades da matéria, doenças, restrições vitais, bloqueios à fluidez de processos materiais etc.;
- Restrições à compreensão, baixa capacidade de expressão verbal e escrita, inexistência de expressão artística, repertório linguístico pobre etc.;
- Dívidas, acumulação de bens materiais sem geração de empregos, exclusiva preocupação com a sobrevivência etc.;
- Instabilidade emocional, riscos desnecessários, agressividade, inquietação, descontrole dos instintos etc.;

- Repertório comportamental social reduzido, visão unilateral e mecanicista da sociedade e de seus processos, existência restrita e limitada espiritualmente.

O Espírito existe como estrutura multidimensional incognoscível. Sua constituição se alicerça nas diferentes dimensões, não pertencendo a qualquer delas. Sua natureza, inalcançável pela lógica humana, transcende o Universo material conhecido. É considerado, por definição, o Princípio Inteligente, capaz de alterar o Universo a sua volta, cuja constituição ainda é incompreensível. A afirmação de que o Espírito tem uma estrutura multidimensional significa dizer que se trata de algo que não existe numa única dimensão e que, quando se coagula numa delas, apresenta propriedades parciais específicas. O Espírito, quando se mostra na dimensão material, apresenta a Inteligência como seu principal atributo, permanecendo outros como manifestação secundária. Isso torna o Espírito capaz de alcançar uma realidade muito mais ampla do que aquela que a consciência concebe. Por transitar em muitas dimensões, a realidade, para o Espírito, é também multidimensional. Inimaginável o que é apresentado ao Espírito, pois a concepção que ele tem ainda está restrita aos limites estreitos do *ego*.

O Universo transcende a consciência, portanto, ao *ego*. O que é possível ser concebido pelo indivíduo tem os limites por ela definidos. A estrutura da consciência e seu conteúdo delimitam o alcance do que é possível ser concebido. Considerando-se a existência de um Eu (Espírito) independente da Consciência e do Inconsciente, as possibilidades se ampliam, logo, o Universo conhecido pelo *ego* torna-se pequeno e relativamente compreensível. A ampliação desses limites requer esforços contínuos na integração dos opostos aos conteúdos da Consciência, bem como a integração das ideias quânticas nas experiências cotidianas.

Deve-se considerar que a realidade do Universo macrocósmico disponível ao Espírito é posta pela consciência lógica, que poderá ser repensada. O Espírito, quanto mais consciente de si e com uma maior percepção do que o cerca, poderá recriar a realidade de acordo com novos interesses evolutivos. A ideia de uma origem para o Universo diz respeito ao pensamento linear que admite e necessita de uma causalidade para tudo. Se pensarmos conforme o paradigma causal, temos de entender a necessidade da existência de um início, portanto, de um fim. Mas, se pensarmos na pluralidade da realidade, fora dos limites da causalidade, haveremos de entender a existência das coisas em si mesma, independentemente de uma causalidade absoluta. Pensar em um início oferece o vazio da impossibilidade de se admitir algo antes e depois do fim do que se iniciou. Da mesma maneira, pensar a respeito da natureza essencial de Deus, considerando um início ou mesmo a criação da matéria extraída de algo inexistente, torna-se impossível.

A mente humana é um grande pincel com o qual são pintadas, em cores bem fortes, as realidades obscuras do Espírito. Tudo nela é concepção simbólica, pois a natureza deu tão-somente ao Espírito aquilo que pode de fato ser chamado de realidade.

Essas ideias nos levam a pensar na recriação da Psicologia, que deve considerar, agora, que há um ser complexo, chamado de humano, não linear e dotado de amplas possibilidades de realização e recriação da realidade. Os objetivos da Psicologia, em proporcionar uma melhor adaptação do indivíduo ao meio, contribuindo para que tenha relações interpessoais mais ricas e adequadas a sua realização pessoal, devem inserir a possibilidade de construção de novas e diferentes realidades. Os limites da Psicologia devem se ampliar com o advento das ideias quânticas.

Porém, as concepções subjetivas tornadas possíveis com o advento das ideias quânticas não devem excluir do ser humano os objetivos da vida comum, pois devem levá-lo muito mais longe do que foi possível até então. As concepções conservadoras devem ceder espaço para novas formas de viver e sentir a vida. As doenças mentais devem merecer novo olhar, considerando que a realidade que aparece no formato de sintomas tidos como patológicos deve ser entendida como pertencente ao Espírito e merece ser compreendida sob novos paradigmas.

Diante da imposição de se viver numa sociedade altamente informatizada, dependente de computadores, condicionada à informação acessível instantaneamente a todos, não se pode pensar no indivíduo dissociado das imensas possibilidades de cenários em que sua mente navega. Esse novo indivíduo não é o mesmo pensado pelas escolas psicológicas estruturadas a partir de ideias anteriores ao último quartel da segunda metade do Século XX. Tem-se de pensar no Espírito e não mais no indivíduo condicionado aos esquemas maternos e paternos, ou mesmo a um mundo limitado pelos paradigmas construídos pelas religiões tradicionais.

A Psicologia do Espírito é aquela que observa um novo ser humano, Espírito utilizador da mente, filtrado por um corpo materialmente limitado, que cada vez mais se conscientiza de sua autodeterminação no Universo. Seus paradigmas estão sendo reavaliados considerando-se os princípios clareados pela Física Quântica, pelo Espiritismo e pela Psicologia Analítica.

Física Quântica e Psicologia Analítica

*T*odo novo paradigma tem a propriedade de ser objeto de interesse das ciências, que pretendem atraí-lo para seus domínios como se fossem confirmatórios de seus experimentos e princípios. Com o paradigma quântico, não tem sido diferente. As escolas psicológicas têm dele se aproximado não só com citações mas também com discussões de princípios, tendo como base ideias quânticas. Dessa forma se desenvolvem as ciências, seguindo o princípio da interdisciplinaridade.

Com a Psicologia Analítica não foi diferente. Jung não ficou alheio ao que ocorria na Física. Estava geograficamente muito próximo das descobertas para ignorá-las, além de perceber que havia uma zona de confluência entre seus estudos e o que a Física Quântica apresentava. Sua visão a respeito do Inconsciente e dos eventos, cuja explicação transcendia os limites da lógica causal, aproximavam-no das ideias quânticas.

Um dos conceitos mais compatíveis com explicações quânticas é o da Sincronicidade. Jung percebeu uma classe de fenômenos que não se explicam pelas leis da Física Clássica em face da simultaneidade e da não causalidade entre eles, como se desobedecessem a linearidade espaço-temporal. Jung já se ocupava do problema da Sincronici-

dade desde os meados dos anos vinte do século passado, mas só após suas conversas e cartas trocadas com W. Pauli, seu ex-analisando, ele consolidou suas teorias a respeito de Coincidência Significativa (Conexões acausais ou Sincronicidade). Ele próprio escreveu, em conjunto com W. Pauli, um texto sobre Sincronicidade. Também não se pode esquecer de que ele se apoiou¹⁴ nos experimentos de J. B. Rhine (1895 a 1980) para confirmação de suas ideias sobre coincidências significativas ou conexões acausais. Jung considerava a Sincronicidade compensatória em relação à causalidade.

Após saber, por W. Pauli, do princípio da Complementaridade, proposto por Niels Bohr e confirmado por vários experimentos e estudos (De Broglie, Compton etc.), Jung propôs que a relação entre os conteúdos inconscientes e a Consciência guardasse o mesmo princípio. Na Física Quântica, se comprova que o átomo ora se *comporta* como onda, ora é *percebido* como partícula. Nada escapava ao olhar psicológico de Jung. Ele encontrava na Física Quântica um poderoso aliado científico que confirmava suas ideias. Nesse sentido, poder-se-ia estabelecer um paralelo *sincronístico* entre a Psicologia Analítica e a Física Quântica. A primeira se ocupa em estudar os fenômenos psíquicos o mais próximo possível de seu lócus. A segunda, faz a mesma atividade, observando-os, à distância, em seus efeitos.

Alguns dos sonhos de Wolfgang Pauli analisados por Jung constam do livro *Símbolos da Transformação*, cujo conteúdo motivou a dissidência de Jung com Freud. As conversas de Pauli com Jung foram úteis para a construção do conceito de Sincronicidade, princípio da conexão acausal. Em um texto de 1946, *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico*, Jung cita trecho de uma carta-resposta que recebeu de W. Pauli:

¹⁴ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 833s, p. 450.

A aplicação de leis estatísticas a processos da ordem de grandeza do átomo na Física tem uma correspondência notável na Psicologia, na medida em que esta investiga as fases da consciência, isto é, na medida em que eles se desvanecem na obscuridade e na incompreensibilidade e onde não se enxergam senão os feitos que têm influência organizadora sobre os conteúdos da consciência.¹⁵

Em nota de rodapé, ele afirma:

Provavelmente os meus leitores terão interesse em conhecer a opinião de um físico a este respeito. O Professor Pauli, que teve a gentileza de ler o manuscrito deste meu epílogo, escreveu-me as seguintes palavras:

De fato, o físico esperaria uma correspondência psicológica neste ponto, porque a situação epistemológica relativamente aos conceitos de 'consciência' e de 'inconsciente' parece oferecer uma analogia bastante aproximada com a 'complementaridade' abaixo mencionada, na Física. De um lado, só se pode deduzir o inconsciente indiretamente, a partir de seus efeitos (organizativos) sobre os conteúdos conscientes. De outro lado, qualquer observação do inconsciente, isto é, qualquer percepção consciente dos conteúdos inconscientes exerce um efeito reativo inicialmente incontrolável sobre estes mesmos conteúdos inconscientes (o que, como sabemos, exclui em princípio a possibilidade de esgotar o inconsciente tornando-o consciente). Assim, o físico concluirá, per analogiam, que este efeito retroativo incontrolável do observador sobre o inconsciente limita o caráter objetivo da sua realidade e ao mesmo tempo confere a esta uma certa subjetividade. Embora a posição do 'corte' entre a consciência e o inconsciente (pelo menos até certo ponto) seja deixada a livre escolha do experimentador psi-

¹⁵ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 439, p. 233-4.

cológico, contudo, a existência deste corte continua sendo uma necessidade inevitável. Em consequência, do ponto de vista da Psicologia, o sistema observado consistiria não só de objetos físicos, como também incluiria o inconsciente, ao passo que à consciência caberia o papel de instrumento de observação. É inegável que o desenvolvimento da 'microfísica' aproximou imensamente a maneira de descrever a natureza nesta ciência daquela da Psicologia moderna: ao passo que a primavera, em virtude da situação de princípio que designamos pelo nome de complementaridade, se vê em face da impossibilidade de eliminar os efeitos do observador com correções determináveis, sendo, assim, obrigada a renunciar, em princípio, a uma compreensão objetiva dos fenômenos físicos em geral, a segunda pode suprir a Psicologia meramente subjetiva da consciência, postulando a existência de um inconsciente dotado de um alto grau de realidade objetiva.¹⁶

Pode-se notar a relação estreita entre uma ciência e outra, principalmente no grau de imprecisão de suas observações. O predomínio da simbologia e da notação probabilística é evidente. Isso também fica claro na seguinte afirmação de Jung:

É preciso dar-nos sempre conta de que aquilo que entendemos por "arquetipos" é, em si, irrepresentável, mas produzem efeitos que tornam possíveis certas visualizações, isto é, as representações arquetípicas. Encontramos situação semelhante a esta na Física. Onde as partes mínimas são em si irrepresentáveis, mas produzem efeitos de cuja natureza é possível deduzir um certo modelo. (...) Quando a Psicologia admite a existência de certos fatores psicóides irrepresentáveis, com base em suas observações, em princípio ela está fazendo a mesma

¹⁶ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 439, p. 233-4.

coisa que a Física, quando constrói um modelo atômico. Não é somente a Psicologia que tem a desventura de dar a seu objeto, o inconsciente, um nome que tem sido frequentemente criticado por ser meramente negativo; o mesmo acontece à Física, porque esta não pode evitar o antigo termo “átomo” (o indivisível) para designar a menor partícula de massa. Da mesma forma que o átomo não é indivisível, assim também, como haveremos de ver, o inconsciente não é puramente inconsciente. E da mesma forma como a Física nada mais pode fazer, sob o ponto de vista psicológico, do que constatar a existência de um observador, sem ter condições de afirmar o que quer seja sobre a natureza deste observador, assim também a Psicologia só pode indicar a relação da psique com a matéria, sem ter condições de dizer o mínimo que seja quanto a natureza da mesma.¹⁷

Como o arquétipo, que é irrepresentável, produz imagens e temas representativos, assim também há algo ainda incompreensível que se faz representável, o que denominamos matéria. Essa incompreensão aproxima as ideias paradoxais a respeito de Espírito e matéria, pois parece levar a concepção de que são, em essência, a mesma coisa. Não se pode afirmar tal ideia, pois nada se sabe a respeito da essência de um nem de outro, portanto, não se pode inferir que sejam a mesma coisa, a não ser o fato de pertencerem ao mistério do humano. Física e Psicologia, ambas, no dizer de Jung¹⁸, abordam o transcendental, o intangível. Semelhante ideia escreve Pagels (1982), ao afirmar que “A realidade quântica é racional, mas não visualizável”¹⁹.

¹⁷ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 417, p. 219.

¹⁸ JUNG, C. G. *Cartas*. Petrópolis: Vozes, 2003. v. III.

¹⁹ PAGELS, Heinz R. *O código cósmico*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1982. p. 15.

Jung tinha consciência perfeita de que lidava com algo extremamente intangível e de difícil caracterização no mundo material e lógico em que vivia. A Psicologia tinha limites, impostos pelo mecanicismo e pela linguagem acadêmica do século anterior. O preconceito sobre Jung seria ainda maior se avançasse em temas fronteiraços de difícil definição. Porém, a Sincronicidade poderia ser tratada, pois nada se sabia a respeito. Era algo novo. Consciente de seu pioneirismo, ele afirmou:

Se queremos, porém, fazer considerações de princípio a respeito da natureza do psíquico, precisamos de um ponto de apoio arquimédico que é o único a tornar-nos possível um julgamento. Mas este ponto só pode ser o não-psíquico, porque, como fenômeno vital, o psíquico se acha embutido em algo de natureza aparentemente não-psíquica.²⁰

Ainda agradecido a W. Pauli, Jung escreve:

Como o mundo dos fenômenos é um agregado de processos de dimensões atômicas, naturalmente é da máxima importância saber se e de que modo os fótons, por exemplo, nos proporcionam um conhecimento definido da realidade subjacente aos processos energéticos mediadores. A experiência nos tem mostrado que a luz e a matéria se comportam, de um lado, como partículas separadas e, do outro, também como ondas. Esta descoberta paradoxal obriga-nos, no palco das grandezas atômicas, a abandonar uma descrição causal da natureza no sistema ordinário espaço-tempo, e a substituí-la por campos irrepresentáveis de probabilidades em espaços multidimensionais que representem verdadeiramente o estado de nossos conhecimentos

²⁰ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 437, p. 233.

atuais. Na raiz deste esquema abstrato de explicação está um conceito de realidade que não abstrai dos efeitos que o observador inevitavelmente exerce sobre sistema observado, com o resultado de que a realidade perde alguma coisa de seu caráter objetivo e a imagem do mundo físico se apresenta com uma componente subjetiva. Devo esta formulação à amável ajuda do Professor W. Pauli.²¹

Jung não levava em consideração a ideia da Natureza não ter propósitos. Isso fica claro quando considera “acaso” “...aquilo que acontece ao homem como se fosse atraído por ele.”²² Para ele o que acontece, ou se coagula, na vida de uma pessoa guarda estreita relação com os processos psíquicos.

Os conceitos da Psicologia Analítica, resumidos no Glossário, podem dar uma ideia da preocupação de Jung em alcançar a estrutura íntima da psiquê humana, bem como em caracterizar a existência de um observador não passivo e inalcançável diante de um objeto surpreendentemente incognoscível.

²¹ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 438, p. 233.

²² *Ibidem*, par. 823, p. 443.





Quarta Parte: O Humano e o Divino

Espiritismo, Psicologia e Universo Quântico
Multidimensões
A Sinfonia Cósmica
A Nova Ciência da Mente
Que Campos Criamos e Sintonizamos
O Universo é Elegante?
Ideias Quânticas e Distúrbios Psicoespirituais
Dúvidas e Possibilidades
Exercícios Quânticos



O Humano e o Divino

A grande dialética vigente na consciência humana é Deus e o Humano. Constituem o par de opostos de fato provocador de todo conflito, em face da forma como entendemos a relação entre eles. O Divino fez o humano, que concebe o Divino como lhe é possível. Nada garante ao humano que assim seja.



Espiritismo, Psicologia e Universo Quântico

*S*empre achei que a linguagem da Física era muito abstrata para retratar a realidade percebida pela mente humana. Minha formação em Engenharia me mostrava que as fórmulas e formulações eram por demais restritas e lineares para descrever o que é captado de forma instantânea pela mente humana. As formulações matemáticas eram simples reduções (exigências do eu da Consciência) para poder caber na dimensão lógica da *psiquê*. Mesmo assim, percebo que a Matemática, em certas expressões, chega antes daquilo que a mente gostaria de alcançar. Quando me dediquei ao estudo da Filosofia, fiquei encantado com a amplitude das possibilidades de compreensão da realidade, mesmo considerando as limitações do pensar, impostas pelas percepções rudimentares da Consciência. Mesmo assim, achava que tanto a Física quanto a Filosofia estavam descrevendo apenas o mundo dos sentidos e de forma parcial. Quando me debrucei sobre a Psicologia foi que compreendi melhor as incertezas em que me encontrava. Vi que o Inconsciente, como estrutura psíquica, desempenha fundamental importância na percepção da realidade. Porém, avaliei que a própria Psicologia, que deveria ser a ciência da alma, era caolha para enxergar o Espírito. Foi, de fato, ao conhecer os

princípios do Espiritismo que tive uma percepção de totalidade. Antes de iniciar minha primeira graduação, conheci os paradigmas espíritas, contribuindo para a ampliação das possibilidades de percepção do mundo, extrapolando os limites da Consciência, ainda excessivamente vinculada aos paradigmas cartesianos, mecanicistas e materialistas da maioria das pessoas de minha época de estudos universitários. Porém, foi a união desses saberes que me permitiu ir além de mim mesmo, do que pensava ser o que era, voando alto na busca pelo incognoscível.

Com as ideias quânticas, vi a maioria de minhas construções filosóficas ruir, permanecendo uma maior inquietação sobre o que de fato é a realidade e qual a finalidade da vida humana.

Como já vimos antes, desde o começo do Século XX, com os estudos e pesquisas de Max Planck, o Universo conhecido pelo ser humano deixou de ser o mesmo. As descobertas sobre a radiação e sobre os processos microscópicos revolucionaram, desde então, a Física, a Ciência e o pensar humano. Max Planck, Albert Einstein, Ernest Rutherford, Niels Bohr, Arthur Compton, Louis de Broglie, Paul Dirac, Wolfgang Pauli, Werner Heisenberg, Erwin Schrödinger, Max Born e outros contribuíram muito, com suas descobertas e ideias, para que melhor entendêssemos o Universo e o que chamamos de realidade. Os estudos e as descobertas desses cientistas levaram a discussão a respeito da causalidade e das influências da Consciência à observação dos fenômenos da realidade.

Na mesma época em que surgiram os fundamentos da Física Quântica, a Psicologia apresenta, pelos estudos de Sigmund Freud e as contribuições de Carl Gustav Jung, o Inconsciente Coletivo, com seus Arquétipos, resultante do repertório das experiências comuns da humanidade. A descoberta do Inconsciente pela Psicologia amplia a percepção humana a respeito da motivação e de como funciona a mente humana.

Antes mesmo da Física iniciar seus estudos e da Psicologia surgir como ciência, o Espiritismo já tinha apresentado suas teses a respeito da mente, da imortalidade do Espírito, da existência da dimensão espiritual e de sua intervenção na realidade material. O Espiritismo se ocupa da existência, imortalidade e individualidade do Espírito e de suas relações com o mundo material.

Estudar a Física Quântica, a Psicologia e o Espiritismo significa entrar em contato com os conhecimentos transcendentais mais atuais da humanidade, portanto, colocar-se na vanguarda do saber e dos princípios que favorecem uma melhor compreensão do sentido e do significado da vida. Qual a relação entre essas três áreas do conhecimento? Tanto o Espiritismo quanto a Psicologia tratam de fenômenos cuja origem é o Inconsciente, que deve ser visto como uma estrutura de conexão com o Universo Quântico.

A Psicologia se fundamenta na existência das motivações que antecedem o comportamento humano, sejam elas inconscientes ou conscientes. A Física Quântica tem, como um de seus fundamentos, a multiplicidade de dimensões e de possibilidades de compreensão da realidade; um outro é a não causalidade percebida no mundo microscópico. O Espiritismo tem como um de seus fundamentos a existência dos espíritos, a vida após a morte e todas as consequências dela advindas. A unidade dessas áreas do saber humano está no próprio Espírito, senhor de toda a compreensão possível e protagonista dos processos do Universo conhecido.

A Psicologia Analítica se ocupa principalmente do estudo do Inconsciente, sem desprezar a Consciência, muito embora Jung tenha dado ênfase ao estudo do primeiro. No Inconsciente postulado por Jung, encontramos os arquétipos, que são estruturas dominantes do comportamento humano, forjados ao longo da evolução. Seus estudos compreendem assuntos que dizem respeito

à dinâmica psíquica, tais como: arquétipos, sincronicidade, sonhos, energia psíquica, tipos psicológicos, função transcendente, complexos etc..

Por sua vez, o Espiritismo trata da origem e natureza dos espíritos e de suas relações com o mundo material. Em seus princípios constam: a mediunidade, a reencarnação, a vida no mundo espiritual, a evolução do Espírito, a pluralidade dos mundos habitados, a moral cristã etc.. Com a importância que a Psicologia tem tido nas religiões, como conhecimento auxiliar na evolução do ser humano, o Espiritismo também tem se aproximado daquele saber.

A Física Quântica, como vimos, se ocupa do estudo do microuniverso da matéria, estabelecendo princípios que, via de regra, contradizem os postulados rígidos da Física Clássica. São temas afeitos à Física Quântica: a Complementaridade, o Princípio da Incerteza, o Salto Quântico, as *Supercordas*, o Universo Probabilístico etc.. Com a introdução da subjetividade na análise dos fenômenos quânticos, nos quais se dá relevância ao papel do observador, a Nova Física Quântica tem se aproximado das ideias do Inconsciente, conseqüentemente, da Psicologia Analítica.

Não há como negar a tendência arquetípica da interdisciplinaridade tal qual ocorre nos conteúdos do Inconsciente, que se misturam, paradoxalmente, sem oposição. Psicologia, Espiritismo e Física Quântica são conhecimentos que possuem uma zona de fronteira cada vez mais extensa. Retirando-se os preconceitos de parte a parte e agregando-se os saberes, têm muito a contribuir para desvendar os segredos do Universo.

O Espiritismo, apropriando-se das ideias quânticas e lhes acrescentando o paradigma espiritual, a dimensão de continuidade do eu e da imortalidade do ser, proporciona imensas possibilidades de compreensão das coisas para um maior avanço da evolução do Espírito. O Espiritismo é uma doutrina pluralista que permeia várias

áreas do conhecimento humano. A perspectiva espiritual pode ser útil na compreensão de vários fenômenos da natureza, até mesmo daqueles que são tratados pela Física Quântica. A Psicologia, como estudo da mente humana, pode também contribuir para a compreensão do Universo Quântico. Basta que se permitam cair os dogmas e convenções enrijecidas pelo raciocínio causalista e mecanicista, infelizmente ainda presente nos três.

Há limites para a Física Quântica, para a Psicologia e para o Espiritismo. Há um limite na Física, a partir do qual se torna literalmente física dos efeitos, pois a matéria não pode mais ser reduzida, apenas pressentida, portanto, psicologizada, transportando conteúdos inconscientes para o eu da Consciência, no formato de símbolos. Há um limite para a Psicologia, pois quando o observador se torna o objeto a ser observado, a relativização toma conta do olhar. Nada se pode afirmar sobre o que não possui um olhar externo sobre si mesmo. Há um limite para o Espiritismo quando, à semelhança do cristianismo paulinista, despreza a natureza ctônica (ou ctónica, relativo à terra) humana. Essa natureza o identifica com as forças telúricas, que são inerentes ao humano e dele inalienáveis. Isso coloca o Espiritismo como um conhecimento com objetivos que excluem parcialmente o ser humano, prejudicando sua evolução, pelo purismo em que se apoia. Em matéria de saber, não deve haver limites. Tal limite também pode ser observado na insistência em se colocar alguns de seus fundamentos na discutível, porque mecanicista, “lei de causa e efeito”.

A discrepância do comportamento observado no mundo microscópico em relação ao macroscópico se assemelha à existente entre o Inconsciente e a Consciência. Essa semelhança provoca a ideia de uma correlação entre as três áreas citadas. A Psicologia, até então lógica e pragmática, mesmo com sua inerente subjetividade, deverá considerar novas postulações de acordo com as

considerações e paradigmas quânticos. A Física Quântica, cheia de dúvidas e baseada na incerteza, deverá considerar a necessidade de repensar quem é o observador dos fenômenos no Universo. O Espiritismo deverá se popularizar não necessariamente ou exclusivamente pela via religiosa, mas principalmente pela necessidade de emancipar o Espírito de sua dependência quase absoluta da crença na salvação divina. Essa emancipação terá que contar com a integração das ideias quânticas aos princípios espíritas, com posterior disseminação entre seus praticantes.

O mundo externo ao ser humano sempre lhe foi fascinante, cujo contato é gerador de experiências significativas, forjadoras de paradigmas que são integrados ao Espírito. Com o advento da Física Quântica, o mundo microscópico tem levado o ser humano a simbolizar e a aproximar-se mais consistentemente do seu mundo interior. Esse contato permitirá a integração de novos e diferentes paradigmas, já que a proximidade com o Inconsciente é maior e feita de forma mais segura, sem apelar para deuses sobrenaturais.

A especulação das observações experimentais e formulações matemáticas dos físicos sobre o que ocorre no microcosmo ativa a Função Transcendente, presente sempre que um conteúdo do Inconsciente deve vir à Consciência, gerando símbolos míticos. Estamos diante de um momento alquímico, no qual as especulações quânticas geram uma multiplicidade de símbolos, por enquanto chamados de “explicações”. Os atuais físicos quânticos são os antigos alquimistas, agora mais conscientes da subjetividade daquilo que investigam.

A interligação do sujeito ao objeto nos leva a inferir a conexão do Inconsciente com o Mundo. Tudo está, de alguma forma ainda desconhecida, interconectado. Há uma realidade subjacente àquela percebida pelo olhar humano. Ela é inacessível à lógica humana. A dualidade

onda-partícula, na qual quando o objeto investigado está parado é partícula e quando em movimento observa-se como onda, como afirmava Niels Bohr, comprovado por De Broglie, leva-nos à percepção de uma estreita e automática relação entre o eu e o mundo. Sabemos que os modelos são complementares e que a mente humana ainda vai se acostumar a uma nova ordem.

As novas ideias trazidas pela Física Quântica, pela Psicologia, pelo Espiritismo, pela Filosofia Contemporânea e pela Cibernética nos conduzem a novas construções psíquicas para uma maior compreensão do que é, de fato, o ser humano e do que pretende ser. É de se esperar que a Humanidade amadureça ao utilizar essas novas ideias, proporcionando crescimento, prosperidade, felicidade a todos e, sobretudo, a consciência do significado existencial.

O desafio maior dos saberes humanos, com o advento das ideias quânticas, será o de proporcionar meios para que o ser humano encontre o significado e o sentido de sua existência. Talvez estejamos a um pequeno passo de isso acontecer. Talvez esteja muito próximo. Então, voos mais altos serão dados.



Multidimensões

*P*ara justificar as propriedades “percebidas” na matéria, a Física Quântica apresenta, por formulações matemáticas, a multiplicidade de dimensões. O que antes eram quatro (três mais o tempo), passou a ser onze, incluindo, inusitadamente, a dimensão espiritual. As onze dimensões (dez espaciais e uma temporal) são padrões vibratórios diferentes. Enxergamos (percebemos) pela consciência em três dimensões. Se em quatro dimensões já é complexa a percepção da realidade pelo ser humano, o quão inimaginável deve ser quando o número é maior.

As dimensões apresentadas pela Física Quântica não são, como pode parecer, isoladas entre si. São interrelacionadas, indissociadas como a linha é do ponto que a forma. Elas se interpenetram sem que se possa encontrar uma unidade dissociada de um todo, tampouco uma totalidade em que se possa resumi-las. Unidade e totalidade se equivalem, portanto, seus constructos lógicos não são suficientes para assambarcar a realidade multidimensional.

A Psicologia empírica, como a maioria das ciências, rica em suas experiências, fundamentada nos paradigmas lógicos, baseada na realidade unidimensional, excluindo a dimensão espiritual, é limitada. Inserindo essas novas dimensões, darão lugar a amplas possibilidades do Espírito se manifestar.

Chegaria ao ser humano comum, em sua vida cotidiana, a percepção das onze dimensões? Para que elas servem? São perguntas que exigem raciocínio complexo com respostas não tão simples. Pelo menos, sabemos que a complexidade do Universo é maior do que supomos e do que captamos. Vivemos numa limitada e estreita faixa de percepção, pois nossos sentidos físicos bloqueiam a maior parte dos fenômenos do Universo. Provavelmente ocorrem muitos fenômenos à nossa volta sem que tenhamos a menor noção de como e porque ocorrem, mas que interferem no nosso modo de ser.

Conceitos como Deus, Vida, Natureza, Universo, entre outros, são utilizados, por vezes, para significar algo que responde ou dispõe a realidade para a consciência humana, como uma certa força, não material, que comanda (tudo que é físico, psíquico e espiritual) todas as dimensões e reordena a realidade segundo fatores internos da mente humana. Esses conceitos configuram uma determinada realidade em que nos situamos, compondo um mosaico de possibilidades de ação e realização. À medida que modificamos conceitos e integramos novos significados, nos inserimos em outras realidades, ou as criamos, penetrando dimensões inacessíveis pelos sentidos físicos, mas alcançáveis pelos novos modos de concepção.

Nada garante que os atributos daquela força, de fato, pertençam a algo externo, tampouco se encontrem no próprio ser humano. Se assim fosse, veríamos, em todos, a mesma crença e a mesma competência de reconfigurar a realidade. Com esse raciocínio, também não estou excluindo, nem este é o tema em foco, a existência de algo externo detentor e criador daquela força. Podemos postular a existência de algo no humano que gera a ideia da força. O que mais impressiona é que, independentemente ou não daquela força, os conceitos que dela temos nos inserem numa ou noutra dimensão, plasmando diferentes realidades.

Os universos (dimensões) paralelos, ou que se inter cruzam, e que, ao menos aparentemente, se ignoram, parecem ser independentes e devem possuir leis próprias. A visão de unidade, discutida em capítulo anterior, deve dar lugar à pluralidade, isto é, a infinitas possibilidades de concepção. Por isso, a ideia da existência de mundos, ou planetas, em diversos graus de evolução, toma novo formato, saindo da linearidade e assumindo a multidiversidade. Isso significa dizer que tanto podem existir planetas habitados em nosso Universo como também nas diferentes dimensões de outros universos.

A ideia de uma só realidade que evolui de um marco zero é substituída por *n* marcos zero. O *Big Bang*, ou a grande explosão que deu origem ao Universo, se empobrece, pois pode-se imaginar muitas grandes explosões em muitos universos. Isso nos leva a pensar que não há início para nada, a não ser na vontade e no desejo humano, pois nada poderemos afirmar sobre algo divino.

A realidade é incrivelmente complexa e admiravelmente fantástica. Qualquer tentativa de limitá-la ao convencionalismo ortodoxo das religiões é menosprezar a própria inteligência humana. São múltiplas as possibilidades de realidade à disposição da imaginação humana. A liberdade é um capítulo da experiência humana que pode e deve ser vivido na construção dessas possibilidades de realidade. Cada ser humano tem a liberdade de criá-las e de vivenciá-las como lhe prover.

Realidade, existência, vida, mundo externo, representação e vontade, dimensão etc., isto é, aquilo que se apresenta para que o Espírito se manifeste, aconteça, “experiencie”, é algo que, de fato, se torna cada vez mais complexo à medida que a consciência do eu, como individualidade, evolui. Considerar que existem múltiplas dimensões não é suficiente para resolver as incógnitas que explodem naquela mesma consciência a respeito de si e da realidade.

Independentemente das dimensões apresentadas pela Física Quântica, outras existem²³ que promovem a complexidade da vida humana. As dimensões a que me refiro são aquelas que nos vinculam ao outro e que põem o *ego* nas relações. No interior da *psiquê* humana, existem diferentes dimensões que nos vinculam nas relações com o outro. Como exemplo, podemos dividir essas dimensões em grupos que associam experiências semelhantes por nos colocarem em contato com certos paradigmas. São dimensões internas: corporal, física, sexual, filial, paternal, maternal, afetiva, emocional, criativa, religiosa, espiritual, psicológica, profissional, intelectual, política, fraternal, financeira e artística. Cada uma dessas dimensões insere o Espírito, através do *ego*, numa realidade específica. Essas não são dimensões relacionadas pela Física Quântica, mas, inevitavelmente, leva o Espírito a compor diferentes cenários existenciais.

²³ Ver capítulo sobre autoanálise no livro *Psicologia e espiritualidade*, do autor.

A Sinfonia Cós mica

Quando a Física Quântica aponta para a existência de um Universo constituído de *cordas* que vibram, plasmando a realidade, não se pode deixar de imaginar uma sinfonia regida por um majestoso maestro. Se vibram é porque uma força ou energia as provocam. Quem ou o que promove essa vibração? Admitir que seja Deus torna-se óbvio. Trata-se, no entanto, da necessidade de se entender que essa ideia, a das *cordas*, é ainda o formato de como aquilo que se tornou extremamente complexo nos padrões de compreensão humana pode se tornar assimilável. As *cordas* que vibram são virtuais, ou talvez, espirituais. A teoria das *cordas* e *Supercordas* é uma sofisticação para o incompreensível. Nada esclarece, pois mantém a questão da Unidade Elementar da Matéria sem solução. As pequenas *cordas* tomaram o lugar do átomo. Assim como se descobriu de que se constituía o átomo, também se chegará ao mesmo ponto em relação às pequenas *cordas* invisíveis. Ou não se chegará porque, talvez, elas venham a se tornar o limite aceitável pela Física Quântica para o psíquico.

É realmente a Vida, o Universo, a realidade percebida, entre outras circunstâncias, algo de maravilhoso e incrivelmente fantástico. Porém, sob que paradigmas avaliamos assim? É uma questão estética? Ou é porque percebemos como algo muito bem concebido, de tal forma

inteligente, que nos toca a lógica? Poderia ser por causa dos sonhos e fantasias que almejamos alcançar e que nos levam a acreditar que o destino caminha para tal? Talvez seja isso e mais outras coisas. Creio que a questão do observador se tornar responsável pelo cenário e pelo seu destino confere ao processo uma criatividade infinita, possibilitando outros paradigmas de percepção e análise.

As possibilidades de experiências serem vividas se tornam cada vez mais surpreendentes, porque complexas, inusitadas e inteligentemente concebidas para o êxtase daquele que as vive. Isso coloca a individualidade, ou Espírito, questionando o que realmente proporciona ou cria esse fenomenal processo. Por mais que se responda com um nome (Deus) que compreende uma série de ideias a ele associadas, não se alcança a percepção do que gera tudo isso – a Vida.

Maravilhosa a ideia de um Criador que deu ao observador (criatura) a felicidade de plasmar o Universo ao seu bel prazer. O ser humano vê o Universo de uma forma peculiar, independentemente do que ele é. O ser humano se torna um verdadeiro artífice, uma espécie de pintor ou concertista do Universo que vibra a sua volta. Mesmo assim, não tenho a certeza de que um dia alcançará a essência daquilo que ele manipula.

Essa percepção de Universo, aparentemente utópica e sonhadora, não deve excluir seu lado sombrio. A sinfonia existe porque há um vazio que a torna real. Algo projetou esse vazio para que o Espírito o preenchesse, realizando a Grande Obra. Esse feito não só se materializa fora do ser humano, como também, e principalmente, no seu interior, fazendo-o ser aquilo para o qual foi criado.

Encanta-me saber que na coesão da matéria predomina a incerteza, a imponderabilidade e a probabilidade. Isso torna o pragmatismo mecanicista um escudo para a ignorância humana. Em seu seio, a consciência se sente mais segura e menos vulnerável ao desconhecido.

Encanta-me saber que foi a razão humana que descobriu a impossibilidade de se detectar a concretude da matéria. Pois, mesmo com a parcialidade do saber lógico, é possível se penetrar nos meandros do desconhecido divino. Sem a razão, permaneceríamos acorrentados ao Inconsciente, desprovidos da individualidade na consciência.

Encanta-me saber que a Natureza (Deus, ou Universo, ou Vida, ou qualquer nome que lhe atribuamos) sempre surpreende o saber humano com novas e diferentes possibilidades de entendimento de seus processos. Isso aproxima o ser humano do que ele concebe ser Deus. Torna-o menos solitário e menos dependente do que considerava ser o Divino. Tudo parece conduzir para a divindade do humano.

Encanta-me descobrir que tudo pode ser diferente de como penso e sinto, sempre visando meu bem estar e meu desenvolvimento espiritual. Isso me faz antever uma certa ordem cósmica, mesmo em meio à aparente desordem atômica. Leva-me à percepção da riqueza da Vida e do universo de infinitas possibilidades quando sei que devo cruzar minhas percepções com as do outro.

Encanta-me saber que Deus se realiza através de mim mesmo e que a consciência de mim mesmo é Sua voz. Isso me faz desconstruir as ideias arcaicas a respeito da natureza de Deus, que o apresentavam com atributos de meu próprio *ego*. Percebo que a existência de Deus para mim está condicionada à minha própria. Nada a respeito de Deus pode ser validado senão a partir de minha própria realidade. Devo tornar-me apto, capaz, adequado, feliz, responsável, pleno e autodeterminado para perceber, de forma mais madura, o sentido e o significado de Deus em mim mesmo.

Encanta-me saber que nada tem fim e que não há possibilidade de se chegar ao limite das coisas nem de determinar onde começa algo. Isso me fez entender que

nada no Universo é tocado diretamente. Tudo influencia tudo, mas nada é palpável ou sentido tal qual de fato é. A leveza e o mistério permanecem e assim será até que se alcancem novos horizontes evolutivos. O que quer que tenha feito, tudo que existe não permitiu visibilidade de nada. O ser humano tem sua própria luz interior, que deve fazer brilhar de dentro para fora. A luz também deve brilhar de fora para dentro, isto é, do observador para o objeto observado, pois assim exige o Universo.

Encanta-me saber que o outro é mais um mistério da Vida e que nele pulsa um intrigante universo. Isso me leva a querer conhecer o outro e a ele me conectar como se buscasse o desconhecido em mim mesmo. Nessa busca, descubro o amor que une as pessoas e torna a vida um grande campo de manifestação da amorosidade.

O Universo Quântico torna o amor o sentimento que flui do interior da alma humana e se espalha nos confins do Universo. Se nos deixarmos contaminar pelo amor que emana da Consciência Divina e que permeia tudo, não só alcançaremos a paz interior como também viveremos em harmonia com nosso próximo. Nesse sentido, deve prevalecer o Amor *Fati*, isto é, como pensara Friedrich Nietzsche (1844 a 1900), o amor ao destino, à vida, às coisas, ao Universo, a tudo que se torna real ao humano. Esse amor, pela inevitabilidade de se viver, constitui a grande paixão humana, em face de sua obrigatória existência. Esse amor a ser construído na alma humana leva a considerar que o sofrimento pessoal é de menor relevância ante um destino a ser vivido de forma intensa e real.

A Nova Ciência da Mente

*H*á uma ideia reinante nos meios acadêmicos, sobretudo nas áreas que estudam a vida em geral, de que existe um princípio ordenador, nos mecanismos biológicos, subjacente à matéria que o representa. A sofisticação das pesquisas implementadas por novos instrumentos de investigação, para as quais a contribuição da Física Quântica é inegável, promove a descoberta de sutis mecanismos e processos inerentes à matéria orgânica, antes inacessíveis.

Por outro lado, nas áreas relativas ao comportamento humano (Sociologia, Antropologia, Psicologia, Psicopedagogia, entre outras), observa-se uma certa inquietação com a fronteira entre o que é individual e o que é coletivo. Esse questionamento põe em cheque a autoria dos fatos, bem como aprofunda o olhar subjetivo para o ato humano. Quanto mais se pretende mensurar, mais se esbarra nas probabilidades e nas interpretações subjetivas.

Diante das incontáveis possibilidades de expressão da realidade, em que os objetos não podem ter, com precisão, sua delimitação espacial, é de suscitar a questão da situação da Consciência como lócus do observador. A multiplicidade de dimensões que indicam infinitas escolhas ao observador permite que se infira semelhante número (ilimitado) de estados da consciência. Qual ciência mecanicista continuará com postulados rígidos e causalistas diante desses novos paradigmas? Novas ciências estão nascendo

e as antigas estão se refundindo. Lentamente, a Humanidade vai caminhando na direção do Espírito imortal.

A Psicologia, investida das ideias quânticas (não-causalidade, mente independente do cérebro e subjacente a ele, observador atuante no universo etc.), considerará a importância do que o sujeito pretende para si e naquilo em que ele pode se tornar em detrimento das causas passadas, que nada mais foram do que impressões subjetivas de experiências. Tais experiências se deram de forma muito mais inconsciente do que consciente. A Psicologia considerará a mente como objeto a ser explorado pelo próprio sujeito, como algo (um aparelho) cujo funcionamento deve ser exaustivamente conhecido para melhor ser aproveitado. A distinção entre cérebro, mente e sujeito deverá se tornar bastante clara.

Mas o papel mais relevante da Psicologia, agora investida das ideias quânticas, será na Educação. Conhecendo-se mais detalhadamente o aparelho psíquico, sabendo-se de seu funcionamento e de sua condição de órgão a serviço do sujeito, poder-se-á avaliar melhor a possibilidade de prevenção de doenças psíquicas. Far-se-á distinção entre doenças do órgão psíquico e do sujeito. Tal distinção se vê numa organização, na qual um problema pode ter sua origem numa máquina, ou num processo. Assim pode ocorrer num ser humano. Seu problema pode estar localizado no aparelho psíquico, ou em si mesmo, em sua personalidade, isto é, na sua capacidade de compreender a realidade e na maneira de percebê-la. Na Educação, se dará ênfase ao aprimoramento dos modos de percepção da realidade e não apenas ao conteúdo do aprendido. O que o Espírito apreende como inteligência, ou saber, não se situa na dimensão do corpo. Inicialmente passa pela dimensão do perispírito e, depois, chegará ao Espírito.

Assim como a ciência médica se subdividiu em especialidades, cuja complexidade se torna cada vez maior,

a Psicologia também o fará. Teremos a Psicologia do Aparelho Psíquico como especialidade da Psicologia do Ser Humano. Isso não deve causar espanto, pois caminhamos para uma maior percepção das coisas em seus mínimos detalhes, alcançando o seu nível quântico. Sem essa diversificação e esse aprofundamento do conhecimento, o saber se torna dogma, no qual se encastelam os verdadeiros motivos do ser humano e de sua existência.

Nenhum saber deve temer a interdisciplinaridade nem o avanço das ideias, cuja geração se assenta no modo coletivo de pensar. O receio das ciências ao ocultismo ou ao conhecimento religioso advém da ignorância a respeito da subjetividade das coisas. Essa subjetividade foi escancarada pela própria Ciência, que não mais suportou a pressão dos conteúdos do Inconsciente sobre a Consciência. Não cabem mais medos ou restrições, mas sim depurações do que se descreve como realidade, pois ela é de fato algo essencialmente ligado ao observador. Todas as contribuições para que se alcance o melhor e mais profundo conceito a respeito das coisas devem ser aceitas. Só negado quando as evidências provarem o contrário. Assim mesmo, considerando que o que foi negado poderá, algum dia, voltar a ser objeto de novo entendimento.

A nova Psicologia irá questionar não só quem é o sujeito observador como também sua localização. Da mesma forma que temos as dualidades onda-partícula e inconsciente-consciência, em que se torna difícil precisar onde começa uma e termina a outra, valendo também o Princípio da Incerteza, encontramos semelhança em relação ao Espírito e a Mente. Isso quer dizer que também é difícil precisar onde começa a Mente e onde termina o Espírito. Por enquanto, são vistos como uma única entidade. Há uma individualidade ou, no Universo, não existe qualquer ente totalmente dissociado de outro? Penso

que a resposta seja simples, tendendo minha consciência para a não existência de um ser totalmente independente de outro. Mas considero que a individualidade do Espírito é um fato em relação à Mente e ao Corpo, isto é, há total independência de ambos para existir. Quando a Psicologia observa e conceitua a Mente, não alcança o Espírito. Quando as ciências delimitam o ser humano, esquecem da influência do aparelho psíquico em seu comportamento.

A nova ciência da Mente será uma Psicologia ampla que perceba o sujeito, os processos psíquicos e o que permeia a Vida, ainda inalcançável à consciência humana.

Que Campos Criamos e Sintonizamos

Assistimos, com o advento da Física Quântica e suas surpreendentes e controvertidas ideias, à valorização da Matemática avançada ao lado do experimentalismo. O alto grau de simbolização da Matemática aproximou a Física Quântica da subjetividade inerente à ciência psicológica. Coletivamente, está se formando um campo novo. Algo que leva a mente humana para além do concebido até então. Um campo de ampla e complexa subjetividade e espiritualidade. O ser humano penetra cada vez mais na dimensão essencial de sua natureza espiritual.

O que entendemos como realidade parece ser algo como uma dinâmica atmosfera, em que atuam princípios invisíveis conhecidos como campos que mobilizam forças interrelacionadas. O que nos parece ser matéria nada mais é do que o resultante de algumas dessas forças. O que nos parece concreto nada mais é do que um campo de vibrações perceptíveis sob certas condições de conexão entre as partes envolvidas.

Alinhavando as ideias quânticas, poderemos conceber várias possibilidades de compreensão da Vida. As diversas teorias fazem nossa consciência fervilhar em torno de imensas possibilidades de entender o Universo.

Quando pensamos num Universo com início, meio e fim, produzimos a falsa ideia de que tudo está nele contido e de que nada há fora do que a mente poderia conceber. Esse raciocínio recebe a contribuição da ideia do *Big Bang*, que é uma formidável teoria, mas enrijece a possibilidade da não existência de outras dimensões. Em contrapartida, os famosos buracos negros, densos aglomerados de matéria em diminuto espaço, tornando-os invisíveis e absorvedores de luz, apontam para algo obscuro e fantásticamente maravilhoso que ocorre na interação entre o mundo macro e o microcósmico. A intrigante possibilidade de se escolher a realidade em que se vive, construindo o destino de acordo com a própria consciência, releva o ser humano ao papel de Senhor do Universo. Isso conduz cada ser humano ao desejo de alcançar a sabedoria para construção de um melhor destino e da felicidade plena.

As ideias quânticas criam um campo no qual a matéria é mera ilusão, porém necessária para a realização do Espírito. Ela é inicialmente vista como a raiz e matriz de tudo, para se tornar uma questão de percepção dos sentidos. Nesse contexto, os cinco sentidos são filtros limitadores da percepção da realidade, mas que possibilitam uma imersão na intimidade da vida humana, para que ela aconteça. No mundo das ideias quânticas, não há determinismo. O ser humano existe para criar e operacionalizar o Universo em que está inserido, visando penetrar noutros. Nesse percurso, elaborará novas leis e plasmará outros universos.

O ser humano sempre esteve em busca de uma única verdade para todas as indagações da Vida. Sempre acreditou que tudo se explicaria com uma frase, um conceito, uma ideia ou uma afirmação lógica e simples. No entanto, o mundo das ideias quânticas o remete a um campo infinito de respostas e de outras indagações mais complexas ainda. Essa multiplicação de possibilidades tem o poder de ampliar sua mente, levando-o à construção de

novos paradigmas que irão aperfeiçoar e desenvolver o Espírito para novas realizações. Toda resposta é provisória, todo saber é incompleto e toda busca é infinita. A resposta única é limitadora. Essa busca incessante se torna uma estratégia necessária, mas talvez, num dado momento da evolução do ser espiritual, ela se torne limitadora, inibidora de percepções outras que proporcionam experiências qualitativas para o alcance de patamares evolutivos melhores. O caminho de se questionar constantemente não parece ser suficiente para que se encontrem respostas prováveis, pois a mente, circulando num mesmo padrão de ideias, limitar-se-á desfavoravelmente. Necessário partir-se para experiências transcendentais que ampliem a consciência, levando-a a novas percepções. Nascem ainda, as permanentes ações de ousar, criar e sentir o que é visto e vivido, como constantes interações entre a alma e a Vida, para que ambas se tornem para o que foram criadas.

O campo de visão que a Vida oferece ao ser humano é mais amplo do que o céu estrelado; no entanto, ele ainda teima em fixar o olhar abaixo da linha do horizonte. Estabelece limites de acordo com os instrumentos físicos à sua disposição, construídos segundo um modo arcaico de pensar, esquecido de que sua mente pode levá-lo para muito mais longe.

Seu campo de escolhas, com os paradigmas quânticos, apresenta múltiplas possibilidades, porém, de forma ainda primitiva, geralmente adota aquela que o acomoda em estreitos limites sociais. Mesmo podendo diversificar suas escolhas, permanece vinculado ao maniqueísmo, enviesando seu destino, acreditando que só existem duas opções (bem e mal) para cada problema.

Seu campo de pensamento, por se sentir seguro na Consciência, limita-se ao raciocínio lógico, esquecido de sua própria alma, razão real de sua existência. Suas emoções foram consideradas traiçoeiras e primitivas,

relegadas à inferioridade, como se não se tratassem de experiências para a construção de sentimentos norteadores de suas percepções. Segue a lógica da racionalidade excessiva em detrimento do sentimento, sem se permitir vivenciar de forma madura o que pensa.

Seu campo de relações ainda é pautado em laços consanguíneos ou de interesses imediatos pelo outro. O contato com estranho é rejeitado por medo ou orgulho, sem que tenha, muitas vezes, a coragem de explorar novas possibilidades de relações. O Inconsciente, com conteúdos emocionais oriundos de relações ocorridas no passado reencarnatório, mesmo atuando na consciência do presente, é deixado à deriva, sem a depuração e os filtros necessários. As ideias quânticas devem nos levar ao desarme para lidar com o outro como alguém como nós mesmos, visando a construção do amor sem limites, do amor *fati*.

As pessoas querem o futuro. Porém, almejam algo ainda utópico, sem a consolidação interior do significado da existência. Acreditam que devem ser felizes baseando-se nos princípios que construíram em cima de uma realidade restrita aos limites físicos. Não incorporaram os paradigmas quânticos, que poderiam levar a uma maior compreensão do sentido e significado da existência. Não têm noção da continuidade do eu nem do valor da conectividade. Vivem sem muita elaboração. Não entendem o grande valor do momento presente nem dão importância ao eterno agora, isto é, ao momento presente. Vivem, mas não aprenderam a degustar a vida em cada momento, isto é, a sentir cada instante como sendo um estado de espírito que se eterniza na mente.

As ideias quânticas devem contribuir para que o ser humano compreenda a dimensão do silêncio. Compreenda o valor de se prestar atenção ao que ocorre entre um pensamento e outro, ao que ocorre em nossa mente. É naquele silêncio que “ouvimos” a “voz” interior que vem do incognoscível de nós mesmos. Para realizar essa

façanha, é preciso admitir que tudo que pensamos é consequência de algo que se passa em nosso Inconsciente, cuja acessibilidade não ocorre diretamente. É preciso entender que, nas dimensões disponíveis ao Espírito, muita coisa acontece que interfere na consciência de agora.

O campo promovido pelo silêncio, ao ser percebido pelo *ego*, deverá levar à quietude, ao ritmo suave e à redução do barulho mental. Isso permitirá a construção da paz interior e da plenitude a cada momento.



O Universo é Elegante?

O ser humano tem uma visão nitidamente estética do Universo quando observa a Via Láctea numa noite estrelada. Afirma, para si mesmo, a beleza do que vê, exaltando a majestosa obra da criação divina. Pela grandiosidade dos corpos celestes, toma o Universo como símbolo da grandeza e da magnitude da arte do Criador. É de se perguntar qual o elemento de comparação que utiliza para tal afirmação? Certamente, tendo como base a si mesmo, sua imperfeição ou qualquer elemento menor que esteja ao seu alcance. Se assim é, qualquer coisa que visse, por mais abjeta que fosse, mas que se lhe parecesse grandioso e incompreensível, faria a mesma afirmação. A visão é mais poética do que realista, sem querer diminuir a poesia. Por ser uma visão poética, creio que seja carregada de projeções de suas aspirações quanto à esperança de algo melhor além do que vê e sente próximo.

Considerando, pelos parâmetros humanos, que o Universo é, de fato, algo que retrata a beleza e grandiosidade do Criador, qual seria sua *sombra*? Seriam os buracos negros? A fuga e os choques de galáxias? As quedas de meteoros que destroem ou devastam um planeta? Quem seria o autor desses “desastres” cósmicos? Onde estaria a elegância do Universo? Certamente a visão deve ser mais do que poética. A matéria escura do Universo, ou buraco negro, não é obra de um imaginário poder maligno

paralelo ao divino, mas do próprio Deus, a que atribuímos ter criado o bem e a vida.

Abrindo um parêntese sobre a forma como o ser humano encara as desigualdades encontradas na Natureza e no Universo, merece seja feita uma análise sobre a autoria delas. Não foi o ser humano quem criou as desigualdades na sociedade, isto é, no Mundo. As instabilidades cósmicas que geram cataclismos, que fazem surgir e desaparecer galáxias e estrelas gigantes, não é obra de ser humano algum. Deus, tal qual concebemos, o Criador de tudo, reservou ao ser humano a responsabilidade em lidar com tais desigualdades, obrigando-o a envidar esforços para erradicá-las. Sobrou, para o humano, não só a necessidade de compreender tudo como também de estabelecer externamente a ordem que lhe é intrínseca. Um exemplo disso é a fome no mundo. Ela poderá ser resolvida quando o ser humano deixar seu egoísmo e sua ambição de lado, para olhar melhor a miséria e a ignorância que campeiam por toda a sua volta. Não foi, porém, o ser humano que a instituiu, pois ela é fruto da evolução da sociedade, cuja proposta não é de propriedade do ser humano.

A elegância do Universo é mais um dos desejos humanos de que externamente as coisas estejam melhores do que internamente ele sente em si mesmo. A Consciência, diante do aparente caos do Inconsciente, projeta, por compensação, a harmonia, o equilíbrio e a paz exterior, num Universo considerado perfeito.

O fenômeno da “fuga das galáxias” torna a origem do Universo um grande enigma que nos leva a mais ilações sobre o Universo Quântico. As galáxias se distanciam uma das outras a velocidades astronômicas. Quanto maior a distância entre duas galáxias, maior a velocidade de afastamento, pois a força gravítica entre elas diminui (Weinberg, 1977). Isso reforça a ideia da ocorrência do *Big Bang*, porém não esclarece o que o originou. Mesmo

a hipótese, teórica e matematicamente sustentável, do choque entre duas *branas* (Greene, 2001) mantém cíclico o problema da necessidade de uma causa anterior à formação do Universo. Um paralelo pode ser traçado: o afastamento explosivo das galáxias no Universo, portanto originado de um único evento, tem consonância com a constante busca pela unidade do princípio, isto é, se houve um princípio há uma única causa. Esquece-se que a lógica da existência de um princípio é absurda em si, pois não levaria à sua descoberta, mas ao que sempre lhe é anterior e posterior. A lógica que nos leva a crer na existência de uma causa primeira é uma evidência arquetípica. Trata-se de uma manifestação do arquétipo conhecido pelo nome de *Self*, que exige uma imagem de centro correspondente. Mesmo que se considere que o *Big Bang* se deu na forma de várias explosões simultâneas, a questão do que desencadeou algo com tamanha magnitude persistirá. Por enquanto, a mente lógica necessita de uma causa primeira. A mente criativa dispensa essa exigência. Usar o princípio da causalidade primeira, proposta tomista, posterga a questão de compreensão a respeito da origem das coisas e do significado de Deus.

A fuga das galáxias e a impossibilidade de se detectar simultaneamente a posição e a velocidade de uma partícula atômica nos levam a perceber que nada no universo é estático, isto é, tudo é *em movimento*. Não se trata do movimento simples de algo que vai de um lugar a outro, mas da relação entre coisas que se interagem constantemente.

A “radiação de fundo”, detectada por Arno Penzias e Robert Wilson, em 1964, nos Estados Unidos, sugere que tenha havido um momento em que não havia matéria no Universo, e ele tenha surgido de um ponto de alta temperatura e densidade quase infinita. Esse ponto seria o que se conhece com o nome de buraco negro. Isso quer dizer que a matéria surgiu após algo invisível, portanto,

pertencente a uma outra dimensão, que, entrando em estado de instabilidade, promoveu a coagulação e expansão da matéria. Esse algo invisível, originado do nada, poderia ser proveniente da dimensão espiritual. Em outra linguagem, podemos afirmar que o espiritual precede o material.

A Física Quântica foi construída sobre postulados não precisos, portanto, dentro de uma lógica cartesiana, não elegantes. Suas quantificações são probabilidades, seus dados são imprecisos, suas observações são assimétricas, porém a validade deles é inquestionável. Pode se duvidar do que dizem os físicos quânticos, mas as aplicações práticas são inegáveis. Os fenômenos podem ter outras explicações, mas eles de fato são funcionais.

Alguns dos fenômenos que envolvem os corpos astronômicos, quando estudados à luz dos paradigmas quânticos, parecem obedecer a mesma lógica. A Ciência eufórica com o que descobrira no mundo subatômico, passa a aplicar suas teorias na tentativa de encontrar, ansiosamente, uma teoria do tudo.

As ideias quânticas nos põem em condições de perceber a importância das fantasias no processo do pensar. No entender de Jung,

Em última análise, a fantasia é para mim o poder criativo materno do espírito masculino. No fundo, no fundo, nunca superamos a fantasia. Existem fantasias sem valor, deficientes, doentias, insatisfatórias, não resta a menor dúvida. Em pouco tempo, qualquer pessoa de mente sadia percebe a esterilidade de tais fantasias. No entanto, como é sabido, o erro não invalida a regra. Toda obra humana é fruto da fantasia criativa. Se assim é, como fazer pouco caso do poder da imaginação? Além disso, normalmente, a fantasia não erra, porque a sua ligação com a base instintual humana e animal é por demais profunda e íntima. É surpreen-

dente como ela sempre chega a propósito. O poder da imaginação, com sua atividade criativa, liberta o homem da prisão da sua pequenez, do ser 'só isso', e o eleva ao estado lúdico.²⁴

Nossas fantasias, além de se originarem do mundo instintual, recebem a contribuição do imaginário futurista da consciência humana, facultado pelas ideias quânticas. As ficções criadas pela literatura e pelo cinema não são mera criação da imaginação de escritores e roteiristas, vez que advêm do Universo Quântico, em que transita a *psiquê* inconsciente. Parece existir um campo subjacente ao mundo físico, no qual infinitas possibilidades de realidade se tornam acessíveis às mentes criativas daqueles que vibram em consonância com o ritmo do Universo. Portanto, realidade e ficção se confundem sem que se possa determinar onde termina uma e começa a outra. Essas fantasias sempre contiveram a *sombra* projetada do inconsciente humano. Não é por acaso que figuras demoníacas fazem parte do panteão das religiões. Por conta do inconsciente desconhecido, os monstros e figuras grotescas se fizeram presentes no imaginário do homem medieval. Para fugir dessas figuras ameaçadoras, o ser humano plasma um universo elegante e funcionando harmonicamente, porém a fantasia projeta o bem e o mal pertencente à natureza humana. O Universo, por esse motivo, é elegante e deselegante.

Na face elegante, encontramos a Teoria das *Super-cordas* que vibram produzindo o Universo perceptível, conseqüentemente, a possibilidade de termos um maestro ou músico que toca essas *cordas* como numa sinfonia. O Universo conhecido seria o produto da arte de um grande

²⁴ JUNG, C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes. 1988. v. XVI, par. 98, p. 43.

músico. Isso confere ao Universo o caráter de uma grande obra de arte. Essa ideia está coerente com o Espiritismo, que sempre afirmou que o Universo é constituído de vibrações, pois tudo vibra, coagulando os fenômenos ou os constituintes do Universo, inclusive a matéria.

Nesse Universo Quântico inundado de vibrações, o teletransporte de matéria (aparecimento súbito de um objeto ou materialização de objetos em recinto fechado) é perfeitamente possível e explicável. Simplesmente a matéria vibra e interpenetra outra. A ficção do cinema alcança a possibilidade de realidade.

A Física parece penetrar no campo da Filosofia, pois suas conjecturas alcançam um terreno no qual a especulação se torna plausível. Mesmo ampliando seus limites para especulações de ordem metafísica, ainda não é possível, à Física, ir além do que é puramente considerado físico. Talvez, com o auxílio da Matemática Quântica, penetre no psíquico e no mediúnic. A Sincronicidade, postulada por Jung, pode vir a ser objeto de estudo da Física Quântica na medida em que a espaço-temporalidade não é considerada de forma linear. Provavelmente se tratem de fenômenos que ocorrem na interpenetração de dimensões além das quatro conhecidas. A exclusão de estudos sobre temas metafísicos provavelmente exigirá o nascimento de outra ciência. Parece que os fenômenos mediúnicos e psicológicos fazem parte da *sombra* das ciências, principalmente da Física. Essa é outra parte deslegante dos que estudam o Universo.

Tudo indica que o mito atual de nossa civilização é encontrar um sentido e significado para a existência do ser humano e, em maior escala, do Universo. Não parece compreensível que chegue a um desfecho convencional. A cada época surgem novos paradigmas que acabam por comprometer compreensões anteriores, exigindo novas interpretações da realidade. Mas o caminho deve ser o



Psicologia e Universo Quântico – Um olhar sob o paradigma espiritual

mesmo, isto é, transcender, buscar o incognoscível pelas vias da sabedoria, do sentimento e da intuição. Talvez, se o Universo fosse observado sem o viés clássico da estética, poder-se-ia percebê-lo de diferentes ângulos e com ricas possibilidades de compreensão.





Ideias Quânticas e Distúrbios Psicoespirituais

Uma questão intrigante que pode ter uma maior compreensão e significado, quando analisamos à luz das ideias quânticas, é a ocorrência da desorganização psíquica. O que ocorre com a mente de quem tem certas doenças psíquicas que alteram a consciência do eu, interferindo no senso de realidade? Ficaria o *ego* entre uma dimensão e outra? A realidade, por exemplo, para o esquizofrênico tem componentes de distintas dimensões, provocando os delírios e as alterações da senso-percepção? As doenças mentais ou psíquicas parecem pôr a mente da pessoa em outra dimensão, pois seu comportamento diferenciado do habitual ou do comum indica que lida com cenários imaginários e com realidades internas específicas.

O comportamento humano é ditado por uma série de vetores que direcionam os modos pelos quais se atua no mundo. Um deles, não o primeiro nem o mais importante, o espectro cromossômico, desempenha singular importância. Vinte e três pares que se combinam, oriundos de duas diferentes personalidades, serão responsáveis pelas principais características morfológicas do corpo que será formado. Muito provavelmente também

influenciarão certas características de personalidade do indivíduo que ressurgirá naquele corpo.

Qual o par, ou o gene, ou o conjunto deles que dará um caráter singular à personalidade é a questão. Certamente não se tem com precisão todo o mapeamento genético humano para que se identifique qual ou quais os responsáveis por essa ou aquela particularidade da personalidade. Pela complexidade da personalidade humana e pelo conjunto imenso de motivações que determinam o comportamento com muitas variáveis, muito provavelmente não é a genética exclusivamente que a forja.

A Mente funciona independentemente do corpo, mas, no mundo prático, é com ele que o ser humano se insere na vida coletiva, na qual é avaliado e onde manifesta sua liberdade. Por esse motivo, devemos também nos debruçar sobre as influências da matéria na formação da identidade humana. Os cromossomos delineiam o corpo físico, assim como acrescenta certas características à personalidade. Eles se organizam de acordo com o nível de evolução do Espírito imortal, dele sofrendo alterações durante o processamento da reencarnação, de acordo com sua organização mental.

Essa influência me motiva a analisar algumas síndromes que afetam a mente humana. Sempre me intrigou duas síndromes graves que alteram o comportamento do espírito encarnado. A Trissomia 21 e a Esquizofrenia. São processos distintos, mas que parecem situar seus portadores em outra dimensão, além daquela em que nos encontramos, nós outros, aqueles que nos consideramos normais. Não escolhi esses dois distintos distúrbios por qualquer discriminação específica, mas porque seus portadores me atraíram de forma especial, pois sempre tive vontade de entendê-los sob o paradigma espiritual, e agora, à luz das ideias quânticas.

Começemos com a Trissomia 21. Caprichosamente, a Natureza faz suas alterações visando resultados, muitas

vezes incompreensíveis para nós. Escolhamos, para uma breve análise, um cromossomo cuja influência é conhecida, com manifestações não só morfológicas como, principalmente, comportamentais, nos indivíduos que apresentam uma pequena alteração genética: a trissomia do cromossomo 21. Tem-se, normalmente, na parte inferior da cadeia de aminoácidos, dois ramos que formam o cromossomo de número 21, que se apresenta à semelhança da letra *ipsilon* invertida. Quando, ao invés de dois ramos, surgem três ramos, por fatores desconhecidos, têm-se a Trissomia 21 ou Síndrome de Down. Deu-se-lhe o nome em homenagem ao médico britânico John Langdon-Down (1828 a 1896) que, em 1862, descreveu suas características. É de fácil identificação no nascimento e, via de regra, seu portador terá algum tipo de déficit cognitivo.

As principais características físicas do portador de Trissomia 21 são: uma única prega na palma da mão, pálpebras dos olhos diferenciadas (olhos amendoados), membros de tamanho reduzido, língua protrusa (a cavidade oral reduzida), dedos curtos, tônus muscular pobre, além do déficit cognitivo de leve a moderado. Os portadores da Trissomia 21 têm mais probabilidade de ter problemas cardíacos congênitos, problemas de apnéia de sono, entre outros. Por outro lado, as características psicológicas típicas são: aparência calma, não agressividade, docilidade, obediência e, em muitos casos, comportamento solitário.

O cromossoma é modelador de formas e, até certo ponto, do caráter de uma pessoa. No que diz respeito ao caráter, parece que a personalidade do reencarnante interfere na frequência de seu perispírito, que imprimirá, ao gene correspondente, suas características, influenciando a maneira de ser da pessoa. Mesmo assim, está no perispírito do reencarnante seus principais traços de caráter, que irão se mostrar na vida atual. Se os portadores da Trissomia 21 apresentam traços no comportamento que denotam uma personalidade mais tolerante, dócil e compreen-

siva em relação ao que vivem, isso não se deve apenas aos cromossomos, mas ao que de fato são em essência. Se não o são, então a trissomia inibe manifestações opostas ao seu verdadeiro caráter. Embora eles estejam presentes, só se manifestam em outra dimensão, porque, na que se encontra o corpo, não há possibilidade, pois a trissomia do cromossoma 21 o inibe.

Isso nos leva a refletir sobre o tratamento dos processos promovidos pelas afecções congênitas. E se construíssemos cenários mais adequados a cada tipo de processo, considerando que, em outra dimensão, eles se manifestam? Ao portador da Síndrome de Down, além de ser pacientemente inserido na dimensão social do corpo, lhe fosse propiciado, através da arte ou de outro meio projetivo das características das dimensões que se situam no Inconsciente, criar cenários próprios. Além do natural carinho que se deve ao *down*, não se pode deixar de favorecer a expressão de seu mundo interior, negada pela trissomia.

Ora, isso abre um leque muito grande de reflexões sobre as possibilidades de manifestação da personalidade humana. Que alterações poderiam provocar diferentes tipos de personalidade? O padrão cromossomial que permite a manifestação de uma personalidade considerada normal foi “estipulado” como, por que e por “quem”? A alteração genética é causa da mudança da personalidade, ou consequência?

Uma outra classe de transtorno é a Esquizofrenia. Trata-se de uma doença mental grave, cujo espectro de sintomas é muito variável, podendo se dizer que varia em cada portador. Em todos eles, pode se observar uma certa desorganização do pensamento, com importante dificuldade de adaptação social. Entre os sintomas típicos temos: fragmentação dos processos do pensamento e da formação de ideias, embotamento afetivo total ou parcial, delírios bizarros, alterações na senso-percepção,

alucinações, entre outros. A ciência não conhece as causas da doença, limitando-se a afirmar que é multifatorial e, provavelmente, cerebral. O fato é que a ciência não tem pistas concretas.

O portador de esquizofrenia parece ter a mente também conectada a outra dimensão, provavelmente à dimensão espiritual. Vive uma dupla realidade, uma interna e outra externa, ambas consideradas por ele como reais. Onde se situa a mente do esquizofrênico? Total ou parcialmente no Inconsciente? Há inegavelmente uma perda de contato com a realidade externa, com significativos prejuízos funcionais. Mesmo assim, pode-se encontrar portadores com suficiente discernimento que os capacita a viver em sociedade, e, às vezes, em condições acima da média, em inteligência. O déficit cognitivo, característico de quem vive mais de uma realidade, por não conseguir concatená-las, nem sempre se torna prejudicial ao indivíduo.

A doença geralmente apresenta um alto índice de comorbidade, pois é comum aparecerem sintomas como agressividade, isolamento, depressão, ansiedade, fobia social, delírios auditivos e persecutórios, entre outros. Os sintomas podem surgir em qualquer momento da vida da pessoa, como podem ter sua irrupção instantânea. É mais comum entre homens e, geralmente, seus sintomas se iniciam na adolescência, ou na idade adulta jovem. Às vezes, aparecem e desaparecem sem que se tenha também uma causa definida.

A hipótese espírita, a mais plausível, é de que se trata de uma personalidade que ainda vive seus processos mal resolvidos, resultantes de suas experiências em existências passadas, não tendo se libertado de traumas e eventos significativos do passado. A possibilidade da existência atual, com suas experiências traumáticas ou não, concorrer para a origem da doença é remota. O portador da esquizofrenia tem seu *ego* situado em dimensões

diferentes, normalmente mais no Inconsciente que na Consciência.

Afirmar que se trata de um distúrbio cerebral ou mesmo genético, sem qualquer achado comprobatório, é gratuito e anticientífico. Seria melhor afirmar que não se descobriu ainda as causas do distúrbio.

Estar no mundo, percebendo outra ou outras dimensões, sem obter a compreensão das pessoas pelo comportamento considerado esquisito, deve ser bastante desagradável. Talvez seja esse o maior sofrimento do portador da esquizofrenia. Independentemente das formas de tratamento e da real necessidade de se oferecer condições dignas de vida para os portadores de esquizofrenia, muitos deles se entendem e “sabem” o que estão vivendo.

A vida humana considerada normal parece ser a de um indivíduo bem adaptado à sociedade, coerente em suas atitudes e em busca de sua felicidade. Diz-se que o conceito de saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidade. Devemos acrescentar o bem-estar espiritual para completar, incluindo-se nele a religiosidade saudável. Quando o ser humano apresenta algum distúrbio que altera sua saúde, pode-se pensar que algo de uma outra dimensão influenciou seu bem-estar. Naturalmente o Espírito é saudável, porém as contingências resultantes das experiências em cada encarnação e na vida fora da matéria vão plasmar, no corpo e na personalidade, as alterações que chamamos de doença. Na dimensão do Espírito, não há doença, pois a ele só chega o que apreende no formato de sabedoria, que é incorporada à sua essência.

O plano espiritual ou dimensão espiritual é mais uma das múltiplas dimensões do que chamamos realidade, que também se desdobra em outras tantas. É nela que o Espírito se sente vivendo sua essência, pois no corpo, isto é, na dimensão material, onde se tem apenas quatro

vetores, sua expressão é limitada, pois parte de si mesmo não se manifesta nela.

Tanto o indivíduo saudável quanto o que apresenta alguma enfermidade estão conectados a uma ou mais dimensões, além daquela em que se situa seu corpo físico, o que nos caracteriza como seres multidimensionais. Viemos da terra, mas apenas no que diz respeito ao corpo, somos das estrelas, no que diz respeito a estar num cosmos imenso, mas somos, na realidade, feitos da essência criadora da vida, que não tem lugar específico de origem.

Todo indivíduo deve ser compreendido como pertencente a múltiplas dimensões. Seu pensar, sua fala, suas atitudes passarão a ser entendidas sob diferentes paradigmas, principalmente o quântico. Isso nos levaria a uma melhor compreensão da natureza humana e das motivações que estão na base das ações individuais e coletivas. Nenhum ato humano é puramente individual, como também nenhuma ação se situa exclusivamente na dimensão física. Irremediavelmente, estamos envolvidos por múltiplas dimensões e nos expressamos em várias delas. Uma delas, que não poderemos abandonar, é a espiritual.

Se somos seres multidimensionais, nos comunicamos diretamente com outras dimensões, diferentes da material. Creio que portadores de alguns transtornos psíquicos, a exemplo da esquizofrenia e da psicose, não estão totalmente embotados, pois obtêm algum grau de satisfação em comunicações e contatos inacessíveis a nós outros.



Dúvidas e Possibilidades

Depois de me enriquecer com as ideias quânticas, muitas dúvidas surgiram em minha mente. Mais dúvidas que certezas. Creio que assim será com todos que se debruçarem para refletir sobre ideias tão diferentes do senso comum. Talvez o mais importante não seja encontrar as respostas, mas continuar tendo dúvidas mais profundas, à medida que se esclareçam as mais evidentes.

Uma de minhas dúvidas diz respeito à descrição dos fenômenos físicos por equações matemáticas. Quais os limites da Matemática? Equações são compostas de sinais que representam operações psíquicas, criadas pela lógica humana. São compostas de entes de alto grau de abstração. Se essa lógica tem limites para compreender a realidade, então as equações provenientes de seus processos irão expressar parcialmente aquilo que se quer entender. Nos limites das equações, isto é, quando elas não mais estiverem representando a realidade física, estarão, talvez, se referindo a processos psíquicos imponderáveis. A Matemática é uma linguagem abstrata e deve ser compreendida como um filtro de algo muito mais complexo.

Uma outra, diz respeito à existência de velocidades supraluminais, isto é, acima da atingível pela luz. Há, ou não, limites para os fenômenos físicos, no que diz respeito a instantaneidade? Pode-se, ou não, conceber que dois eventos físicos distintos possam ocorrer simultaneamente,

e a eles estejam associados a mesma causa, sem que haja qualquer possibilidade de conexão física entre eles? Isto é, como explicar a Sincronicidade? Existiria um meio físico (éter) que comunica os eventos independentemente da distância?

Tenho dúvidas se só existem quatro forças no Universo, pois, embora o fluxo do pensamento não seja considerado força, pode ser transformado em impulsos elétricos. Se pode ser transformado em energia/força, então, também é força. Qual sua origem e de que forma poderia ser medida? A qualidade do pensamento, isto é, seu conteúdo poderia ser revelado? Os impulsos elétricos cerebrais medidos por instrumentos sensíveis detectam o fluxo dos pensamentos ou apenas estímulos meramente químicos?

A tão sonhada unificação de forças, caso possível, estabeleceria a decifração do enigma da vida. A unificação das forças seria como encontrar o ponto central da criação divina, reduzindo-a a uma única ideia. A unidade é, então, uma projeção da individualidade na *psiquê* humana ou, de fato, há algo que deu origem a tudo? Essa dialética é a mesma que existe entre onda e partícula.

A Física Quântica estabelece a existência, ao menos matematicamente, de onze dimensões, entre elas, a espiritual. A dimensão espiritual é única, ou são muitas, de acordo com o nível de evolução dos espíritos desencarnados? As dimensões calculadas são de diferentes frequências vibratórias, como se sugere no Espiritismo, ou são dimensões que independem de níveis de evolução espiritual? Há, de fato, Universos paralelos, nos quais funcionam outras leis desconhecidas para nós?

Poderia a Física levar a ciência a Deus? A complexidade percebida na Natureza, principalmente no mundo subatômico, deve levar a Física a afirmar a existência de uma inteligência superior que planejou tudo? Se não o fez até agora, ao descobrir a imensidão das galáxias no Universo, por que o faria ao descrever o mundo subatômico?

Essa dificuldade parece não ser da Ciência, mas do conceito que se tem de Deus. Será que enrijecemos o conceito, dificultando ou mesmo impedindo a confirmação da sua existência?

Por que a partícula-onda não alcança o núcleo atômico, isto é, por que o átomo não implode? A quantidade mínima de energia (*quantum*) para que uma partícula não venha a implodir é um conceito *a priori*, pois a partícula não se choca com o núcleo. O que a impede? Por que os elementos na Natureza não se “tocam”? O choque das coisas, como dos elementos subatômicos, não se dá na intimidade da matéria. Antes que se toquem na superfície, se repelem instantaneamente. Nada toca em coisa alguma. Qual a causa das coisas não se tocarem?

E a Supersimetria, que compara elementos atômicos diferentes e estabelece identidade entre eles, de fato é possível? É possível, por exemplo, um par ser igual a um trio? Então, dois é igual a três? Por que a lógica cartesiana, mecanicista, estaria sendo utilizada para justificar o desconhecido? Por que a Física não avança para a dimensão espiritual, única alternativa para justificar a complexidade do mundo subatômico?

A Teoria da Relatividade Geral, com o compromisso da ideia da existência de Deus como autor de um universo mecânico, em oposição à Teoria Quântica, de um universo aleatório, formam um par de opostos da ciência do mundo microscópico. A primeira exclui o poder humano, a segunda o considera como observador participante e atuante do Universo. Isto é dirigido por Deus, ou tudo isso é uma espécie de “sonho” de Deus? Devemos abandonar a ideia de um Deus fora do Universo, tanto quanto dentro dele para admitir que somos parte Dele?

O que é exterior ao Universo? Outro (s) Universo (s)? E além deles? Se eles coexistem e, sob certas circunstâncias, se comunicam, o que o provoca? Para que tudo isso? Se é para a glória de Deus, como asseveram as

religiões, qual o objetivo dele? Se o Universo obedece aos desejos íntimos do observador, então a divindade brinca de delegar poderes inexistentes?

As religiões pregam valores necessários à sociedade, até mesmo exagerando na dose. Por causa desses valores, o ser humano se vê na contingência de criar um campo de possibilidades focadas para um ou mais objetivos considerados nobres e superiores ao senso comum. Mas, por que a renúncia ao que lhe foi dado pela própria evolução e que jaz em seu Inconsciente, impulsionando-o para que se realize? Por que negar a vitalidade telúrica que o move? Ela também não o insere numa dimensão?

Pensamos que o Ocidente é mais evoluído do que o Oriente. Achamos que o europeu, o americano do norte ou os habitantes dos países capitalistas estão mais próximos da felicidade do que os demais habitantes do mundo. Isso se deve a um mecanismo de defesa que nos coloca na modernidade, esquecidos de que os mais antigos são os mais sábios. O parâmetro que utilizamos está mais próximo da tecnologia e de ideias colonizadoras do que daquilo que realmente significa ser uma pessoa evoluída. A divisão que estabelecemos entre o Ocidente e o Oriente não seria meramente cultural? Será que os indivíduos de um lado acessam determinadas dimensões, diferentemente dos que habitam o outro lado?

Deveria haver um plano global para a Terra em face da consciência das ideias quânticas. Tal plano deveria contemplar alimentação, educação, saúde, energia, transporte, informática, infraestrutura (produção) e trabalho. Os países, unidos por necessidades comuns, se reorganizariam multilateralmente para assumir determinadas responsabilidades nesses campos. De acordo com as *expertises*, com as condições locais de logística, com o tempo necessário, o plano se iniciaria. O que dificulta o encontro das consciências no mundo, para execução de um plano que seria útil a todos? A Terra é um planeta

cujos vizinhos não têm vida humana. Estamos isolados no Sistema Solar, numa atmosfera própria, vivendo obrigatoriamente uns com os outros. Por que não nos unirmos em torno de um ideal comum a fim de acessarmos novas dimensões, depois de estarmos libertos de conflitos de sobrevivência? Penetrar em novas dimensões requer uma mente mais apta, que gaste menos energia no trabalho para sobreviver. Numa sociedade em equilíbrio, por exemplo, as empresas de alimentação, organizações globalizadas, encontrarão um ponto de equilíbrio tal que seus produtos serão barateados, acessíveis a todos os habitantes do planeta. Em paralelo, serão desenvolvidos novos formatos de trabalho a fim de que a ociosidade não se torne a alternativa mais adequada para se viver. Talvez ainda sejamos muito egoístas e alienados em relação à própria natureza, para agir com interesses coletivos. Ainda desconhecemos muita coisa para não temer o outro. Não somos tão autoconscientes e suficientemente seguros para tal. De que precisa mais o ser humano para enxergar a necessidade de entender que o planeta Terra é uma pequena casa, cujos habitantes fazem parte de uma única família?

Certamente que não virá um salvador, um novo profeta ou um gênio da ciência para realizar tal façanha. Creio ser uma tarefa coletiva a se realizar no cotidiano e nas mínimas ações.



Exercícios Quânticos

Aseguir, faça uma espécie de sugestão ao leitor para que se permita entrar na dimensão quântica da imaginação, através de exercícios simples. São momentos de meditação e reflexão para que a mente se esvazie e acolha as intuições que brotam de outras dimensões, como numa nascente que trás água límpida à superfície. Preferencialmente devem ser feitas à meia luz, em silêncio, sem preocupação de tempo ou de incômodos inesperados. Esses exercícios devem ser feitos quando se estiver sem sono, deitado, depois de um breve relaxamento e após fazer exercícios respiratórios, buscando respirar suave e profundamente.

1. Antes de dormir, pratique a fantasia de tentar acessar uma dimensão quântica. Experimente pensar que está conversando com um ser de outra dimensão. Não importa que seja pura imaginação, um espírito desencarnado ou mesmo um ser extraterrestre ou algo parecido. Independentemente de seu próprio gênero, pense numa figura do gênero masculino ou de gênero indefinido. Na conversa, ele lhe convida para conhecer o lugar onde vive e como vive. Ele diz que o levará a conhecer algo novo, diferente e favorável a sua evolução. Deixe, nesse instante, sua imaginação viajar. Não planeje, não elabore nem critique. Permita-se conduzir pela imaginação e pela

fantasia que é espontaneamente gerada. Após alguns minutos, que não deve exceder a meia hora, levante-se e anote o que percebeu.

2. Imagine que você tem a faculdade de manipular a matéria ao seu bel prazer, podendo fazer tudo com ela. Imagine também que você pode criar regras para qualquer sistema. Pense que você tem à disposição uma massa disforme que será moldada pelo seu pensamento. Essa massa se parece com uma nuvem, porém mais consistente. Sua quantidade é inesgotável. Com essa matéria a sua disposição e com o poder de criar leis, imagine um planeta que tenha sido construído por você. Pense como seria o início dele, seus habitantes, seus costumes, suas cidades e sua evolução. Imagine também como você seria percebido naquele planeta, ou como apareceria aos seus habitantes.

3. Imagine que você está nascendo, mas tendo a consciência madura de hoje, avaliando tudo que se passa ao seu redor. Pense que as pessoas o veem como um bebê. Você poderá refazer seu caminho. Não poderá mudar a forma como as pessoas agiam com você. Apenas poderá fazer diferente e decidir sobre novas escolhas que só dependem de você. Você também não deverá pensar em mudanças impossíveis. Não se esqueça de que, para as pessoas, você é um bebê, pois não sabem que seu raciocínio é adulto e maduro. Que mudanças você faria na infância? Na adolescência? Faça um novo plano de vida a partir dessa fase. Pense sobre muitas escolhas que você faria caso pudesse voltar. Faça esse exercício mais de uma vez, pois o tempo dele deve ser curto para muitas possibilidades de mudanças que você tem a pensar. Inclua mudanças que podem ser feitas agora.

4. Imagine que você está num campo bem amplo, andando entre flores de várias cores. Um suave perfume

como uma leve brisa alcança seu olfato. As flores se perdem no horizonte e têm a altura de sua cintura. Sentindo leveza e harmonia, você para no meio delas e fecha os olhos. De repente, você ouve vozes falando sobre você, como se lhe conhecessem. São as flores que dizem pensar como você e que ali estão para o ajudar. Querem que você lhes conte seu maior problema. Querem que você pense intensamente sobre ele, pois vão ajudá-lo a resolvê-lo. Nesse momento, você pensa intensamente sobre seu maior conflito. Depois disso, tente ouvir o que dizem as flores.

5. Imagine que você está acordando. Você se recorda que foi dormir em seu quarto, mas está despertando em um outro lugar. Nada lhe é familiar. Você está numa espécie de alojamento coletivo, porém sozinho. Sai à rua e percebe que ninguém o vê. Você é invisível, como se fosse um espírito. Pode entrar em todos os lugares sem ser percebido. Você consegue saber as intenções das pessoas antes de suas atitudes. Você descobre que, quando quer, pode ser visto por outras pessoas de sua escolha. Você não conhece ninguém, nem o lugar se assemelha a qualquer cidade que você conhece. Você sente que não está na Terra, mas em outra dimensão. Experimente imaginar o que faria se não soubesse que retornaria ao seu *habitat* natural.

6. Imagine que você tem poderes especiais. Escolha um que o diferencia das pessoas comuns. Imagine um poder realmente especial. Imagine que você pode utilizar esse poder para obter vantagens. A escolha do tipo de vantagem que quer obter é sua. Escolha um poder que nunca perderia. Imagine que você permaneceria sempre com a idade que tem hoje, isto é, não mais envelheceria nem morreria fisicamente, independentemente do poder escolhido. O que faria com ele?

7. Pense numa próxima existência que você gostaria de iniciar. Comece pelos pais que gostaria de ter, idade no dia de seu nascimento, condição social, características de personalidades, valores, profissão etc.. Pense nos demais aspectos do grupo familiar em que renasceria. Depois, pense onde gostaria de nascer, como seria seu corpo, que tipo de educação gostaria de ter, quais seriam suas maiores alegrias.

Ao fazer esse exercício, manifestou-me o desejo de que, na próxima encarnação, meus pais:

me orientassem a respeito das questões espirituais, sobretudo sobre a vida após a morte;

me ensinassem, desde cedo, a importância do amor e da amorosidade;

me educassem para gostar de ler e estudar;

me fizessem aprender um segundo idioma, preferencialmente o mais falado no mundo cultural e político;

me mostrassem como respeitar toda e qualquer pessoa;

me ensinassem a gostar de matemática;

me mostrassem a importância da generosidade para com o próximo;

me ajudassem a sentir Deus em mim mesmo e a percebê-lo em tudo;

me encaminhassem para a religiosidade, sem necessariamente me inserir em nenhuma religião formal;

me dessem a noção de limites e de liberdade como uma conquista oriunda da noção de responsabilidade;

me mostrassem a importância da contribuição individual para o desenvolvimento da sociedade;

me levassem a viver a vida em plenitude, buscando a máxima realização pessoal e coletiva, minha e a deles também.

Glossário²⁵

Anima. O aspecto feminino interior do homem. Representa o somatório das experiências do homem com mulheres (mãe, irmã, amiga, esposa, amante etc.). É a imagem feminina “perseguida” pelo homem. Sua projeção inicial estabelece-se primeiramente na mãe e, depois, em outras mulheres. É uma espécie de *imago* materna que acompanha e influencia o homem por toda sua vida. O homem tende a, inconscientemente, comparar toda mulher, que se apresente a ele, com sua *anima*. Jung considerava importante o confronto com a *anima/animus* para o desenvolvimento do ser humano.

Animus. O aspecto masculino interior de toda mulher. Representa o somatório das experiências da mulher com homens (pai, irmão, esposo, amigo, amante etc.). É a imagem masculina “perseguida” pela mulher. Jung dizia que “Como a anima corresponde ao Eros materno, o animus corresponde ao Logos paterno.”²⁶ “O animus é uma espécie de sedimento de todas as experiências ancestrais da mulher em relação ao homem, e mais ainda, é um ser criativo e engendrador, não na forma da

²⁵ Adaptado do livro *Mito pessoal e destino humano*, do autor.

²⁶ JUNG, C. G. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 1982. v. IX/2, par. 29, p. 12.

criação masculina.”²⁷ Da mesma forma que com a *anima*, é desejável a integração parcial do *animus* a fim de auxiliar o indivíduo a lidar com a complexidade das relações interpessoais, assim como consigo mesmo.

Arquétipo. Estruturas virtuais, primordiais da *psiquê*, responsáveis por padrões e tendências de comportamentos comuns. São anteriores à vida consciente. Não são passíveis de materialização, mas de representação simbólica. Para Jung, são hereditários e representam o aspecto psíquico do cérebro. São universais, comuns a todos os seres humanos e ordenam imagens reconhecíveis pelos efeitos que produzem. Pode-se percebê-los pelos *complexos* que todos têm, pelas imagens arquetípicas que geram, assim como pelas tendências culturais coletivas.

Complexo. Conteúdos psíquicos carregados de afetividade, agrupados pelo tom emocional comum. São “temas emocionais reprimidos capazes de provocar distúrbios psicológicos permanentes”, e que “reagem mais rapidamente aos estímulos externos”. “São manifestações vitais da psique, feixes de forças contendo potencialidades evolutivas que, todavia, ainda não alcançaram o limiar da consciência e, irrealizadas, exercem pressão para vir à tona.”²⁸ São unidades vivas dentro da *psiquê* inconsciente e que gozam de relativa autonomia. Eles se formam no inconsciente, de forma involuntária e a partir das várias experiências da vida. Por vezes se é dirigido pelos *complexos*. Eles não são elementos patológicos, salvo quando atraem para si excessiva quantidade de *energia psíquica*, manifestando-se como conflito perturbador da personali-

²⁷ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. v. VII, par. 336, p. 198.

²⁸ SILVEIRA, Nise. *Jung vida e obra*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 37

dade. Os *complexos* têm a facilidade de alterar o estado de espírito, sem que se aperceba de sua presença constelada na consciência. À semelhança de um campo magnético, não são passíveis de ser observados diretamente, mas por meio da aglutinação de conteúdos que lhes constituem. No âmago de um *complexo*, sempre se encontra um núcleo arquetípico. Os *complexos* são elementos presentes nas obsessões espirituais.

Ego. O sujeito da ação consciente. Num certo sentido, é o primeiro *complexo* a se formar na consciência, sendo seu centro. Estrutura-se a partir do inconsciente e é, muitas vezes, confundido com o centro organizador e diretor do aparelho psíquico, o *Self*. Conhecer a si mesmo não é conhecer o eu ou *ego*, que só conhece seus próprios conteúdos, mas, também, conhecer aquele centro organizador. O processo de desenvolvimento da personalidade, a *individuação*, consiste em diferenciar o *ego* de suas estruturas arquetípicas auxiliares. O *ego*, o *Self* (centro organizador da *psiquê*) e o *ego* onírico (o eu dos sonhos) são instâncias psíquicas diferentes. O *ego* se baseia no arquetipo do *Si-Mesmo*, sendo, de certa forma, seu agente no mundo da consciência.

Energia psíquica. A energia vital que impulsiona o ser humano em seu *processo de individuação*. Através dela, existente na *psiquê* de cada ser humano, vivem-se as experiências necessárias para o desenvolvimento da personalidade. É a energia que promove a vida e faz com que ela aconteça. Palavras como desejo, impulso, vontade e instinto estão diretamente relacionadas ao conceito de *energia psíquica*.

Extroversão. Movimento promovido pela *energia psíquica* na direção do objeto externo. O sujeito é mobilizado pelo objeto externo, atribuindo-lhe um valor maior

do que o que ele tem. Na extroversão, o indivíduo está alienado de si em função do objeto e de toda a subjetividade que o compõe. Na extroversão, o indivíduo se volta para fora, em direção a seu desejo, subordinando-se às solicitações oriundas do objeto.

Função transcendente. Função psíquica que permite a geração de um símbolo entre conteúdos inconscientes e conscientes, pela confrontação de opostos. Essa função permite que os conteúdos do inconsciente possam vir à consciência na forma de símbolos e fantasias.

Imago Dei. Engrama psíquico representado pelas imagens sagradas de Deus. Tudo que, para o ser humano, representa Deus, é gerado pela *Imago Dei* presente em seu psiquismo. Todos os adjetivos, figuras, representações simbólicas, sentimentos e concepções lógicas ou subjetivas a respeito de Deus são originários da marca impressa no psiquismo humano, denominada *Imago Dei*.

Individuação. Um dos conceitos centrais da Psicologia Analítica de Jung. É o processo de desenvolvimento da personalidade pela diferenciação psicológica do eu. É um processo no qual o *ego* visa tornar-se diferenciado da coletividade, embora nela vivendo, ampliando suas relações. Para se alcançar a *individuação*, é necessário evitar as tendências coletivas inconscientes. A *individuação* respeita as normas coletivas, e o individualismo as combate. O contrário à *individuação* é ceder às tendências egocêntricas e narcisistas ou à identificação com papéis coletivos. A *individuação* leva à realização do *Self*, e não simplesmente à satisfação do *ego*. É um processo dinâmico que passa pela compreensão da finitude da existência material, objetiva, face à inevitabilidade da morte física.

Introversão. Movimento da *energia psíquica* na direção de conteúdos internos da *psiquê*. É uma espécie

de regressão da libido no psiquismo humano. Na introversão, a pessoa dá mais valor ao seu próprio mundo subjetivo, dando pouca atenção à realidade, isto é, o objeto tem pouco valor em relação ao sujeito.

Persona. *Complexo funcional* que permite ao *ego* apresentar-se e adaptar-se a situações externas ligadas à convivência. O termo *persona* deriva das máscaras que os atores gregos usavam para os diversos papéis ou personalidades que interpretavam. É o aspecto ideal do eu que se apresenta ao mundo e que se forma pela necessidade de adaptação e convivência pessoal. É o que se pensa que é. Muitas vezes a *persona* é influenciada pela *psiquê* coletiva, confundindo as ações como se fossem individuais. Ela representa um pacto entre o indivíduo e a sociedade, sendo um conjunto de personalidades ou uma multiplicidade de pessoas numa só. A identificação do *ego* com a *persona* provoca o afastamento da identidade pessoal, isto é, corre-se o risco de não se saber quem realmente se é. Todos são, ao mesmo tempo, seres individuais e coletivos, pois, além de terem uma natureza singular também têm atitudes que os confundem com a coletividade.

Personalidade. Atitude externa de uma pessoa, em determinado ambiente, que envolve seu caráter, seus princípios, valores, sentimentos e demais aspectos acessórios, característicos da individualidade. Na personalidade de um indivíduo, estão incluídos seus processos conscientes e inconscientes, bem como tudo que envolve sua vida de relações. A personalidade de uma pessoa inclui sua individualidade, isto é, o Espírito que ela é. A personalidade não é a individualidade. Enquanto esta evolui, desenvolvendo-se ao encontro do *Si-Mesmo*, aquela é mutável a cada nova existência.

Psiquê. O mesmo que aparelho psíquico. Representa a totalidade das funções psíquicas e todos os processos

que envolvem o deslocamento de energia a serviço do processo de *individuação*. Engloba não só os processos conscientes e inconscientes como também aqueles que fogem ao domínio imediato da realidade. Nele se encontram os opostos que anseiam em se completar. Jung dizia que a *psiquê* é o princípio e o fim de todo conhecimento, é o objeto e o sujeito da ciência. São quatro os níveis da *psiquê*: consciência pessoal, inconsciente pessoal, consciência coletiva e Inconsciente Coletivo.

Self. *Arquétipo* da totalidade, isto é, tendência existente no inconsciente de todo ser humano à busca do máximo de si mesmo e de encontro com Deus. É o centro organizador da *psiquê*. É o centro do aparelho psíquico, englobando o consciente e o inconsciente. Como *arquétipo*, se apresenta nos sonhos, mitos e contos de fadas como uma personalidade superior, como um rei, um salvador ou um redentor. É uma dimensão da qual o *ego* evolui e se constitui. O *Self* é o *arquétipo* central da ordem, da organização. São numerosos os símbolos oníricos do *Self*, a maioria deles aparecendo como figura central no sonho.

Si-Mesmo.²⁹ A individualidade humana completamente desvestida dos aspectos coletivos inerentes à personalidade. É o Espírito, enquanto essência, princípio inteligente individualizado. O *Si-Mesmo* se realiza através do *ego*, isto é, na consciência, atualizando o *arquétipo* do *Self*. O *Si-Mesmo* é a essência do ser humano, princípio divino que se manifesta através da personalidade.

Sincronicidade. Conceito usado por Jung para designar dois ou mais eventos que parecem ter uma correlação, sem que se encontre um nexos causal entre

²⁹ Para Jung, *Self* é o *Si-Mesmo* (selbst).

eles. É um princípio de conexões *acausais*. Na ocorrência de fenômenos sincronísticos, o tempo e o espaço são reduzidos a vetores secundários, não quantificáveis. Tais eventos são chamados de fenômenos da *coincidência significativa*. Jung dizia que os fenômenos da *sincronicidade* “mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico, e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles”.³⁰ Os eventos ligados aos fenômenos da percepção extrassensorial são considerados por Jung como sendo da *sincronicidade*.

Sombra. Representa o que não se sabe ou se nega a respeito de si mesmo. A *sombra* é o *arquétipo* que representa os aspectos obscuros da personalidade, desconhecidos da consciência e que estão mais acessíveis ao *ego*. Normalmente tem-se resistência em reconhecer e integrar a própria *sombra*, o que leva o indivíduo, inconscientemente, às projeções. Essa integração é geralmente feita com relativo esforço moral. A *sombra* representa o que se considera mal e o que o ser humano não se dá conta de que lhe pertence, fazendo parte dele tanto quanto o bem. A *sombra* contém o bem e o mal desconhecidos ou negados no ser humano, ou que não foram conscientizados. Portanto, é acertado dizer-se que a *sombra* contém também qualidades boas. Ela dá lugar à *persona* por uma necessidade de adaptação social. Sua exposição torna o indivíduo inadequado e inviabiliza sua convivência harmônica. Nos sonhos, a *sombra* costuma aparecer como personagens do mesmo sexo do sonhador, muitas vezes em atitudes aversivas ou como alguém conhecido e antipatizado por ele. Tem-se uma tendência a projetar as características pessoais da *sombra* nos outros, conside-

³⁰ JUNG, C. G. *Obras completas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. VIII, par. 418, p. 220.

rando-os moralmente inferiores. Reconhecer a própria *sombra* é um grande passo no processo de *individuação*. A *sombra* se opõe ao *ego* e ambos se relacionam num regime mútuo de compensação.

Supra-arquetípico. Tendências divinas a que todo ser humano está sujeito, além daquelas internas, direcionadas pelos *arquétipos*. É aquilo que obedece a leis universais, por enquanto, sem qualquer possibilidade de manipulação pelo humano. O *supra-arquetípico* é aquilo que limita o ser humano, impossibilitando-o de fazer ou ser diferente. O *supra-arquetípico* é o Divino que tudo permeia.

Bibliografia

- ADISWARANANDA, Swami. Vivekananda: professor mundial. São Paulo: Madras, 2007.
- ANDRÉ LUIZ (espírito). Mecanismos da mediunidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973.
- BRANDÃO, Junito. Dicionário mítico-etimológico. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1.
- BUNGE, Mario. Filosofia da Física. Lisboa: Edições 70, 1973.
- CHESTER, Michael. Partículas. Rio de Janeiro-Brasília: Artenova/UNB, 1979.
- EISBERG, Robert; RESNICK, Robert. Física Quântica. 24. imp. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 1979.
- FREIRE JÚNIOR, Olival; CARVALHO NETO, Rodolfo Alves de. O Universo dos Quanta: uma breve história da Física moderna. São Paulo: FTD, 1997.
- GREENE, Brian. O universo elegante. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- GRIBBIN, John. À procura do gato de Schrödinger. Lisboa: Editorial Presença, 1988. v. 1.
- HAWKING, Stephen W. Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

- ISAACSON, Walter. Einstein: sua vida, seu universo. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- JUNG. C. G. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v. 8.
- JUNG. C. G. *Aion-Estudos sobre o simbolismo do si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982. v.9, t. 2.
- JUNG. C. G. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1988. v. 6.
- JUNG, C. G. *Cartas*. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 3.
- JUNG. C. G. *Estudos sobre psicologia analítica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. v. 7.
- JUNG. C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000. v. 9, t. 1.
- KARDEC, Allan. O livro dos espíritos. Salvador: Harmonia, 2007.
- KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- LIMA, Moacir Costa de Araújo. Quântica: espiritualidade e sucesso. Porto Alegre: AGE, 2007.
- PAGELS, Heinz R. O código cósmico. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1982.
- RUSSELL, Bertrand. Análise da matéria. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- WEINBERG, Steven. Os três primeiros minutos do universo. Lisboa: Gradiva, 1987.
- ZUKAV, Gary. A dança dos mestres Wu Li: uma visão geral da nova Física. São Paulo: ECE, 1989.



Religião Pessoal

Adenauer Novaes
14 X 21 / 228 páginas
ISBN 978-85-86492-24-2

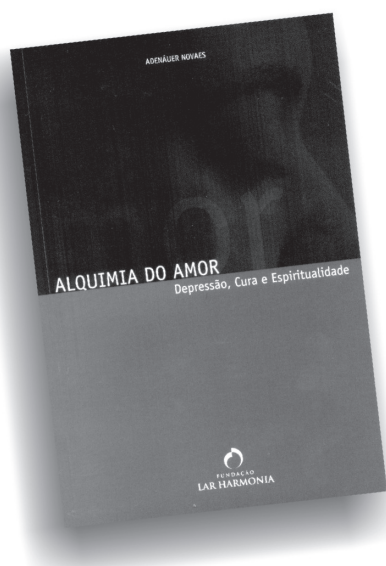
Este livro trata de religiosidade e das expressões relacionadas ao sagrado, referentes à marca religiosa na mente humana. Trata de Deus e das formas como o Criador é buscado. No interior da alma humana há algo profundo e misterioso que o ser humano chama de Eu ou de Deus interno. É esse mistério que o autor procura desvendar.

Felicidade sem Culpa

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 144 páginas
ISBN 85-86492-09-4

Trata da felicidade como um estado de espírito alcançável mediante a libertação das culpas acumuladas pelo indivíduo em suas existências. É um livro destinado àqueles que buscam a felicidade e que necessitam se desligar de culpas que atrapalham sua felicidade.





Alquimia do Amor – Depressão, Cura e Espiritualidade

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 256 páginas
ISBN 85-86492-17-5

O autor faz um estudo profundo a respeito da depressão, apresentando seus principais sintomas, suas causas e formas de tratamento. Procura desmistificar a depressão, estabelecendo as diferenças em relação a outros estados de consciência, visando um diagnóstico mais preciso. Considera a depressão como um processo de auto-erotização e de alquimia de energias internas. O enfoque é psicológico e espírita.

Conhecendo o Espiritismo – Um curso básico

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 130 páginas
ISBN 85-86492-04-3

O livro apresenta o Espiritismo numa linguagem simples para aqueles que se iniciam no seu estudo. É utilizado como manual no Curso Básico de Espiritismo. Apresenta os princípios básicos do Espiritismo de forma a facilitar o estudo e a compreensão de sua importância para o ser humano.





Mito Pessoal e Destino Humano

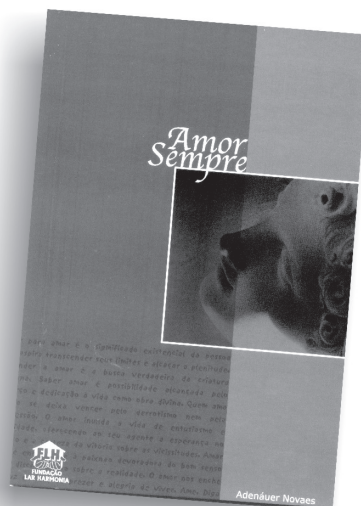
Adenauer Novaes
14 x 21cm | 256 páginas
ISBN 85-86492-21-3

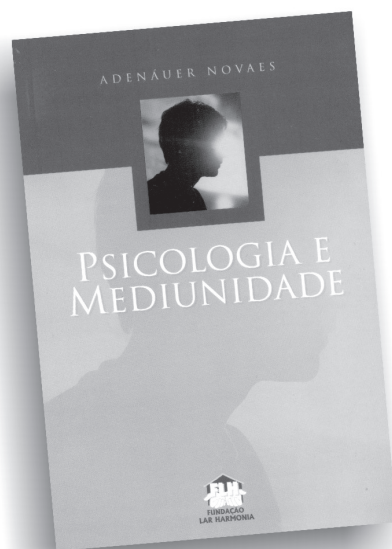
Trata da análise do perfil da vida humana em seus aspectos macros e das experiências que formam o existir. No seu conteúdo, o autor apresenta uma idéia do destino pessoal e de como é traçado pelo espírito. Contém também algumas formas de se enxergar o mito pessoal vivido e como alterá-lo.

Amor Sempre

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 118 páginas
ISBN 85-86492-07-8

O livro sintetiza as várias formas de amor numa linguagem simples e direta que toca o coração. É dedicado a todos que fizeram prevalecer em sua vida o sentimento do amor a Deus, à vida, ao próximo e a si mesmo.





Psicologia e Mediunidade

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 172 páginas
ISBN 85-86492-11-6

Este trabalho tenta estabelecer uma ponte entre o espiritual e o psicológico, apresentando a mediunidade como uma faculdade que deve ser utilizada pelo ser humano nas diversas atividades da vida. A mediunidade é um dos instrumentos de que dispõe a mente humana para o acesso ao inconsciente, permitindo que a realização pessoal se dê com a inserção do espiritual.

Sonhos – Mensagens da Alma

Adenauer Novaes
14 x 21cm | 236 páginas
ISBN 85-86492-03-5

Um estudo sério a respeito dos sonhos, considerando-os como recados ao sonhador. Introduz o leitor no mundo onírico, mostrando sua importância para o desenvolvimento psíquico e espiritual com uma análise comparada esclarecendo o pensamento espírita a respeito.

